Da Communidade da M.ye de Deos

16

ms. illusra
167

Fr. Luis de Stiago

Ao Lector.

Desta vida amorosa, e seus tormẽtos
Lê o q̃ a Musa triste tẽ cantado
E quanto o estillo foi menos louuado
Tanto mostrara mais merecimentos
Foy culpa de enganados pensamẽtos
Q̃ quanto o Verso hyr bẽ ou mal limado
d'uns reprendido ser, doutros louuado
São cousas pera que tem Vãos Intẽtos
Os olhos fuy por sô em seu exemplo
humildade, e Amor, pureza, e tudo
Tenção desprezadora de perigos.
A torre lhe seruio de pia, e templo
O muito q̃ sofreo, que não faz mudo?
Se vos há como negais, Inda isto Imigos.

VIDA MIRACV
LOSA. E INSIGNE
MARTIRIO DE SÃC
TA BARBARA. EM OV
TAVA RYMA. REPAR
TIDA. EM QVATRO
CANTOS

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Epistola A reuerendissima Madre Soror Bernardina da transfiguraçaõ Abbadessa do Insigne Mosteiro da Madre de Deos De Lixª

Conta plinio natural Reuerẽdissima Madres q querendo os gregos embarcarse na frota, q̃ tinhaõ prestes pera a guerra trojana. pera alcãçare

Ventos prosperos, e fauoraueis q̃ auia dias, que lhes faltauaõ, e por cujo respeito sò se detinhaõ, quiseraõ aplacar Diana, q̃ cõtra elles se mos traua irada por causa del Rej Agamẽ non determinaraõ sacrificarlhẽ huã dõzella cujo nome era Iphigenia, q̃ à tinha offẽdido. despois do sacrificio acabado, e o espanto delle começar romper por tudo, aquelle famoso pin tor Thymantes vençido da occasiaõ e libiado da honrra q̃ podia ganhar nella determinou de empregar seu raro ẽgenho artificio, e habilidade

em retratar este horrendo, e lacrymo
so espectaculo. E tendo la tirado o
sitio em q̃ se effectuou, e ornamẽtos
delle, despois de esculpidos todos os
circũstãtes, q̃ erão os principays de
grecia com effectos de suma compai
xão e tristeza, cõ mor força de sẽ
timẽto, magoa, e dor, retratou ho
rosto de hũ seu tyo tanto ao natural
e tão compassiuo, q̃ assy mesmo
parece q̃ admiraua. Mas quã
do chegou a retratar o rosto descõ
solado, e aflicto delrey Agamenon
seu pay, q̃ fora principio meio, e
fỹ de sua vida, vẽdo q̃ a arte

naõ Se podia igualLar cõ a natureza
disso em hũa escura nuuẽ cõ hũ Ve
lo deixou cuberto aquelle rosto real
cujo coraçaõ o mesmo amoroso effej
to mostra, e persuade, q̃ fora cruel
mẽte traspasado, pera q̃ quẽ o Vise
assy, lhe aplicasse, o q̃ mais, lhe mo
uesse a Intēçaõ, & o affeiçoasse, ao q̃
elle pretẽdia. Lembrãdome Isto hũa
Vez, e muitas Vezes, pareceome
rezaõ Imitar esta Inuẽçaõ Sutil, e
engenhosa pois a tenho mais pera
uzar della, q̃ elle. E diso como
V. M. Vera no discurso desta

Saudosa e Sanctissima Vida. Trato
de tudo, o q̃ passou, naõ deixãdo nẽ
as miudezas della. Porq̃ naõ sey
cousa sua, q̃ naõ seja digna de pon
deraçaõ, & exẽplo, & em q̃ se naõ achẽ
mil thesouros, q̃ o amor, e sua devaã
çaõ descobrẽ. E atẽ a dos Crueis Ty
ranos, e a do Ingrato pay naõ deixo
de põderar, mas quãdo vy tratar=
de como foy degollada, e por seu pro
prio pay, passey a diante, encobrỹ
do cõ as nuvẽs de seus merecimen
tos minhas ignorancias, e rude
zas. Mas naõ he muito poys Thy
mãtes naõ pode figurar hũ rosto=

mais propriamẽte mortal senaõ cõ
esta desusada pinctura. Eu q̃ posso
dizer de huã alma ja diuina nẽ
de seus louuores? q̃ naõ seja offẽ
der mais, o q̃ mais desejo vene
rar, e seruir senaõ confessar
q̃ tẽ, o q̃ pretẽdeo, e q̃ goza, do q̃ me
reçe. E posto q̃ lhe faltẽ muitas
cousas, q̃ podera leuar se outrem
seguira esta deuida mas diffi
cultosa emprẽsa, desculpame o q̃
de mỹ se sabe. Os Doutores, e
Sanctos, q̃ por seus Cronistas
esta gloriosa Martyr teue, são

Dionisio Cartuxano, e Iacobus
de Voragine, Frey Claudio, Pero
de Natalibus bispo Equilino, E
Sancto Antonino, q̃ tirou a Vida
q̃ della refere São Vicẽte, E pe
ro Galenisio, da q̃ Ja tinha escripto
São Joaõ Damasceno, e diarçenio,
q̃ em nossos tẽpos tirou Lourẽço Su
rio, e da q̃ escreuẽo Aloysio Ly
pomano tirada de Symaõ Metra
phastes, a quẽ mais siguo, dos quaes
ys recupiley, o q̃ della trato, E em
satisfação do tẽpo, q̃ nisto gastey, pe
ço a V. R. q̃ pois sabe, q̃ deuo

tudo, a essa Sancta cassa; aceite a
vontade, cõ q̃ lhe offereco a primy
cia de meu ẽgenho, E queira q̃
lhe deuá mais no dia desta glo
riosá Sancta ter hũa Aue Ma
ria nella, porq̃ cõ Isto, os Seũs me
recimẽtos: E cõ os fauores da Ma
dre de deos espero, o q̃ V. R. por
mỹ lhe pede, cuja reuerẽdissima
pessoa Nosso Senhor goarde, e
vida acresçẽte, em Lisboa oje
3. de dezembro de 1583.

Soneto dedicandolhe esta historia

Já da fillice, & Immẽsa Atrinidade
Em Varyas ti escôlhy; esta bonina
Tão candida, tão Suave, e tão diuina
porq̃ tudo Se deue; a tua bondade
Es mestra de Virtudes, e humyldade
Es guia, q̃ o caminho nos ẽsina
Es alma rara, noua, e peregrina
Es Luz, q̃ dás ẽ tudo claridade

com Intẽção

Com Intēçaõ de logo dedicalla
A ty, q̃ em mỹ, Criaste este desejo
de quẽ, o q̃ lhe falta, Sò o espero
pretẽdy, mas quẽ pode bẽ louuala?
Contra mỹ, cõ rezaõ Ser tudo Vejo
Senaõ Sey, o q̃ quis Sey, o q̃ quero.

Prosa do primeiro canto

ESCREVE ALOYSIO LIPOMANO

Author mui graue que no anno de mil tre
zentos e cinqua depois da encarnação do
senhor a quatro dias de dezembro sendo
emperador Maximiano foi o cruel martirio
desta gloriosa sancta. E com quanto gasto
seu pay seruia, e Veneraua os Idolos, e
perseguia com nouas crueldades a ley de
Christo e os q nella viuião, tanto q
da vida e da fazenda os priuaua. Que vi
uia em hũa cidade de Egipto chama
da Eliopoles. E diz que era illustre e
rico porem gentio. E q se chamaua
Dioscoro pay de hũa so filha por nome

Barbara, â qual amaua como conuinha â unica herdeira de seus bẽs, a quem sobeiaua prudencia, graça i fermosura. Diz dionisio Cartuxano em hũ sermaõ, q̃ della fez, que morta a may da sancta, lhe buscou o pay os mais raros mestres q̃ auia ẽ toda aquella prouincia, pera que lhe ensinassem âs artes liberaes. Achandõos occupados todos nisto, ella cõ muita dilligencia âs aprendeo. diz Lipoma. nó que zellôso o pay de sua inteireza, boa fama, e partes, que com a communicaçaõ do mundo, e descuido dos pays âs vezes se perdem, lhe mandou fazer hũa torre, por tal artificio, q̃ nhũa pesõa de fora a podesse ver, nem ter a ella entrada. E feita a torre ali recolheo a filha taõ amada delle. =

& diz São Ioão damasceno, c Aisenio na vida que della escreueraõ, q̃ o principio de sua conuersaõ nella foy, a consideracaõ da machina & fabrica do mũndo, e a obediençia, e constançia q̃ sempre guardaua. De que veio a entender, q naõ se deuia louuor de taõ grande obra aos Idolos, nem a fortuna, mas antes auer alguem, que precedia & criara tudo. E diz santo Antonino na vida q̃ della escreueo, q̃ tirou de saõ Viçente q̃ nũnca seus pensamentos occupou em cousas humanas. & q̃ em secreto honraua o verdadeiro dẽs, a quem pedio lhe desse remedio com q̃ fosse baptizada, q̃ naturalmente o naõ tinha. & q̃ o senhor lho concedeo logo, e reuelou q̃ de se baptizar per sy era seruido. Porque

Isto foi feito fora da ley commũ da Igreia,
por spicial priuilegio de ds, q̃ nã atou
de tal maneira seu poder aos sacramentos
que nã possa quando quiser sẽ sacramẽ
tos Justificarnos. E logo do ceo milagro
samente lhe veio agoa a torre, onde sta
ua e nella se baptizou. E diz o mesmo sãc
to q̃ teue por mestre o spirito sancto. O mes
mo diz Lipomano. E diz são João da
masceno e Arsenio q̃ cresceia cada vez
mais na fee, no saber, e na Idade. E diz
frey Claudio na vida q̃ della escreueo, q̃
o snnor lhe reuelou, que escreuesse a Ori
genes, q̃ viuia em Alexandria. E o mes
mo diz Dionisio Cartuxano, e ambos
conformão nisto, e q̃ se fiasse de Valerio,
como fez por ser grande seruo do senhor.
E cuido que poderlhe fallar e darlhe a

carta, foy marauilha do ceo, na qual diz
frei Claudio, q̃ perguntaua a Origenes
algũas duuidas, q̃ tinha, e cousas, q̃ de
nouo queria saber. E elle aceitou a Jor
nada, e partio logo com grande cuidado,
e naõ sentio o trabalho do caminho. diz
dionisio Cartuxano, q̃ o achou no paço
do emperador Allexandre Seuero, ensinan
do os Christaõs, onde lhe deu a carta, q̃
recebeo com alegria diuida. E despois de
a ler beijou o chaõ, e amostrou a Mamea
may do emperador q̃ foy grande parte
pera a fortesificar na fee, e a sua familia.
O grande Origenes lhe respondeo a tudo
e lhe mandou as Epistolas de saõ Pau
lo, e a sagrada scriptura, e os psalmos
de dauid, e instrodusa nas cousas necessa
rias da nossa fee. E acabado isto co sa
udade despedio o portador, e chegado a

Heliopoles. o como soube, naõ nó diz nin
guẽ, aInda q̃ nisto se diga. dionisio Car
tuxano pondera q̃ se fez doente. e q̃ fin
gio ser phisico, que a Vinha curar, q̃ de
outro modo naõ lhe podeia fallar, e cõ esta
occãsiaõ o mandou chamar; e Vindo, oa
guardou na cama, e recebeo com sumo
gosto. E Vindo o pay, e achandoo ahy,
espantado lhe perguntou, que era. respon
deolhe a filha, que era phisico, q̃ a queria
dar saã. porẽ que auia de tomar em tudo
seu conselho, cuidou q̃ fosse asy, e isso
o quietou. E despois de passar isto. Va
lencio lhe deu os liuros, e a carta, e cõta
de tudo o mais, e foise. Diz Lipoma
no, q̃ mais estaua a Virgẽ nã torre spiri
tual, q̃ sobre o fundamento da fee se edi
fica q̃ na artificial, feita por ordẽ de seu

pay gentio. porq̃ seu pay celeste a reseruaua
ia pera saude de muitos com seu exemplo e
constancia nos martyrios como no mais
succeso de sua vida veremos. Chegan
do a Idade de poder casar, desuelado o pay
no cuidado de a que a daria por molher,
por lhe sairem muitos, q̃ por essa a pedi
ão ricos, e de grande sangue. porq̃ sua
fermosura ainda que não vista, ouui
da pore, e publicada, por tal os conuida
ua a yso. Tendo o pay por desacerto,
não descobrir a filha, o q̃ andaua for
jando, & auer della seu consentimento,
descobriolhe seu cuidado. tomou Isto tão
mal, q̃ não somente consentio na de
terminação do pay, mas nem ouuir nis
so fallar queria, e lhe pedio q̃ nisso lhe
não tocasse mais sob pena de o não no

meear mais por esse. São Joaõ damasceno diz. que fora grande doudiçe, deixar por terreal celeste sposo. e deixar a contempla çaõ das cousas diuinas. manjar saudá uel dalma. Lipomano tambẽ diz. q cuidando o pay. q era aquillo primor da filha, e comprimento de sua hones tidade. e naõ obstinaçaõ. por lhe dar lugar de cuidar nisso de vagar sem ma is apertar com ella, se desçeo da torre a mandarlhe fazer hũ banho, debaixo della, pera nelle se banhar. e meteo logo muitos officiaes, pera lho fazerẽ. e pagoulhes dante maõ seu trabalho. e em lhe mandar fazer duas fiestas na torre. nisto conformaõ todos por naõ ficar de todo escura. Santo Antonino

diz, q̃ nesta conjunçaõ ho mandou o empe
rador chamar. M. Lipomano, q̃ se par
tio pera hũa terra remota desa, em q̃ vi
uia. mas sigo antes nisto Santo Antoni
no. porq̃ quem criaua tanto a filha, naõ
na deixara se naõ por mandado de quẽ
naõ podia deixar de obedecer. E diz
Lipomano, q̃ a sancta deçeo da torre, a
ver o banho q̃ se fazia: e vendo en
taõ que pera a parte do Sol tinha so du
as fiestas, por onde entrauaõ seus raios
reprehendeo os officiaes. porq̃ naõ lhe
fezeraõ tres, porque asy ficaria mais cla
ra e a obra da ventagem. Responderaõ
lhe os officiaes, q̃ seu pay lhe mãnda
ra fazer duas. Apeitou entaõ cõ elles,
q̃ fizessẽ logo tres, e q̃ o naõ temessem
q̃ ella lhe daria tal rezaõ, q̃ ficasse satis

feito. Fezerão os pedreiros o q̃ lhes mandou. E descendo ella da torre muitas vezes, pondo os olhos nũ marmore, q̃ tinha da banda do Oriente, fez nelle com o dedo o sinal da cruz com tal impresão, como se com ferro fora feito, o qual ainda oje em dia stá no lauatorio conseruado. e cura todas as infirmidades dos q̃ amão a Christo. E se a quisermos comparar com as agoas do rio Jordão, ou as de Siloe ou com a piscina probatica, q̃ sta ua em Jerusalem não erramos. porque asy como nestas agoas. os q̃ se lauauão recebião saude, asy todos os q̃ neste lauatorio se banhão. sendo deuotos de Christo, e desta sua sposa, logo sarão de todas suas infirmidades.

Ignorantias . meas . ne meminceris . dauid . ps . 24 .

Se aquelle rei prudente, e conheçido,
despois de saber tudo, soube tanto
que pede q nao seia comprendido,
Nas cousas q nos dão exẽplo, espanto
Eu peço, Virgẽ mais q arrependido
Por teu meio me veia neste canto
As minhas ignorancias não olhando.
Por mais q ca, e lá, me stão culpado

Canto Primeiro

Hú caso Musa minha cantaremos
de grande admiraçaõ, en tudo novo
Culpas de hũ pay cruel reprenderemos
Peor q̃ quantos deu nunca mao povo.
Tambem do mao Juiz os vaõs stremos
E as rezoẽs callarei, porq̃ me movo
Naõ da Innocente filha sua firmeza
Sua fee, seu amor, e sua pureza.

Mas com voz fraca, engenho humano, e rudo,
quem podera cantar hymno celeste?
quem pode, sendo nada louuar tudo?
se naõ quando poder quanto podeste.
¿Solta a lingoa? Desata o spirito mudo?
pera Virgẽ mostrar q̃ merecceste.
Ouuir ao æterno sposo amada minha.
q̃ cousa pode ter q̃ mor naõ tinha?

Com hũa faisca so de amor diuino
Meu stilo leuanta e peito accende
Porq̃ eu com tua ajuda determino
Prouar q̃ a puro amor, tudo se rende
Teu cãto faze raro, e peregrino
Nelle me guia tu, tu mo deffende,
Pois a ty, pera ty, te inuoco Santa
De quem s' admira a terra, e o ceo s'espãta

A deoses naõ inuoco fabulosos
que naõ saõ, nẽ o crẽ, senaõ perdidos
Mas inuoco os spiritos gloriosos
Com dotes immortaes engradecidos
E liures ia dos laços perigosos
do mundo, com q̃ tem tantos vencidos
e disso sinto em mỹ noua mudança
Nouo amor, nouo ser, noua sperança.

A decima, geral, e mor tormenta
q̃ á barca combateo sempre segura
daquella firme pedra q̃ sustenta
O q̃ reproua a gente sem ventura
depois da com que Nero se contenta
q̃ á may, mestre, e molher deu morte dura
A Pedro e Paulo deu a milhor parte
O q̃ fez! sem fazer cõ q̃ os aparte?

Foy Imperádo o mao Maximiano
q̃ os Idolos profanos adoraua
Roubado porq̃ quis do falso ẽgano
Aos quais fazenda e asy sacrificaua.
Tinha só por delicia ser tyrano
A d.s por deoses falsos desprezaua.
Stremos taõ crueis nisto fazia.
q̃ Inferno mais q̃ homẽ parecia.

por tal fez diocleciano companheiro
despois de ter o Imperio prosperado
q̃ o mor Simoẽ mandou fosse o primeiro
de quẽ seu torpe pee vise beijado
Teue em Roma tãbem por derradeiro
hũ triumpho de todos mais louuado
de Egypto, e Oriẽte as vaãs riquezas
Siruiraõ, de q̃ seruẽ? de baixezas

Dez annos inda asim com tudo isto
A perseguir a ley iusta, s'apreça
dũ modo ate então nem sera visto
q̃ sempre vaã sobindo & nũca deça
Contra os q̃ crem no nome e ser de Christo
Sintasse a crueldade que começa
E tãtos mil christãos so nũ mes mata
q̃ as varias cadeiras encher trata

Não se pode contar com lingoa ou pena
As dores, as Injurias, & os tormẽtos
q̃ contra quem no sofre & seus ordena
desfaz templos q̃ ergem pensamẽtos
A não poderem ter nada condena
Aos bispos deixa so ricos intentos
Na provincia de Phrygia mãda logo
hũa cidade e gẽte ardesse ẽ fogo

E atãto mal chegou o erro deste
q̃ parece q̃ foy doudice ou sonho
Foy raio, foy Verdugo, guerra; e peste
Açoute dos Christãos nome lhe ponho
Nũca mũdo cruel, tal cruel deste
spantosso, Intractauel, e medonho
E quando nenhuã destas cousas fora.
bastaua a q̃ mouer nos faça agora.

Marcelino ao lugar alto ellegido
por Cabeça uniuersal e papa em Roma.
despois de preso e antelle ser trazido
O incenso foy a estatua cõ q̃ o doma.
Vendose logo solto e conhecido
de cinza, e de vil saco, libre toma.
A cidade se vay logo de Sessa.
Com lagrimas, q̃ a dor tudo cõfessa.

Onde seruos leaes Vio congregados
prouer o q̃ no caso se faria
deixa tudo condemna seus cuidados
q̃ a d's, e a elles diz perdão pedia
da mudança, cõfussos e admirados
respondẽ q̃ elle asy se julgaria
o negar quẽ no fez tambem cõ medo
sẽ ser dos mais julgado ou tarde ou çedo

Sahyo fora chorou a culpa amarga
tua causa contigo la se auenha
Não lhe querem aceitar o q̃ lhe larga
por sua dignidade, e absolto venha
Tornasse, e fez o amor q̃ feruor traga
Com q̃ do boo pastor so medo tenha
Vendo q̃ confessaua o q̃ elle nega
A alma ao ceo, a cabeça a terra ẽtrega

ha no fertil Aegipto hũa cidade
Eliopoles chamada tão perfeita
tão grãde e de tão grãde magestade
q̃ so lei o q̃ tinha me deleita.
por tal foy consagrada a diuindade
q̃ crião ter o Sol errada seita,
Agora por Belsemes nomeada
E dos soberbos Cytas occupada.

Nesta viuia sempre hũ grão Senhor
por fresca, por insigne, e opulenta
rico baixo, e constãte peccador
Illustre onde a culpa mais se isenta
duro, vão, descuidado, e sem temor
tributos de q̃ o Inferno se sustenta
O qual so de cruel merece nome
ningẽ outro lhe dee, ningẽ lho tome.

deste asy mas em tudo differente
Barbara filha foy. o merecerara.
deste tigre nascer, desta serpente
tal pomba que na vio, que naspeirara.
Criouse cõ não sei nunca contente
do gentilico amor, em q̃ a criara
cõ so discurso humano inda sẽ fee
despresa quãto o pay estima e cree.

As tenrruras de amor todas lhencobre
q̃ foy da rezão sempre esquecimento
Nem as cousas direi, q̃ lhe descobre
porq̃ amor tira, e da entendimento
So de riquezas vaãs nunca foy pobre
retratada a tem nalma o pẽsamento
E era de seus bẽẽs herdeira, e imiga
obra insigne da fee tão noua e atiga

Sua prudēcia, graça, e fermosura
Vence o louuor humano. Vēce a fama
q̄ te na Eternidade onde só dura.
Dōde com seu exemplo asy nos chama
O amor, de q̄ goza nos segura
q̄ por amor se daa, a quem d's ama.
O mesmo sposo seu, esse a dotou.
Esse lhe deu os bēes, q̄ nella achou.

Morta a May, eis o Pay confuso, e triste
de amor, e saudade penetrado
A fortuna cruel ningē resiste
Ningē foge, dizia, de seu fado
Naõ podeste sofrer o bē q̄ Viste
O mal sem sofrimēto mas forçado?
A cuidados sem fim entrege fico
de penas, e suspiros, me fiz rico

Cheo o peito de dôr sem confiança
tudo condemna em vão, tudo aborrece
de q̃ cousas amor sempre mas lança
O q̃ lhe vay lembrar, o q̃ lhe esquece
Na filha lhe ficou sua sperança
A saudade vendoa nalma crece
Em lagrimas seguras se transforma
Pera o q̃ ade seguir dellas se informa

Mestres mãdou chamar, q̃ lha ẽsinassẽ
das artes liberaes, os mores teue
q̃ por isto fazer tudo deixassem
Aos quais ella excedeo ẽ tempo breue
do q̃ lhe ouuirão cuido se admirassẽ
E o pay lhes pagasse, o q̃ nao deue
com pallauras, com obras, cõ desejos
q̃ prœmios nunca humanos são sobejos!

Mas sempre o muito amor muito recea
E nunca do temido se deffende
Nem ha mal nem engano q̃ naõ crea
O q̃ lhe foge mais segue e pretende
Na cidade na Villa ate nal dea
qualquer occasiaõ mui leve o offende
quando iá se segura, e satisfaz.
he quando so faz tudo, e so o desfaz

Zeloso da Inteireza, e fama boa
quis nisso o Pay guardar a filha honesta
q̃ ate com o que naõ faz perde a coisa
E inda as cousas futuras manifesta
Naõ se engane ningẽ sem azas Voa
Virtude he sẽ aqual nenhuã presta
So com ella a pureza se resguarda
quem a deixa naõ sabe o q̃ lhe tarda

disto temido, & asim de muito astuto
do descuido, q̃ o mundo traz cõsigo
tiroulhe occasiões não como bruto
Mas como quẽ entende seu perigo
Era mestre de males resoluto
Exemplo não deixou certo d'Inimigo
hũ barbaro gentio nos ensina
Idolatra sem ley recta & diuina.

Epera desẽgano seu calheo
Mandou hũa forte torre edificar
A qual inda excedia seu receo
Figura da q̃ vinha figurar
Em fim deste principio fez d's meo
pera se vir seu nome dillatar
porq̃ em tudo so se teme delle
Nem faz nada, nẽ quer senão por elle

Fabricada com tão nouo artificio
q̃ defora ningẽ vella pudesse
E q̃ a força de engenho, e beneficio
Nem entrada pera ella se fizesse
So mandarlha fazer tem por officio
Nem podia outro ter, q̃ mais quisesse
do q̃ o pode estrouar se desoccupa
Não sey quẽ possa errar se bẽ se occupa.

disso com tal remedio logo aceita
posto q̃ esse não fosse seu intento
Mas quem hũa ley tão larga, tãto aperta
he magoa, ter tão baixo pẽsamento
quem na vida tão breue, e tão Inçerta
tem da vida Immortal, esquecimento
Muito mais q̃ este vil perfido erra
pois tendo o bẽ no ceo, buscão na terra

Com causa Ingreme tã soberba e alta.
sem padrasto nenhũ, segura, e grãde
Mas sempre ao odio baixo tudo falta.
Ainda q̃ tudo faca, e tudo mãde
he forja q̃ o amor apura, e exalta
q̃ a Roda da fortuna ãde, ou desãde
Nã na pode vencer sempre he vẽcido
tudo o q̃ faz em fim fica perdido

Feita a torre sem pompa, e cõ tristeza.
deixãdo Phœbo ja a terra escura.
E o silencio commũ dando certeza.
da hora, q̃ agoardaua ser segura.
A filha leua o pay sua Inteireza.
Mostraua ter no ceo alta vẽtura.
chegãdo descãsou deixaã cõtẽte
q̃ fara em sentindo, o q̃ nao sẽte?

Fella temida sei, fella custosa
porq̃ hũ rico thesouro quis por nella.
Foy pedra tão diuina, & preciosa.
Tãto q̃ o mesmo D.s se deu por ella.
Estaua tão Seguera, & temerosa.
q̃ não pode chegar o mũdo a vella.
Ingrato, falso, pobre, fraco, e cego
de ẽganos, e de males fundo pego

Contra erros da võtade não porfio
Ou me louue cõ isto, ou me desgabe.
deixo agora as rezões, de q̃ me fio
cãtemos o q̃ Sa. BARBARA sabe
do q̃ desejo sempre desconfio
porq̃ Sabe sofrer, dizer não sabe
A lingoa da affeição q̃ Se outra fora.
Choraria, o q̃ não fiz; e faço agora.

Apartada daquelle vaõ tumulto
O q̃ sẽtia em sy, não nõ entẽdia.
quãto o remedio estaua mais occulto
tãto mais o deseio se acendia.
Mostraualhe o cuidado hũ nouo vulto.
q̃ com nada, e com tudo parecia.
Apos o q̃ imagina se arremessa.
Com o pensamẽto, e pees qual amor pressa.

de veiga q̃ pretende naõ alcança.
Fica mui inquieta e descõtẽte
de naõ saber em q̃ ponha a sperança.
Achã hũ mal ser dos outros differente.
Mas o senhor q̃ naõ nega a mudança
cõ q̃ a alma se lhe faz pura, e cõtente.
Os meos pera o fim seu lhe descobre.
que quanto nos queremos so encobre.

Logo fez hũ discurso muito certo
guiado do Juizo, e da rezão
E a fabrica do mũdo descuberto
lhe tem Ja quasi a Suma perfeição
Nas strellas, e ceo Vê de mais perto
Não poder criar isto imperfeição
Na ordem q̃ obedece, e no governo
Affirma cousa ser de hũ dõ Eterno

Q̃ não se deuẽ dar disto louvores
Aos Idolos vãos nem á fortuna
Obras feitas por cegos peccadores
gẽte q̃ de ẽganar não se importuna
disto movida a amar outros amores
Aonde o seu desejo, quer q̃ se una
Ella pergũta a sy. mas q̃ do modo?
Virmea, de quẽ so vem sempre o bẽ todo.

E seus cuidados nunca se occuparaõ
No engano, q̃ daa mil deseganos
Seus desejos do occulto veneraraõ
O Senhor dos senhores soberanos
A fe, e charidade ardis buscaraõ
pera deseganar tantos tyrannos:
E q̃ fosse o caminho trabalhoso
por facil tem ia o mais difficultoso

Remedio a quem o da sempre pedio
Cõ q̃ a culpa de sy ia despedisse
Concedeolho o Senhor, e descobrio.
fauor que outro ategora senão visse
Os Jubilos q̃ por isto, ē sy sentio
se ao mũdo o menor se descobrisse
todos Chrystaõs seriaõ dos primeiros
Penitentes, humildes verdadeiros.

Ouuy mortaes tão noua marauilha.
Mas da graça diuina tudo crede
Se o sabio a tres cousas não achou trilha
quanto menos na quarta achara vede?
tanto por leuantarnos d's se humilha,
q̃ antes ser escolhido pouo pede.
que lhe seus filhos sempre mal mataua
q̃ quem lhos a te sy resuscitaua.

Se a d's mesmo q̃ he seu deu isto o mũdo
como aguarda ningẽ por milhor paga
O cegeira tão grãde. ó mal profundo
Esta lembrãça so nalma se traga.
Tal caso não tera nũca segundo
que o diuino amor cõ odio apaga.
Esta Sancta não segue a que tornemos
porque o Senhor fez tãtos estremos

Estando la de todo aparelhada
A agoa do ceo lhe traz alj ofermor
Com q̃ logo e persj foy baptizada
de padrinhos Seruiraõ fee e amor
Amor, a fez do amor preuilegiada.
Naõ se peca porq̃ nũca ao Senhor
Se quer dos sacramẽtos tira a forma
A fee, e seu poder nos disto informa

O morte pera não ser esquecida.
Em quãto o mũdo ouuer: e quãto a terra
der flores de q̃ hũ tempo está vestida
Em quãto a vãa cubiça nos faz guerra
Em quãto não se acabã a morte, e a vida
Em quãto mar ouuer fontes, e serra.
Tudo fez, tudo faz, sẽpre humildade
q̃ fez a filha maj noua bondade.

Quem quis que o baptizasse o grão baptista
sẽdo izento da ley q̃ concederia
só delle quis q̃ fosse a Sancta vista
q̃ cousa por amor lhe não fezera!
A sũa força, e rezão, ninguẽ resista.
se ouuera q̃ perder quẽ no perdera?
por hũ d's que se quis dar portão pouco
q̃ de o cantar Dauid ia ficou louco

Na torre acompanhada e Jo estarias
Mas de quẽ, digão quẽ estás roubado
E do mũdo não vẽr, e soutros vias
Em q̃ estauas sem ty sempre cuidado
Nas delicias de lá te absorueriás
Em ty o q̃ buscauas logo achado
deste diuino amor dadonos proua
q̃ muda, q̃ quieta, q̃ renoua.

Como te parecia o tempo breue
quando com teu Senhor só conuersauas
E alembrãdoa de tj q̃ no çeo teue
Contente quãtas vezes a chorauas
como entẽdeste bẽ quãto se deue
Aquelle æterno bẽ porq̃ sperauas
Mas amores q̃ sentes ẽ teu peito
Moores cousas tem ja de menos feito

A alma q̃ com seu ds̃ so communica
tudo mais aborrece, e deixa logo
dũ modo a segura, e pacefica
Nouo, stranho, sem fim, facil se logo
do çeo na terra ajnda, a certefica
Consumindolhe o al nũ brãdo fogo
que fez o q̃ este fez? que no sege oje?
Nao cuide ẽ sperarlhe, q̃ lhe foje?

Tal pay cia das nuues, & dos mõtes
dos penedos, das aruores, das flores
do ar, dos peixes, dos rios, & das fõtes
dos Valles, é q̃ só há varias cores.
Ja cuida q̃ lha roubaõ os Orizõtes
Nas armas Jmagina auer rumores
Das aues se recea, & se percata
Mas com tudo fazer, tudo inda o mata.

De porta, nem Janella a naõ confia
da gẽte, das strellas nẽ do ar.
Mas quãto a mais guardaua mais temia
Naõ se pôde o temor fortificar
De se naõ conhecer naõ conhecia
Em fim de tudo a vẽio arrecear
Senaõ dos vaõs perigos é q̃ a punha
De q̃ a terra, & o ceo foj testemunha.

Demais guarda o Senhor que se lhe dá
De todo. e pera tudo selhe offrece
E quãdo asy nos paga estando cá
q̃ fara onde o bem so permanece?
Conheçamos o mũdo Immũdo Iá
pois da Cubiça nossa s'enrriquece
Nem no mal q̃ nos dá nos acõpanha
sẽdo monstro per uso não se stranha

Do mõte, o campo raso se deffẽde
As cidades dos fortes, se asegurão
Sem armas, e ardis nada se rẽde
sẽ Isto as forças antes fracas durão
que me pode negar? que não ẽtẽde
q̃ de amor, e firmeza so se murão
As almas q̃ tu tẽs prædestinadas
A te Senhor de ty são estimadas

Tu es seu protector, tu seu abrigo
Onde todos os bẽs æternos cabẽ
tu es bonança, e porto no perigo
como nos seus naufragios sẽpre sabẽ
Có ser Senhor es pay, es leal amigo
Não sofres seus Imigos, q̃ se gabẽ
E a ty mesmo por nos não perdoaste
por teu sãgue sẽ preço nos cõpraste.

O Mestre, q̃ na torre a tinaua
Erã o mestre dos mestres Verdadeiro
E o spirito diuino lhinspiraua
O q̃ se sẽte mais deixar primeiro
Desse perigo certo a desuiaua
do Aspide a quẽ immita o lisonjeiro
E mortal basilisco peçonhẽto
Q̃ com a Vista mata nũ momẽto

Na fee creecia tãto esta alma rara
Na Idade, e nũ saber, q̃ não se dãna
q̃ parece ficar cousa muy clara
q̃ partes erão Ia de mais q̃ humana
quão pouco seguir isto nos custara
qué no mãda fazer, não nos engana
e pois q̃ assim nos quer, q̃ mais queremos!
Onde não sey, né como nós deremos.

Absorta e arrebatada na oração
Continua, porq̃ os Ceos mais penetrasse
có puro, brãdo, e humilde coração
Inuocaua a Seu ds lhe reuellasse
A quem descubrirã sua Intenção
pera q̃ em no amar só se occupasse
tu me moue lhe diz, tu me quieta
Smor porq̃ Sé ty nada cometa

Nisto passa as manhãas tardes i sestas.
Nisto as lõgas noites todas gasta
Os tormẽtos chamaua alegres festas
q̃ quẽ gosta de dõs so dõs lhe basta
q̃ segredos tão altos manifestas
A quẽ porte seguir o mũdo afasta
Cõ noua inspiração determinada
Viosse como queria despachada

Lembra lhe a grãde fama, e o grãde nome
que Origenes derrama ẽ toda parte
dizlhe a fee, q̃ o conselho delle tome
q̃ de guia tão certa, não se aparte
q̃ pensamẽtos brutos sempre dome
q̃ do ceo ao mister, não da terra arte
E q̃ a vontade propria ẽ tudo negue
porq̃ a tamanho imigo não se ẽtregue

reuellãdo o Senhor isto lhe tinha.
A q̃ pode subir mais a ventura.
tudo fez, quãto cuidã, q̃ conuinha.
pera gozar da summa fermosura.
Se nada desejar tudo lhe vinha.
A tal estãdo chega hũa alma pura.
q̃ não vee, q̃ não ouue, q̃ não sẽte
se não aquelle amor puro, eminẽte

Com lagrimas fez tinta q̃ escreueo
A carta, q̃ mãdou a Allexandria.
A este insigne doutor, q̃ obedeceo
por seruo de aquẽ tudo obedecia.
De hũ Martyr foy filho, este excedeo
A todos na Scriptura, q̃ escreuia.
Nos cantares asy mesmo se excẽde
Julgemos q̃ louuor tal louuor pede

Nella cousas taõ altas lhe pergũta
q̃ dignas eraõ só de seu engenho
porq̃ amor sempre em pouco, tudo ajũta
palauras, q̃ as declarẽ naõ nas tenho
de se ter dado ao mũdo por disfruta
logo veio a cahir, no q̃ eu naõ venho
Naõ na deixãdo poor nos ceos os olhos
A terra nũca stá sẽ seus giolhos

Seu Intẽto a Valencio descubrio
Em heroicas virtudes sinallado
Como lhe a Carta deu logo partio
de amor, & de sperãça acompanhado
& por ysso o caminho naõ sentio
Antes chegou contente, e descansado
Q̃ nũca cansa amor, nũca se acaba
do q̃ faz, do q̃ sofre, naõ se gaba

O fallarlhe foy noua marauilha
Em q̃ o Senhor mostrou poder æterno
Em tal estado tinha posto a filha
Aquelle, q̃ na Vida o tinha o Inferno
O soberbo, humildade não no humilhã
So desatinos tem por seu gouerno
E sẽpre cõ Chimerias se desculpa
he o sitio em q̃ se achã toda a culpa

Recolhida nũ canto, a noua Santa
Com oração seguia esta reposta
Hora suspira, e chora, Hora hÿnos cãta
Pera todo trabalho está desposta
Nada do mũdo spera, nada a espanta
porq̃ nas mãos diuinas se tẽ posta
Este teu grãde seruo senhor guarda
dizia: q̃ sem ty so mal não tarda

Q atão nouos perigos se offerece
sem nenhũ lhe lẽbrar porte seruir
so á tua allegria não entristece.
Não pode quẽ não te ama isto sẽtir
teu poder te d'Imigos não se esquece
tu mo faze chegar, e faze vir
viuire sẽ sobresalto e sẽ mudança
pois q̃ depẽdo so de tua sperança

Três horas q̃ estiueste ná crũz posto
teus Imigos lẽmbraste ao pay primeiro
dá afrõtada May deixãs o rosto.
trataste mas porẽ foy derradeiro
Amasteños na fim com tãto gosto
estãdo antre ladrões do ceo o herdeiro
dũ delles blasphemado de maneira
q̃ o outro o conheceo, e sua cegueira

As saudades a q̃ sujeita fico
que me diz que as vês, me faz q̃ as calle
quãto te amo, mais me certefico
do q̃ não quer amor, q̃ agora falle
Inda q̃ tuas grandezas não publico
tu responde por mŷ, tu so me valle
tu sabes a rezão, tu tomas conta
tudo sem teu fauor, diga o q̃ monta.

Mas ao humilde Valerio tornar quero
q̃ Origenes andaua ẽ vão buscãdo
o como digão outrẽ, q̃ eu não spero
chegar nisso ao q̃ vou cõsiderãdo.
No paço Imperial do boõ Seuero
Allexandre os Christaõs achou ẽsinãdo
deulhe depressa a carta, & disse tudo
cõtente o fez ficar pasmado, & mudo

Mas logo como a vio lhe torna o spirito
q̃ extremo ha d'alegria, q̃ não faça
os olhos no Senhor pos infinito
por quem lagrimas viuas lhos desfaça
Isto me conuẽ ter no peito scrito
fonte viua de amor, fonte de graça
Isto me ensina, e moue, Isto reprẽde
mas finezas d'amor, quẽ nas ẽtẽde?

Despois de o chão beijar, mostra a Mamea
Mãy do Emperador q̃ digo acima
Isto faz q̃ louuores da fee crea
q̃ não pode cantar tão debil rima
tão confirmada està, q̃ não recea
culpar cõ mil rezões, quẽ não na estima
fez q̃ o filho os Christãos não perseguisse
mas antes q̃ em seu reymno os cõsẽtisse

Com espanto, e cuidado, torna a carta
Sempre tem q̃ louuar, sempre q̃ ler
Nem de sy hũ momẽto breue, a aparta
desejando de o mundo todo a ter
parece q̃ de uella não se farta
Amor faz duuidar, e faz sò crer
Onẽ cõ ysso ainda se cõtenta
porq̃ o q̃ amara, so ysso a sustenta

A tudo lhe respõde, tão alegre anda
q̃ do q̃ sente em sy, em sy não cabe
do grão Paulo as Epistolas lhe manda
q̃ quẽ o leuantou, pois pode, o gabe
E a Sagrada Scriptura q̃ a alma abranda
Como nossa dulceza se quer sabe
E os psalmos de David, Inteiro, e manso
Conforme ao coração, q̃ he so descanso

Lembralhe q̃ ade ter rijos combates
Com q̃ a alma vencidoos se asinalla.
E sem se descuidar tera rebates
Q̃ a morte a cada hũ delles se igualla.
A Virtude como ouro tem quilates
por isso deos nos premios desigualla.
E Instruca nas cousas necessarias
Aduirtea das q̃ saõ da fee cõtrarias

O q̃ passaraõ ambos arreceo
Co apressa de contallo, e asy naõ posso
de tudo amor servio; elle foy meo
da nossa redempçaõ: e tudo he nosso
Q̃ vello vir por elle, nunca veo
deixay cuidados meus o engano vosso
E naõ ameis amor outros amores
Q̃ logo se desfazẽ como flores

O portador despois disto despede
As lembrãças lhe daa, q̃ a fee ordena
por ellas nouas so dela lhe pēde
Virtude ingratidão sẽpre cõdemna
tudo allegremẽte lhe concede
A cousa major tem por mais pequena
partiosse com a reposta breuemente
porq̃ amor, e Vagar he differente

Os vãos impedimẽtos, q̃ o seguião
Mais erão, do q̃ erão os espacos
Cousas inda sẽ nome, inda offēdião
q̃ ao mũdo não lhe podẽ faltar lacos
Mas os Anjos leães o deffendião
E lhe farião chãos os embaracos
As lagrimas da Sancta não cessauão
Nũca do rosto honesto sẽ enxugauão

E quãdo vinha a caso o leue sono
Achaua os olhos dellas ia occupados
Não estauão ociosos tinhão dono
Amor os tinha asim nisto ensinados
São meios pera vir a deos no trono
Ante quẽ Cherubins estão prostrados
A David immitaua, o qual dizia
q̃ erão lagrimas pão de q̃ viuia

Como vio a cidade donde fora
deixa o cauallo so, no chão se deita
Aly meu ds dizia, aly não mora
huã alma; q̃ a teu amor se fez sujeita
tudo te, quem te busca: quẽ te adora
sem ty não pode auer cousa perfeita
quẽ lhe disseria la o como venho?
Azas desejo ter: doulhe o q̃ tenho.

Como de sua Vinda alegre soube
que o cuidar milhor louuo mais nisto
Os premios deste amor; ninguē os soube
cegos os tē tambē sentido, & Visto
Não sey q̃ precedeo, pois eu sō coube
A fee se deue toda a causa disto
fingio ter huã doença perigosa
pera a saude dalma prouueitosa

Logo o mandou chamar diz q̃ lhe falta
que aliuio lhe dee; & does tire
O peito cō feruor, lhe pulla, e salta
A fee, e hũ não sey q̃ faz; q̃ suspire
quãto se abaixa mais, fica mais alta
quão Infinitos bēes; cō nada adquire
Aonde o pode achar tambē lhe ēsina
pollo Ver passar tudo determina.

E aguardouo na rica, e falsa cama
de medico muy docto, lhe deu nome
para dissimular com gritos chama
Nada quer; tudo engeita: nada come
pois entrando, o q̃ fez, digão que ama
Ou tal empresa ao amor ninguẽ lha tome
Como pode ficar quando a sy visse
Mas ella so cos olhos, descubrisse

Mesteres de declararẽ pesamentos
E seus meios cõsentem so, q̃ obrẽ
Alleuantaõ, e derrubaõ fũdamentos
Bẽes, & males, em fim fazẽ, & descobrẽ
Elles dão, ou não dão, a alma tormẽtos
E achaõ, cõ q̃ as perdidas cousas cobrẽ
deuagar cantaras ajnda. Isto Musa
E agora poderas so ter escusa

Vindo o pay, ou fantasma cegua, e vãa,
d'espantado nam sabe, o q̃ lhe diga
Este homẽ que no trouxe esta manhaa
q̃ dor foy da minh'alma tão Imiga,
he physico, q̃ me quer, dar, senhor saa.
porẽ q̃ seu conselho, em tudo siga,
quietouse, o engano não presume
parece q̃ perdeo o mão custume

q̃ tarde ou nũca deixa, quẽ lh'entrega.
o q̃ o desejo quer desordenado
primeiro se a alma do corpo desapega.
do q̃ o possa nada ter mudado:
Nem grude, nem, bitume, tãto apega
he mal ao fogo œterno condenado
que me leua apos sy? o q̃ seguia.
Mais atenção, e cousas me pedia:

depois de esty tornar que não foy logo
A reposta lhe deu, como aguardaua
Comeca o [illegible] arder, comeca o fogo
Mais stremos fazer, do q̃ esperaua
Cofessa q̃ com premios, nẽ có rogo
Iá de Valerio não se desculpaua
deseja darlhe tudo, o q̃ deseja
Elle diz: q̃ o trabalho lhe sobeja

Os liuros q̃ nas sofrẽ vãos louuores
portudo lhe ficar, tambẽ lhos deixa
q̃ ninguẽ pode ter, thesouros mores
de lhos logo naõ dar delle se queixa
Chamaualhe Iardins cheos de flores
Em q̃ aprimaueira fica amexa
Espero q̃ me siruão pera exemplo
pera mais contẽplar, no q̃ contemplo

E como a Sancta Vio Valcçio Ido
Em seu sposo mais fica enleuada
porq̃ furtos, lhe diz, foste Vendido?
tú naõ fizeste só tudo de nada?
porq̃ culpas asy foste ferido?
Nesta contemplaçaõ arrebatada
Em extasis ficou hũ longo espaço
de carne hũ coraçaõ de pedra faço

As penas q̃ padecẽ os condemnados
desejo só, q̃ todas padeçera
tormẽtos nũca Vistos; nẽ cuidados
E menos do q̃ deuo ainda sofrera
Muito merecẽ mais os meus peccados
q̃ se ty outros mores cometera
Como tardey Senhor? quẽ me detinha?
Em fim de tudo só a culpa hé minha.

Ah como cobrarei, o q̃ atè gora
perdy. O falso ẽgano quãto sinto!
A hora q̃ nascy, naõ sei esta hora
quẽ me roubou entaõ logo o distinto!
Mas ia q̃ asim naõ foy, de mỹ o q̃ fora!
Vẽdome nos tormẽtos, q̃ ẽ mỹ pinto
por mores, & continos, sem descõto
Onde naõ pode auer termo, nẽ cõto

Mas tu Eterno Senhor brãdo, e amoroso
disto sò porquẽ es me deffẽdeste
se isto te fazer mais glorioso
Antes com te abater me ẽgrãdeceste
E taõ propicio es, & piadoso
q̃ o q̃ por este amor de mỹ quiseste
A ty naõ: a mỹ sò conuẽ querello
desejallo, pedillo, & pretẽdello

O coraçaõ sẽ ty nunca repousa
Nũca se satisfaz, por mais q̃ tenha
O q̃ he necessario he só hũa cousa
por ella tua Verdade não se ẽpenha
Nẽ olhos levantar quẽ sẽ ty ousa
só comtigo aminha alma se detenha
q̃ amarte não sey eu cousa mais justa
Nẽ demais alto preço, & menos custa

Ah minha saudade este degredo
quãdo se ade acabar quanto q̃ tarda
porq̃ ainda asperança de ser cedo.
faz mais desatinar, a quẽ t'aguarda
Não mo diras ao menos em segredo
Se o amor, per castigo se resguarda
q̃ a merce seja noua ẽ fim dispẽsa
pois he tua bõdade ãtigua e imẽsa.

Tua misericordia nũca para
E a temida Justiça se detem.
Nem tẽ comparação, nẽ se cõpara
hé fonte q̃ emanou do sumo bem.
Ja q̃ nũca Senhor nos desẽpara
Não se pode queixar de ty ninguẽ
Mouro, turco, Judeu, gẽtio, e Chrystão
Lá lh'inspira, é q̃ stá, sua saluação

Barbara como quis logo te teue.
como te conheceo, logo te amou
desejarte senhor aty to deue
q̃ sem ty nem ninguẽ nisso cuidou
A fee faz o caminho, logo breue
E ella cõ natural lume t'achou
Sé teu poder sé ysto nos acode
q̃ fara á quẽ fezer mais dó q̃ pode

Naõ para Ia na torre artificial I
Mais alto sobe Ia seu pẽsamẽto
de Vèr, q̃ significa a spiritual
q̃ tem só na fee firme fũdamẽto
Tãto quãto huã, he, doutra desigual
Naõ no entẽdẽr humano ẽtẽdimẽto
Ia se allegra, suspira, busca, e chama
Ia naõ sabe o q̃ diz: mas sabe o q ama

Mas torno ao paỹ cruel impio e gẽtio
E ao benigno, celeste, e de clemẽcia
Veremos q̃ do ceo manda desuio
p(er)a o terreno, e Vaõ ter resistẽcia
q̃ pode aquỹ dizer, hũ peito frio
Cõ culpas sẽ amor, sẽ penitẽcia.
porẽ como o desejo, e fim naõ se erra
O ceo nos daã; o q̃ nos tira a terra.

Crescẽdo as sperãças cõ a Idade
Mais cresciaõ as do pay e disso vẽ
O querella casar a sua võtade
Mas naõ se determina ajnda cõ quẽ
Cuida ẽ qual he mor fellicidade
Ou se a q̃ lhe quer dar: ou se a q tẽ
Seu fim, & seu cuidado lhe descobre
Q̃ nẽ pequeno amor nũca se ẽcobre!

Occasiaõ a seu fim buscou cõforme
Naõ falta, se amor deixa sofrimẽto
Mas tenho q̃ seia cousa disforme
Ficar tamanha alçãda ao pẽsamẽto
Porq̃ o fino vigia, quando dorme
Nẽ he capaz do menos mouimẽto
E quãto mais se rẽde, e se catiua
Entaõ effeitos faz de cousa viua.

Chamalhe so treição não merecida
Negailhe, o q̃ foi jaũa seu desejo
dos grãdes todos, sois, lhe diz, pedida
E cõ não vere filha ysso qu'eu vejo
quãto vos vẽ estar mais escõdida,
tãto mais o amor lhes tira o pejo
Cõ tudo farey tudo, ao vosso modo
porq̃ ja não sou meu, mas vosso todo

Tomou isto tão mal, q̃ não somẽte
Nẽ sofre, q̃ lho diga inda seu pay
respõde s'eu morrer vos faz cõtẽte
Outra vez nessa vida me fallay
Se vos aborreceı teime prẽsẽte
A remotos desertos me manday
Sede vos cõtra my quãto quiserdes
Constãcia pode mais, q̃ o q̃ poderdes

E se me quereis bẽ, como não vedes
O q̃ quero escolher ser bẽ mais certo?
E pois na minha causa não me credes
Isso me tẽ mil mũdos descuberto
Não vos segura teime até paredes
q̃ estão da sepultura Ia tão perto
Ou enganaime ia, ou enganaiuos
Cuidaj, q̃ mais mereço o descuidaiuos.

grande doudice fora, e desatino
trocar por terreal, celeste sposo
Ninguẽ está de sy tão peregrino
q̃ tenha por seguro o perigoso
Bẽ mũdano, nẽ sombra, he do diuino
deixo amor ẽgeito o duuidoso
q̃ não ouuera aquy tal differeça
que pode contra mỹ dar a sentença

So acontemplaçaõ me sustéta a alma
fora della hũ momẽto abafo, e mouro
A dor, a fome, a sede, o frio, e a calma
Ella faz desprezar a vida, e o ouro
Ella nos faz vencer ella dá a palma
de tudo acho, q̃ he sempre thesouro
Os outros tenhaõ os; que fezer por elles
os dá pobreza so me farte delles

Mas he sede porẽ de Idropesia
q̃ quãto mais se bebe menos farta
quẽ pos o ceo, e deos na streba[?]ria
E della atte na cruz nũca se aparta
de amar consentio que no despia
Asym quer q̃ se viua, e q̃ se parta
pera a terra dos vivos, que esta he alhea
Onde nada se cre, tudo receá

Cuidádo elle, q̃ fosse isto primor
q̃ so rara pureza traz consigo
E não obstinação ou falso amor
de q̃ depẽde sò todo perigo
deixa a, mas, com levar disto temor
de ser mesmo de sy ingrato imigo
No baixo lhe mãdou fazer hũ banho
da torre, muito rico, e muito stranho

pera cousas de q̃ ella não usava.
Mas amor inda dà, do q̃ não scusa.
Cõ lagrimas o leito, e chão regava
q̃ quẽ vee Ds na cruz não acha escusa
Cõ tão novos louvores o louvava
q̃ bẽ mostrava ter sciẽcia infusa.
quẽ em menos de hũ momẽto alij saprẽde
o q̃ agora, e despois ninguẽ comprẽde

Chámados foraõ logo officiaes
pagoulhes de sobejo seu trabalho
dizlhes eu Vós darey dobrado e mais
Sé apressa com Vos outros nisto valho
E se meste desejo effectuais
Muitas culpas, e penas niso atalho
pera luz lhe fazei so duas frestas
q̃ pera o effecto meu sobejaõ estas

E foisse com deixar tudo ordenado
Com pensamẽto aly q̃ o mũdo corre
porq̃ do Emperador fora chamado
Mas ajnda a filha ẽcobre o porq̃ morre
Naõ pode o q̃ he amor ser descuidado
por está occasiaõ desceo da torre
Esta verdade so com fee se proue
perigos não receã, quẽ d's moue

Vendo ás duãs frestãs, q̃ faziaõ
pera a parte do Sol disse aõs pedreiros
q̃ se espantaua muito pois naõ viaõ
Com tres os rajos serem verdadeiros
Este œnigma poré naõ entidiaõ
de Idolatras, de rudos, de grosseiros
Ella tres frestas, diz, na torre fiqué
q̃ meu desejo ao Vaõ mũdo publiqué

Pois Vos custa taõ pouco contetarme
Naõ podeis duuidar, no q̃ Vos peço
Isto só poderá sempre allegrarme
Tiraime dá saudade, q̃ padeço
folguaj de me seruir, e de ajudarme
q̃ ajnda, q̃ por mỹ nada mereço
O estado, a q̃ Vou digno he de tudo
quem faz amor fallar! qué faz ser mũdo!

Se temerdes meu pay eu Vos prometo,
de tomar sobrẽ mŷ a culpa, e apena
Mas ao tẽpo, e a Verdade me remeto
So ella se a afeicaõ liura, ou cõdena
Eu sey so quanto Importa o q̃ cometo
Nisto cõsiste ser grãde ou piquena
Este desegno meu seguy, e traca
Se quereis, q̃ por todos tudo faça

Responderaõ lhe Juntos. nos senhora
Sabey q̃ a Vosso pay nisto seguimos
Mas ysso, q̃ mãdais; se fara agora
pois tãto cõ taõ pouco Vos seruimos
Se nos custasse tudo milhor fora
quẽ podemos temer, se Vos ouuimos!
Naõ dilatamos mais taõ Justo rogo
Ainda q̃ he ia tarde cõ ser logo.

Agradeceolho tanto; quáto o estima
Ate com não poder, lho significa
dõdé pode Isto vir se não decima
de qué só, porqué he, nõs Justifica
qué tal amor por nada desestima
por doudo, por Ingrato, se publica
perde o ser, ea fama, & tudo perde
E a casa do castigo ei medo, q herde

As duas q o pay quer, outra acresçẽta
O porq lhes não diz: mas bẽ no sabe
tudo faz o amor: & tudo Inuẽta
Onde quer entra, máda, rẽde, e cabe.
O amor nenhũa alma se te izẽta
qué se poder gabar de sy se gabe:
Virá tempo (dizia ella) antre sy
Em q diga. o porq fiz isto asy.

Muitas Vezes da torre desce ia
Ao banho, q̃ ornado o pay lhe tinha
tanto, q̃ ao artefiçio inueja da
Más ella a zóbar delle, sẽpre Vinha
Suspira, & chora não pollo de cá
porque, em nada da terra se detinha
disso deixá a tyrãnia crueldade
pompas riquezas, Vaá fillicidade

pos nũ marmore os olhos humildosos
q̃ pera a banda tinha do Oriẽte
E despois de hũs suspiros saudosos
Co dedo huá cruz fez muito eminẽte
Espantada dos males monstruosos
Em q̃ Viuia aquella Ingrata gẽte
Os crauos, os açoutes, as espinhas
Não mas soube ninguẽ todas são minhas.

de ater no peito assym; que duuida ysso
São mimos do senhor por amor dados
Ao seraphico pobre deu por ysso
suas chagas, é q̃ estamos confiados
Em tudo tinha, a crus descase diso
os q̃ de tais merces são espantados
Yrião o concedido a varios santos
Junto nella, de q̃ ha exẽplos tantos.

Com buril; nem pinsel nũca asý feita
Não se podera ver, nẽ por Appelles
E inda esta tão noua, e tão perfeita
Como q̃ estes tempos forão aquelles
Ó crus tu me recebe, e tu me aceita
dos q̃ não crem em ty; q̃ doo ey delles
por ty so faça tudo, e por ty moura
Cã onde o mal meu dá, co mal se doura.

Qualq̃uer Infermĩdade obanho cura
Se cõ fee, o q̃ pede se lhe offrece
he Jordão. he piscina, q̃ inda dura
he fonte, de Syloe, q̃ permanece.
Có Senhor tudo pode hũa alma pura
de eminẽtes Virtudes a enriquece
Estima a como quẽ sabe, o q̃ Val
Nem pode, nẽ quer nũca pagar mal

Na piscina saraua, o q̃ primeiro
Vinha quando mouia a agoa cada ano
O Anjo; & tãbẽ era o derradeiro
hũ sẽpre pera todos desengano
As honrras, q̃ o Sor faz Verdadeiro
A quẽ por seu amor Vẽce o tyrano
quãto mais pode o banho, q a piscina
A grãde differẽça o determina.

Aquelle grão Moyses capitão forte:
de todas as Virtudes jeral chaue
desprezador da Vida, e dura morte
Em tudo sempre Justo: em tudo graue
dos filhos de Isrraêl seu guia, e norte
Mestre, legislador, brando, e suaue
E assym murmurou delle o pouo tãto
q̃ do acerbo castigo nao m'espãto

Com serpentes crueis, e Venenosas
Nẽ grãdes, nẽ pequenos escapauão
Cõ lagrimas humildes, e amorosas
Vẽdo Moyses a gente; q̃ matauão
Moueo logo as entranhas piadosas
do Senhor, q̃ ellas so sẽpr' o abrãdauão
E hũ ardil lhe deu, diuino, e nouo
cõ q̃ curasse aquelle Ingrato pouo.

Nũ pao hũa serpẽte ẽ alto erguido
de metal leuantasse lhe dizia
E q̃ olhandoa qualquer homẽ ferido
q̃ logo sem mais cura saráaria.
por Moyses tal sinal foy feito, ecrido
Aos q̃ faziaõ asy, asy o fazia
louuado foy daquelle pouo todo.
q̃ sempre quis viuer solto, & a seu modo

Muito clara figura, & muito certa
Era da cruz sagrada como cremos
Buscada por Elena, & descubeita
Com as reuellações, que todos lemos.
Estado por Ingratos tão cubeita
despois fez o milagre, que sabemos
Naquella differẽça do deffunto
todo o bẽ o Senhor nella tẽ junto.

O grãnde Constantino pensatiuo,
hũ dia caminhãdo polla afrõta
de q̃ Maxẽçio mão fora motiuo
Aos çeos de sy cos olhos só deu cõta.
pera Vos deffẽder no mũdo viuo
A morte nem o mais tudo, q̃ mõta?
Outros males receo mais medonhos
dormindo a crũz no çeo Vio logo ẽsonhos.

pasmado da Visão confuso, e ledo
Anjos Viu q̃ lhe dizem Vencerás
Este grãde tyrano: perde o medo?
despois a quẽ o deues saberás.
Espera por Victorias muito çedo
q̃ neste alto sinal alcançarás
Nas bãdeiras, na mão, no peito, e testa.
A rica crũz tomou cõ põpa, e festa.

Com mais Veneração, do q̃ a tomamos
q̃ parece, q̃ em nós and'allugada.
Não sperando, o q̃ nós della speramos
porq̃ delle não era ajnda adorada
A Simão Cireneu nisto Imitamos
Inuenção da máa gẽte depravada
Não por lhe aliuio dar, porq̃ chegasse
Ao mõte o bõo IESV, ond'espirasse

Ficou logo sujeito, & confiado
Mas outra merce mor inda lhe pede
q̃ delle seja o pouo perdoado
O Senhor facilmẽte lho cõcede
Cõ mudãca qualquer logo he mudado
Ante elle contrição tudo precede
Poys eu te leuo atj Vou muy seguro
Nũca ninguẽ rompeo tão forte muro

Assỹ cõ seus exercitos caminha.
Junto da põte Milueã os alojou.
Onde Maxencio o ẽgano falso tinha.
Mas seu ardil contra elle desarmou.
Com poucos descuidado do mal vinha.
Com todos nella entrãdo se affogou.
Constãtino liberta logo Roma.
Por sỹ pera seu deos, a posse toma.

Com musicas, cõ palmas, cõ louuores
Com festas foy de todos recebido
E com arcos triumphaes dos Senadores
Mas tudo elle a seu deos tẽ referido
Mãdoulhes, q̃ mãdassẽ a seus pintores
Q̃ o verso, que no ceo foy escolhido
Posessem derredor, e a mão direita
A cruz, q̃ a nossa cruz fez ser perfeita.

Asim o fez a Virgem gloriosa
despois de altos Louuores se Vei chea
da Visitada prima, e tão ditosa
conhecendo a merçe q̃ não sentea
Tambẽ na despedida saudosa
Lauarlhe deos os pees pedro recea
Joane aos q̃ Messias seu o fazião
Não lhe dixe, o porq̃ Vendo não Vião

Em Vendo a cruz Andre Justo de lõje
Mil amores lhe diz, e mil brandurãs
O q̃ deitais crueis, falsos a longe
q̃ de homẽs so Vos Vejo ter figuras
Se esperais, q̃ me mude, Vos lisonje
Não podẽ enganos dar cousas seguras
da Cruz não sofre a Egeas qui o tirasse
porq̃ seu mestre assy mais Imitasse

Nélla morrẽo por nós eterna Vida,
As costâs á leuou; não lhe pesaua
porq̃ naõ se perdesse; alma perdida
todo remedio, deũ, tódo accitaua
da aruore dizẽ q̃ era deffẽdidá
Oñde á molher primeiro nós culpaua
A tál sombra farey logo o segundo
Veremos quẽ he deos, e quẽ he, o mũdo

Começa . a . pro
ssa . do segũdo "
"Canto "

Seguindo a hystoria diz Lipo
mano, q̃ passado a Martyr
alguãs vezes pera o banho for
çadamente era por onde o pay
tinha os Idolos, q̃ adoraua: e
não os podia soffrer: E suspirã
do com dor entranhauel pella
perdição d'alma Insensiuel, q̃ os
adoraua cuspialhes no rosto, e
dizia: semelhantes a vos sejão
os q̃ vos adorão: tem olhos, e
não vem: ouuidos, e não ouuẽ:
bocas: e não fallão. E tornado
pera a torre todo tempo gastaua

em Jejũs, & orações. E vindo o pay
pondo os olhos no banho, q̃ tinha
mandado fazer, vendo a terçeira
fresta disse aos officiaes porque
a fezerão sem seu mãdado: res
ponderãolhe q̃ a filha amãda
ra fazer, mãdoua chamar, e pergũ
toulhe a causa della: respondeolhe
a Sancta, q̃ assim era mais con
ueniente, & que com ella sta
ua perfeito tudo: tornoulhe a
perguntar o pay. o porq̃? respondeolhe
porq̃ ha muita differença, de dous
pera tres; porq̃ tres frestas alumião

todo ohomē q̃ vem a este mūdo. Sig
nificando cõ estas pallauras, a
Magestade da Sanctissima tri
dade. O paj marauilhado, e per
turbado com a nouidade dellas.
trazēdo a hū dia particularmēte
ao banho. lhe perguntou, como
allumiaua o lume das tres fres
tas todo o mūdo; A gloriosa Vir
gē lhe mostrou o sinal da cruz
q̃ tinha esculpido na pedra. di
selhe estas tres frestas, são, paj
e filho, e spirito Sancto. O paj
desacustumado de ouuir pallauras

semelhãtes, Indinouse contra a filha. esquecẽdosse do nome q̃ tinha, e querendo antes o de cruel. E arrancãdo da espada, pera a matar, a gloriosa Innocẽte pondo os olhos no ceo, pedio Socorro ao Senhor, q̃ nũca o nega: e abriosse hũa pedra onde se recolheo mãdãdo ella q̃ se abrisse. E diz pedro Galesino na vida q̃ della escreueo tirada de são João damasceno, e de Arsenio. q̃ mais do tinha do paj, do q̃ o temia. E diz Lipomano q̃ da

lhe passou pera o deserto mais In
sensiuel q̃ a pedra, e filho de Sa.
tanas, q̃ do principio do mũdo foy
homicida, quãdo fez, q̃ Cayn ma
tasse Abel. E despois de busca
do tudo foy ter cõ dous pastores.
perguntoulhe se virão a filha.
hũ delles comouido de misericor
dia: quis antes mentindo liurar
a sancta da morte: q dizendo a
verdade ser causa de o pay a ma
tar, disse q não sabia parte de
lla. O outro pastor como homẽ
mal atentado mostroulhe o cami

nho por onde podia hyr: daí onde
élla estaua. Como d's he Justissi
mo Senhor lhe conuerteo as oue
lhas em morcegos, os quais andão
voando arredor do sepulchro da
sancta. Aquy sem vergonha Hle
rodes porq̃ não guardaua bẽ o Ju
ramẽto, q̃ prometera a Herodias
oqual cumprio seu appetite, e não
sua pallaura. Seguindo o crúel
pay o conselho do pástor: achoua
ẽ hũa mõtanha, e açoutoa crúelmẽ
te, & atrouxe pellos cabellos. diz
são Ioão damasceno, & diarçenio

q̃ nem cõ estes tormẽtos se mudou. antes ficou mais segura como casa fundãda em segura rocha: e naõ sobre arẽa, q̃ nem as ondas nem os Impetos dos rios á mouẽ: E chegado a sua casa á meteo ẽ hũ carcere, onde atinha so. E diz frey Claudio na Vida q̃ della escreueo, q̃ lhe perguntaua quẽ a sustẽtaua nelle. e lhe dizia q̃ algũ grande mal lhe auia devir pois deixaua a sua affeiçaõ polla alhea. E diz Lipomano q̃ as portas do Carçere deixou sella

das, com seu sello deixado nelle
guardas porq̃ por nenhũ caso lhe
abrissem; & foy dar cõta disso
ao presidente chamado Marci
ano, o qual lhe jurou, q̃ por nenhũ
caso lhe perdoaria, mas antes lhe
daria crueis tormẽtos, & a consu
miria nelles. Com esta seguraça
a foy buscar (& q̃ sem ysso o não fi
zera). E, diz frey Claudio que
pode mais cõ elle, o medo, q̃ a affei
cão. E diz Lipomano; O q̃ entra
nhas de pay, & q̃ cautella? E
diz Sãto Antonino, q̃ assy como o

lobo leua a ouelha, asy o carniceiro do pay lhe foy entregar a filha. E vendoa o presidente diãte de sy vencido de sua honestidade e fermosura, esquecido do Juramẽto desejaua de a não castiguar. E diz S. João Damasceno, e S. Arcenio, q̃ o presidente quis primeiro enganar a sancta cõ pallauras amorosas, e falsas, q̃ são as armas de q̃ o demonio sẽpre usa, e mais depressa vẽce. E diz Lipomano q̃ lhe disse o presidẽte, q̃ ouuesse misericordia de sy, q̃ la

crificasse os Idolos: q̃ auia dõo de
sua fermosura se perder. respõ-
deolhe a Martyr, q̃ ella não a
doraua senão o verdadeiro ds
q̃ criou os ceos, e a terra, e não
seus deoses de que dizia David
q̃ são demonios de pão, de pedra;
e de prata, obras de homẽs. E
mais te digo lhe dizia a Sancta:
q̃ he vaã, e sem fundamẽto toda
a esperãça q̃ nelles se posser. E
diz frey Claudio, q̃ chamaua ao
presidẽte cego, e ignorãte; E diz
são João damasceno, e diarcenio

q̃ diante do Juiz por mais medos
q̃ despois lhe fez polla Ver cons
tante em sua determinação; q̃
nũca perdeo a cor do rosto, mas cõ
hũa voz ja diuina lhe fallaua.
E diz Santo Antonino; q̃ dizia;
q̃ se a não temia, q̃ tambẽ, o
ella não temia a elle. E diz S.
João Damasceno, e Diarcenio,
q̃ dizia o tyranno Juiz aos Al
gozes, q̃ a apertassẽ cõ hũ cilicio
grosso, e largo, e q̃ a açoutassẽ
cruelmẽte. E diz Lipomano q̃
deitaua de seu Corpo fontes de sã

ge. E diz Sãto Antonino, q̃ cõ a
llegre pasçiēcia não respõdia
ao tyranno: nem aos algozes, mas
ao seu sposo sy. E diz Lipomano
q̃ despois de açoutada a mãdou
meter no carçere, ẽ quãto elle
cuidaua, q̃ genero mais cruel
lhe daria de morte. E diz
São João damasçeno, & Diarçe
nio, q̃ a deixou o tyranno estar
nelle so sem comer, nẽ beber, &
q̃ ella pedia socorro a seu sposo
com cuja saudade estaua preza.
E bradãdo dizia, mostrame Sñor

mẽu aty, a quẽ minh'alma ama
oñde guardãs o gado, e descan
sãs ao meo dia; o tẽu nome he
hũ oleo cheirõso, derramado: por
tãto tuas sposãs te seguirão, &
amarão no cheiro de teus ũguẽ
tõs. E todos os q̃ Sua Vida escre
uẽm Conformão cõ Lipomano q̃
diz, q̃ a mea noite Veio hũa
luz do çeo q̃ alumiou, o carce
re em q̃ estaua todo em derre
dor, e apareçeolhe XPÕ nosso
snõr, & afortificaua e lhe
diria, q̃ não temessẽ os males

dos homẽs, q̃ elle estaua ẽ sua cõ
panhia, e pois a amaua tãto
q̃ elle lhe fazia sẽpre, o q̃ qui
sesse. E diz Diaçenio, e São
João Damasçeno, q̃ lhe disse
o Senhor. eu sou cõtigo, e seras
guardâda debaixo da sombra
de minhas azas. Ainda as pa
llauras naõ eraõ ditas Ja o di
to de Isayas erâ cumprido ne
llá. O contentamento e alle
gria, q̃ possujo a Sancta so
bre sua cabeça. E diz Sãto
Antonino, q̃ lhe chamou o Sñor.

filha. I. diz Lipomano; q̃ lhe enchẽo seũ peito de allegria. =

SEGṼDO. CÃTO.

Quem busca cousas vaãs que se lhe rende
porq̃ troca o Caminho verdadeiro
Mas quē a quietaçaõ dalma deffende
Já na terra quer Ser do Ceo herdeiro
Vejamos, o q̃ fez, q̃ empresa ẽprende
A sancta de q̃ ia cantey primeiro
pera cujos louuores nada basta
Mas amor tudo aççeita. & tudo gasta.

A qual mil Inuẽçoẽs de cruz tormẽtos
Naõ poderaõ vençer nẽ sẽdo mores
Sẽpre teue seguros seus intentos
por paga dos trabalhos tinha as dores
Naõ fez caso de leues fundamẽtos
porq̃ lhe o Senhor fez nouos fauores
deixa pay, deixa a sy: deixa speráças
Naõ quer cousas sujeitas a mudáças.

Naõ no fez assy Pedro prometẽdo
A quẽ por redes rotas tudo dera
despois de estar no mõte Thabor vẽdo
So cõ hũ rasto de gloria, o q̃ fezera.
hũa escraua menor tãto temẽdo
q̃ tres vezes negou o q̃ dixera.
Sẽ tormẽtos, cõ sò leue pergũta.
q̃ isto mais contra sy rezoẽs ajũta.

os olhos do Senhor assy o buscarão
Com lagrimas. & sãgue ja cubertos
E os seus cõ q̃ fezerão desculparão
hũs peccados tão grãdes, & tão certos
De sy sempre despois desfõfiarão
da lapa foy fazer nouos desertos
Mas agora estẽ sò chorãdo nella.
Nos tornemos seguir a nossa estrella

Por outra aquelles Reys de exéplo dinos
Como apoderão Rei sentem abrasados
Os peitos, & de Justos desatinos
Sós quiserão partir acompanhados
deixádo os Reynos seus nos peregrinos
Pergútão pello Rey, dos Reys criados
Saindo da Cidade a causa acécóde
dóde os leuou despois ella diga óde

quádo passaua a Sancta pera obanho
Via os Deoses do pay, q̃ seus não forão
Sem os sofrer, dizia: O caso stranho
Mas tais como elles são, os q̃ os adorão
Não ley erro mais graue, né tamanho
Estas pedras có dor, como não chorão
tédo os Idolos olhos nada Ré
tendo bocas não fallão mal, né bé

disto ia se queixaua o Rey propheta
q̃ o mal alheo tĩ por seu o zello
se ha sem ty Senhor què se quieta
quãdo tipo isso der, què pode crello
por mais q̃ o mũdo der, e q̃ prometa
Em q̃ se ganha mais: q̃ è mais perdello!
A què o quer seruir falta cõ tudo
E fallo ficar, surdo, ceguo, & mudo

Tornãdo pera atorre, mas sẽtindo
Auer tão obstinada Ingratidão
A diuina bõdade mais seruindo
Mouida ia da real cõtemplação
Cõ dor, não cõ penedo, o peito abrindo
Como fez aquè pintão a cruz na mão
penitẽcia, Cilicio, & dicipinas
tinha ella por dilicias peregrinas

Tudo sofre o amor, senaõ ausẽcia
por mais q̃ nisso perca, e saucture
Nella se serue so de resistẽcia
Ley he q̃ duraña, e he bẽ q̃ dure.
No mũdo onde niguẽ achou clemẽcia
No qual nenhũ estado se segure
A todo tyranniza, a todo ẽgana
tẽdo so por seu ceptro, a leue caña.

Os cuidados, suspiros, e sospeitas
Em q̃ viuia o paj, nẽ s'imaginaõ
regras do humano amor, ò mal direitas
A quaõ Inormes cousas nos inclinaõ
Todas vaãs, todas falsas, e imperfeitas
q̃ em muitas licoẽs logo s'ẽsinaõ
Vẽcido là da fraca saudade
por ella deixa tudo de võtade

Tornãdo cõ grão pressa dõde fora.
desejosso de Ver quẽno trazia.
perto chegãdo Ja de Ver essa hora.
q̃ mil Aeternidades parecia.
Não pode contra mỹ fortuna agora
A seus criados Vaos Vido dizia.
pedime cada hũ o q̃ quiserdes
Ante amor me culpay s'o não treuerdes

Como chegou: na torre os olhos pos
Nũca mais os tyrou da noua festa.
que meu poder Vos deu Mestres a Vos
pois tudo sẽ seu dono nada presta.
Não temos lhe respõdẽ a culpa nos
Vossa filha Senhor fez fazer esta.
q̃ com pressa a chamassẽ mãdou logo
Mais do q̃ ẽ seca laã se atea o fogo

Partio tal como o amo o mẽsajeiro
E allegre de ser mão por dar tal noua
quẽ Dromedario vio ser tão lijeiro
Em nada se detẽ, & nada oestroua.
O q̃ tẽ por pior lhe diz primeiro
Cõespanto, & receo seu mal proua.
Mas de a não ver tornar o vão tornouse
A sua custa porẽ desẽganouse

Pareçelhe q̃ tarda, & q̃ se izẽta
quãto mais rezoẽs tẽ: mais se magoa
quãto lhe opẽsamẽto reprezẽta.
Cousas são; q̃ assỹ mesmo não perdoa.
Ja tudo o desẽgana: & descõtenta.
Ja não acha, nẽ busca cousa boã
Mas não atina o paỹ nesta mudãça
Nẽ sabe dõde tẽ sua esperãça.

Pois tãto poder tẽ ẽ nos a Ira
Eu não Sey, porq̃ mais se não repẽde
Ate effeitos do amor antigos tira
Cõ nossas mesmas armas nos offẽde
quẽ por rara humildade não Suspira
perde o meio, cõ q̃ a alma Se deffẽde
põderemos tão noua marauilha.
Não foy este, o q̃ tãto crraua a filha

A torre lhe não lẽbra, ẽ q̃ a posera
dẽ tão leues mudãças não Se afrõta
O Senhor nos diz nisto, q̃ o fizera
Nũca dos maos Se deue fazer cõta
Se fora zello, ou amor não lh'esquecera
O sabeilho dizer, q̃ tudo mõta
E como custumaua fora vella
E as queixas não pasarão; delle, e della

Mas quẽ cõ affeiçaõ ás cousas trata
Faz q̃ perca a rezaõ sẽpr'a q̃ teue
Se pode, o q̃ deseja naõ dillata.
Esquecelhe, o q̃ faz lẽbra, o q̃ deue
quãtos este Verdugo Cruel mata
Elle fez Ja a Dauid a culpa leue
E nelle muito mais pesada, e fea.
A qual polla seguir nada reçea

Naõ pergũta nẽ sabe porq̃ a chama.
descuidouse de sy, tẽ ẽ di posto
O q̃ elle quer de nos porq̃ nos ama
Tudo o mais naõ lho dá nẽ tira ogosto
hõ mal, ó bẽ, á Vida, á morte, e á fama
Sẽpre mostrou Igual desejo, & rosto
quãto a qualquer de nos Isto relleua
Só as armas damor consigo leua.

Quē nās pode vēcer se vēce tudo?
E sēpre o q̄ quer so māda q̄ valha
Q̄ presta se não quer ter forte escudo
pois caminho q̄ faz ninguē lho atalha!
Tāto mōta fallar, como ser mudo
E alma quisto não cre, e vão trabalha
So amor vēce amor, mas quē aquy chega
quē de tudo, & de sy, se desapega.

Ja da torre, e da cruz se despedido
Cō effectos benignos, e suaues
A saudade, e o amor vão descobrido
As merces; q̄ o Senhor lhe fez tão graues
Dos maos, q̄ a vão chorãdo se vão rido
Os ceos de seus thesouros tē as chaues
Chega; obedece, prostrasse diãte
daquelle Phylisteu feio Gigãte

Desusada humildade, e tão profũda
quãto mais della digo, mais apago
tornemos a quẽ quis cõ fraca fũda
da Soberba, q̃ ussaua, darlh'ó pago
As armas de Saul por cousa Imũda
deixa nas pedras, diz, Sõ tudo trago
Vẽce, triumpha, allegra, o mũdo logo
Vejamos. Ia o q̃ o pay faz por seu rogo

Carrancudo se mostra, e tão pesado
q̃ elle mesmo s'espãta, e se cõdena
da mor hõrra se tẽ por deshõrrado
pera tudo perder sõ tudo ordena
Em q̃ traças occũpa seu cuidado
Atee as sombras das cousas lhe dão pena
Ella pera seu dẽs só s'aperçebe
Nẽ creo, q̃ enxergou como a recebe

deixa o mais, e respõdẽ q̃ isso estaua
perfeito, e sem trī Inconueniēte
Mas indinado o paj Ia adespreçaua
Ia a causa lhe pergũta descõtēte
Mas antic as mais rezões esta lhe dāua
q̃ a terceira fazia Isto eminēte
he misterio, e he ser sẽ differēça
E todo tẽ hũ fỹ, hũa Sẽtẽnça

Estas tres festas sõ tudo alumião
E o menos q̃ fazẽ he fazer tãto
Ellas la nossas almas regẽ, e crião
porq̃ são Paj, filho, e spirito sãto
primeiro q̃ nos Vissemos nos Vião
da qui nos nasca fee, não nasca espãto
Olhay, q̃ estais sujeito a grão perigo
O amor Vos diz por mỹ, o q̃ Vos digo

Significando nisto a Magestade
q̃ principio nam tẽ, meio nẽ fim
da diuina, e Sanctissima tridade
que eu (diz ella) cõ fee conhecer vim
tudo, o q̃ mais cuidais he falsidade
Senhor se nam quiserdes creime amỹ
Nossos Mestres da fee seguio crede
Suas vidas, e milagres raros lede

Vereis coroas, sceptros abatidos
Vereis casos d'amor q̃ tudo excedẽ
Vereis so os q̃ offẽdem offẽdidos
Vereis nouos Martyrios q̃ lhe pedẽ
Os Misterios diuinos deffẽdidos
Nos tormẽtos crueis como procedẽ
Seu vos visse desejo de Imitalos
Milhor os saberey vos q̃ eu louualos

Fora de sy o pay perplaxo, e triste
So pena a reprender ao banho tralla
pois q dices (lhe diz o q nao viste
Ja creo q o demonio de ty falla
Se tal lume alumia: e q consiste?
Me dize: ou por tua honrra e minha ocalla!
Como responde a Santa confiada
porq se Seu Senhor tudo acha nada.

Mostralhe a allegre Cruz, q feita tinha
por milagre no marmor esculpida
do tanque a onde auella sempre vinha
Tres pesoas hu Ds cousa he sabida.
A Cruz So adoralla te conuinha
Nella foy; nossa Culpa redemida
Se ella tudo he nada Sobra, e vento.
Tudo mal, tudo dor, pena, e tormento

Tal chaga assy se cura, e tal è feimo
de Aguostinho parece esta doctrina
Mas a fé tudo mãda naõ ti teimo
tudo Vè, tudo sabe, e tudo ẽsina
Bernardo diz q̃ foy seu mestico eimo
Onde a alma se faz pura, e diuina
No solitario bosque, e na espessura
Cõfessa, q̃ etendeo logo à escriptura

Sabei naõ moue humano como Vemos
Moue fee, moue amor moue esperãça
q̃ póde muito mais do q̃ ẽtẽdemos
do graõ Senhor nos da graõ Confiãça
Cõ Viua fee em sy tudo podemos
faz logo a alma fazer noua mudãça
O nò cego da Culpa nos desata
E ate o mesmo Ds sujeita, e ata.

Se naõ digaõ Moyses amigo Iusto
Cõ quem tudo o Senhor Comunicaua
q̃ de ouelhas tirou tãto a seu cũsto
q̃ de isençaõ d'amor lhe asy fallaua
q̃ se naõ perdoasse ao pouo Injusto
q̃ nisso de seu liuro ell'e o riscaua
De modo lho dizia, q̃ respõde
Tolhesme Castigar, que fez por õde?

O pay estas Verdades naõ sofrẽdo
quaõ lõge estou lhe diz de te seguir
de ty Ia a esperãça Vou perdẽdo
Nẽ quero, nẽ me posso, mais fingir
O teu castigo so peço, e pretẽdo
que podesse de sy mesmo fugir?
E pois outro remedio, aquy naõ Vejo
Neste satisfarey logo o desejo

A espada Indinádosse arrácou
Naõ pera a deffêder, perá a mâtar,
Ella os olhos no céo fixos pregou
Tu me podes meu d's Só tudo dar.
logo huã pedra ẽ sȳ, doutra aguardou
logo lhe obedeceo, e a quis saluar
quaõ Confiadamête pedirias
A pedra, q̃ se abrisse pois quérias!

O Milagre muy raro, O merçe noua
que te serue Senhor, a ty só teme
Teu poder todo o mal sêpre lhe'stroua
porq̃ tu na tormeta tes o leme.
q̃ espaço naõ deixou cá disto proua!
O mudo de que tama foge, e treme
Tudo se rede a ty, tudo s'abráda
Sendo o homẽ mais teu só se desmáda.

O temor do vil pay convẽte ẽ dò
A filha, sua nào, de deos, e esposa
Suas culpas, e penas chora sò
Como esta offesa pede rigurosa.
Tẽ lhe o diuino amor ia dado hũ nò
q̃ faz a alma segura, e piadosa
Mas dauàlhe este mào tamanha màgoa
q̃ de lagrimas tinha rios d'agôa.

quãdo a cidade sancta o senhor vio
dõde mais realçaua sua grãdeza
A compaixaõ, e a dor, naõ resestio
por lhe mostrar amor, mostra fraqueza.
Despois ao q̃ viria entaõ sentio
Os edifficios naõ; chora a dureza.
de quẽ tẽdo, de q̃ naõ se conhece
de quẽ pello assy ver, o desconhece.

Entẽdimẽto errado falso, e agreste!
ó baixa opiniaõ, baixo sujeito!
proua foy de quẽ es, o q̃ fizeste!
q̃ ate ay tes nisso satisfeito.
por mais nos obrigar ó prometiste
tãtas Idades antes de o ter feito.
A rezaõ q̃ estes daõ, lhe mostra aculpa
Nos naõ podemos ter nũca desculpa.

Amor, Milagres, Vida, e Sofrimẽto
Naõ poderiaõ mudar, antes ordenaõ
Juntos, e cada hũ no pensamento
Os ẽganos, por õde, cegos penaõ.
Mas como o amor naõ sofre esquecimẽto
E as cousas q̃ faz naõ se condẽnaõ
por isso cõ rezaõ a Sancta gente
o q̃ da Cõta aquẽ, tudo he presente.

Tornousse a brir a pedra Indose o pay
Em continua oração esteue nella.
Ja com outro milagre estranho say
Sempre Anjos vinhão alj seruila, e vella.
pera hũa alta mõtanha so se vaj
O porq̃ sabeo deos, e sabeo ella.
Não sej se pode aver alma tão cega
q̃ cuide q̃ se escõde, e q̃ se nega.

Se o Manna ao pouo amado fero
Sabia a cada hũ o q̃ queria
q̃ mor proua cõ mister, pera o q̃ quero
A pedra, quãto mais q̃ isto faria?
por pedras, este pão do ceo espero
q̃ vees a nossa Sancta alj veria
Como pode sayr della me espanto
Muito mais q̃ de trar, quẽ chega atãto.

Mandandoa o tyranno dispir nũa
Os cabellos cubrirão Inés constãte
Bẽ lhe podes buscar pena mais crũa
Nẽ cõ ella sera nisto Inconstãte.
Nos seus torna o Senhor pella horra sũa
Cega os q̃ Julião cegão diãte.
de Anjos foy Doloreta sustẽtada
Más tú so delles podes ser louuada..

Não se contritou aĩnda o insensiuel
A tamanhos milagres não se rẽde
Más antes cõ hũ furor quasi Inuẽciuel
Até no pẽsamẽto a mata, e offẽde.
Mas o pay de Sathanas filho terriuel
Q̃ nossa culpa so zella, e pretẽde
Este fez, q̃ o primeiro homẽ pecasse
Este fez, q̃ o segũdo Abel matasse.

Mõte prado não deixa, nẽ deserto
Logo como homẽ Ia fora de sy
tudo tẽ revolvido, & descuberto
Não lhe falta buscalla se não ẽ sy
Muy lõge acha o desejo oq̃ tẽ perto
disso se desẽgana elle antre sy
pragas lhe vay lãçando, & maldições
q̃ nella çevarã feros liões

Foy ter cansado, & sô, cõ dous pastores
Nũ muito delleitoso, e fresco valle
Assy vos dẽ lhe diz, os prados flores
por vos sos quẽ quiserdes sẽpre falle
Se podeis dar allivio a minhas dores
Nenhũ de vos amigos não se calle
Sabeis de minha filha nova algũa
Mas não sey, peraq̃ busco nenhũa

hũ delles affirmou, q̃ naõ na Vira
Mouẽdo apiedade, o agreste peito
paleãlhe a Verdade cõ mẽtira
porq̃ à Crueldade ò Vio Sujeito
O outro de ser mao, e Vaso de Ira
Mostroulhe o q̃ o çeo lhe tinha feito
Custoulhe conçeder ò Injusto rogo
quãto ouuireis Ingratos homẽs logo

Seu gado de q̃ tinha tanto gosto
deffẽdido, e guardado sò por elle
porq̃ a mil periguos foy desposto
logo se Vio sẽ sy, logo sẽ elle.
Em estatua de pedra ficou posto
Espãto, e Confusaõ nos ficou delle
todo Junto o Senhor lho conuerteo
Nas Aues, a q̃ o dia deffẽdeo

Q̃ o sepulchro da Sancta ádaõ guardado
Naõ passaõ da ly nũca., aly se vẽ
Aĩnda oje em seu módo o Venerádo
por marauilha grãde lá se tẽ.
pareceme q̃ estaõ nisto mostrádo
quãtos males ajnda deste vẽ
Mas naõ deixaõ sẽ penas Crueldade
Meu Ds, nẽ sẽ merçes a piedade.

O graõ Vicẽte, & nosso padroeiro
por mais q̃ foy com tudo atormẽtado
Nũca perdeo o gosto Verdadeiro
Mas antes ysso, o teue descãsado.
Buscaõdolhe o tyrãno, o derradeiro
Morre nelle ẽ dellicias encrauado
No cãpo, o Corpo, o coruo lho deffẽde
O Mar à praja o traz os mãos reprẽde.

Esse cruel Herodes, q̃ os Mininos
So pera matar hũ, todos matou
Nũ banquete ẽ q̃ fez mil desatinos
dõde todo o Inferno se çeuou.
Cõ manjares reaes, & peregrinos
Aos grãdes do seu reyno conuidou.
Por festejar o dia, ẽ q̃ nascera
q̃ elle sẽpre chorar ãtes deuera.

Prezo ao grão Baptista o falso tinha
So por lhe acõselhar q̃ não tiuesse
por molher, a do Irmão, q̃ não cõuinha
E sa, q̃ ao mũdo não, q̃ a Ds̃ temesse.
Pois q̃ o exẽplo do rey, era meizinha
q̃ suas Culpas, peçonha a não fizesse
despreza a reprẽsão Justa, & ẽ segredo
Alto a ouuyo despois liure sẽ medo

Cõ taõ noua, e taõ vaã desẽuoltũra
Herodiãs, dançar vio no bãquete
Q̃ Herodes vẽdoa asy nesta postũra
A metade do reyno lhe promete
Cõ graues Juramẽtos lho seguia
Enueja, e confusaõ atudo mẽte
Cõ a May a filha má, e doud'ajũta
O q̃ lhe pedirã, só lhe pergũta.

Do baptista a cabeça, só lhe pede
Tudo isto por meu filha publica.
Logo ẽ lha pedindo lha cõcede
Naõ sey cousa mais pobre nẽ mais rica
Em sy todo o Crũel este precede
Pinge, q̃ ó Juramẽto a culpa fica
Q̃ compriio por fazer seu gosto nisso
Se ficõu triste ẽ taõ, naõ foy por ysso.

O peccado despois de cometido
Confunde, descontenta, e sobresalta
Com nao Ser de Verdade arrẽpẽdido
Como espelho nos mostra, o q̃ nos falta
Logo se da de todo por perdido
E no Inferno, do çeo, nũ pôto salta
O caminho, q̃ faz, mal sẽpre acaba
Sô quẽ lho ha dacuzar lho louua, e gaba.

quanto cõ mais rezões Isto m.o Diga
Cõ Silẽçio Sera milhor cantallo
louuores, q̃ mereçe delle os diga
quẽ pode, e antre os Seus, ia quis louuallo.
quẽ quiser acertar Seu modo Siga
No q̃ pode Seu dis, fez imitallo
tanto; q̃ a culpa de Eua o fez morrer
E ao Seu mais q̃ propheta outra molher.

Porq̃ dauas Tyrano tão barato
de quẽ Vallia tudo a menos cousa
Como não viste vão grand'aparato
Onde, o mal, e o ẽgano sò repousa
Logo te apercebeste como Ingrato
q̃ deseja emprẽder, no q̃ não ousa
E assy desatinado determina
O q̃ não fez ninguẽ nẽ nõ Imagina!

Mas posto, q̃ estas Ia naquella parte
Heródes, ẽ q̃ pagas, o q̃ deues
Condẽno, tua manha, ẽgenho, e arte
E tão pessadas cousas fazer leues.
Vialo pera ẽganar, não por mudarte
de quẽ sẽpre louuores, serão breues
hũ pastor tẽ Vergonha, ẽ tudo pobre
Este mal, quãtos males, te descobre!

O pay do mão pastor toma o cõselho
Sua traça cruel lendo seguia
todo cheo de poo, todo vermelho
q̃ ladrão formigeiro parecia.
No odio desatinos; como he velho!
Conuerte sua tristeza, e allegria
viúva na montanha recolhida
prêdeca, açouta, E tem seu mal por vida

O feito gaba insigne q̃ fezeste
E não deixes perder delle a memoria?
pois sabes, q̃ a vençida não vêçeste
de q̃ as de triumphar queda victoria?
Tenhome eu, co q̃ tu nisto perdeste
q̃ ella ganha no çeo mais graos de gloria
O caminho, q̃ tu falso seguiste
la te dara pezar, do q̃ fugiste!

Fezlhe cordas compridas dos cabellos
q̃ eu podera louuar, mas saõ humanos
Sò pera os desprezar sofria tellos
Mas nũca se seruio delles d'ẽganos.
quãtas cousas faria por perdellos
cá veja aquẽ daa visto desẽganos
por elles lhe tiraua cõ graõ força
Trabalho por amor a allegria, e esforça.

Nẽ cõ estes tormẽtos se mudaua
porq̃ se edificou naõ sobre arẽa
sobre pedra segura edifficaua
Chrysto por angullar Paulo o nomea.
As ondas, nẽ os rios receaua
porq̃ onde o brãdo amor s'acẽde, e atea
logo tudo desfaz, tudo derrũba
quãto pode impedir, q̃ a seu fỹ sũba.

Nũ carcere a fechou onde a só tinha
Naõ me diras (lhe diz) quē te sustēta?
Cuida quaõ grāde mal t'isto adiuinha;
queres comigo ser Ingrata, & izēta?
Se deixas polla alhea affeicaõ minha
descōtēte de my, quē te cōtēta?
desatinado disto fica mudo
de ver, q naõ bastaua nada; & tudo

Selladas deixa as portas cõ seu sello
guardas muito seguras, hũ sinal
porq ninguē lhe abrisse, e foy dizello
Ao Juiz por fazer bē de seu mal.
Muy grāde honrra merece taõ bõ zello
(lhe diz) porq o primor só tudo val
E affirmoulhe cõ graues Juramētos
q elle a desfaria cõ tormentos.

Sem Isto a não leuou né na leuára
Segundo Cõfessaua Sẽ Vergonha
q̃ çem mil filhas ysso lhe custára
O mũdo chamão pay mas eu peçonha.
Ninguẽ se elle não fora não achara
tão cruel Inuẽcão, e tão medonha
Mas outras muito mores Inda ordena
por Ver se amũda, Véçe, ou desordena

Cercado de affeição, e mais de medo
Não della, delle foy logo Vẽçido
Esta rocha, esta neue, este penedo
q̃ Contra Sy Seu mál tẽ promouido
Cuida, q̃ tarde Vẽ, e foy tão çedo
Sẽ dos tyranos Ser nũca aduertido
Ó q̃ entranhas de pay! Ó q̃ Cautella
Não te basta perdeste mas perdella!

Naõ tinhas coraçaõ, q̃ se o teueras
Naõ poderas chegar onde chegâste.
Ou do Amor, ou do sangue te Vêceras
Nalgũ peito de fera te gerâste.
Se o thesouro, q̃ tinhas conheçeras
guardarallo milhor, do q̃ o guardâste!
O caso facil, fazes riguroso
de peRatado o afeas, e manhoso!

Seguro se tornou maso, e cõtẽte.
Jà naõ chora, nẽ pasma, nẽ suspira;
do Carçere tirou logo, à Inocẽte
Cõ medos cõ spantos, & cõ Ira.
E dizlhe. q̃ obedeça ao presidẽte.
Se naõ q̃ tudo a sy mesmo se tira
q̃ deixẽ taõ errada, e falsa cõta.
q̃ antes morte lhe dee, q̃ tal afrõta.

Q̃ posso perdei diz q̃ mais naõ peica
Se o naõ deixar primeiro, q̃ se acabe
Muito mais do q̃ val da que nomeia
Amor o sente, & cre segura, e sabe.
Deste cerco do mũdo nos descrica
Cõ naõ caber, ẽ tudo; na alma cabe.
E muito mais, q̃ os ceos ella o deleita
E nos longes da terra nos sujeita.

E como lobo leua a ouelha mãsa
Ante o Cruel Juiz, mas carniceiro
Nenhũ trabalho ẽ si, o muda ou cãsa
Como q̃ fora algoz, naõ pay primeiro
Mas o descãso vaõ nũca descãsa
Nẽ daa contẽtamẽto verdadeiro
Nẽ o deu à ninguẽ, ninguẽ se gana
Senaõ cõ affeicaõ çega, & tyrana.

Antes q̃ fosse a Sancta a seu dõ pede
Forcas cõ q̃ resista a ley catiua
A quẽ por seu Juizo as cousas mede
Sẽ sofrer na de graça, q̃ alguẽ viua.
Cuidãdo, q̃ em saber todos excede
quẽ perseguir a fee. cõ muito priua.
Mas tu esposo (lhe diz) q̃ não mereço
Não me deixes perder preço sẽ preço?

O modo cõ q̃ foy, o como chega
Bẽ podera abrandar outros mais duros
Mas a obstinada culpa tanto çega
q̃ os perigos nos faz, ter por seguros.
Vendo seu rosto, o Sol seus rajos nega
porq̃ delle sahião outros mais puros
Preuenido o Juiz a porta se acha
porq̃ aceitar a via; q̃ era tacha.

Enleuádose, e Vêdoa foy tudo hũ
Naquella rāra, & cāsta fermosura
Aconselha q̃ tome meio algũ
pera q̃ lhe durasse, o q̃ naõ dura.
O dos tormẽtos quer; outro nenhũ
(lhe diz) q̃ aceitarā esta alma pura
q̃ affirma, q̃ naõ aja nisto falta
Como logo a humildade a fez tão alta.

Esqueçe o Juraměto prometido
Esqueçelhe a rezaõ fica pasmādo
O Juiz perde a cor, perd'o Sentido
E quasi o coraçaõ lhe tẽ roubādo
Amor tu fazes crer, Inda o naõ crido
Amor tu fazes bẽ, do mal passado
q̃ naõ mudas emẽdas como queres
Das tristezas, q̃ das; nasçẽ prazeres.

quilla vẽcer primeiro cõ ẽganos
Armas, cõ q̃ o mũdo nos ẽcãta
Se nos mesmos de nõs somõs tyrãnos
de os Jmigos o serẽ, quẽ s'espãta?
quẽ brãduras naõ tẽ por desẽganos
qualquer occasiaõ leue o quebrãta
quẽ de sy, & do tẽpo, se confia
Naõ sabe se he denoite, se he dedia.

Cõ pallauras taõ vaãs, como amorosas
porq̃ nõs naõ Jmitas, q̃ acertamos?
Naõ te queiras perder por ẽganosas
Esperancas. (lhe diz) q̃ reprouamos?
Naõ compres cousas falsas taõ custosas?
Adora os deoses grãdes, q̃ adoramos
Senaõ serás cõ penas castigada
Tays, q̃ as futuras fiquẽ sobra, e nada.

Tenho dô do q̃ vejo, e do q̃ ẽgeitas.
Tẽ de ty piedade, pois te aguarda
quẽ tu moça, naõ cuidas; nẽ sospeitas
o mal da Ingratidaõ pera mor tarda.
tuas cousas saõ vaãs, e cõtrafeitas
o q̃ desejo ver sẽpre resguarda
quẽ te faz cometer culpa tamanha?
taõ noua, taõ pesada, e taõ estranha!

Respõdelhe a Inocẽte. Eu peccador
Adoro meu Senhor q̃ he Iesu Cristo
q̃ fez, a terra, e o çeo, hũ sô Senhor,
q̃ tu porq̃ naõ vês, o naõ tẽs visto
Do seu nasçe, e depẽde, o meu amor
Teus deoses nũca podẽ fazer isto
Saõ de pao, saõ de pedra, saõ de prata
q̃ o tẽpo faz fazer e desbarata.

Mais te digo, q̃ he vaã toda sperãça.
Q̃ nelles se possa he desatino
So neste Esposo meu tẽ cõfiança.
Q̃ nosso humano corpo faz diuino
De tão grãde Senhor tudo s'alcãça.
he muy brãdo, muy largo, e muy benino
Tambẽ quẽ o não serue, nẽ adora.
Nesse Inferno lhe daa parte, ẽ q̃ mora.

Onde penas terá sẽpre Infinitas
Sẽ fym sẽesperãças de acabarẽ
por mais, q̃ os Sanctos tẽ dellas escritas
Não poderão acabar de as compararẽ
São tão crueis, intensas, e exquesitas
Q̃ as almas, q̃ se dellas não lẽbrarẽ
Em quãoto a breue vida se detẽ
Tal paga so merecẽ, q̃ lhe dẽ

E vēdo q̃ nē assy ajnda o leuãua
chamãlhe bruto já cego, e ignorãte
por rēo naõ por Juiz o nomeãua
duro mais, que metal, nē q̃ diamãte.
E como o conhecia, & desprezaua
Cõtudo elle no mal firme, & cõstãte
Mas q̃ podē fazer estes perdidos
Se naõ Deoses sēdo, falsos, fĩgidos.

Sē nũca a cor perder cõ graue rosto
Cõ huã voz ia diuina assy lhe falla
Os medos, q̃ me tens tyrano posto
Seruē contra firmeza, q̃ se aballa?
Mas eu so de sofrelle tenho gosto
Naõ acabes tua alma de estragalla
Como queres, q̃ tema, quē naõ temo?
q̃ a outro Juizo mor, sēpre ouço o extremo!

Varios effectos de Ira esta fazẽdo
Logo a mãda despir, logo açoutar
E o Juiz de a ver, nelle estaõ vẽdo
q̃ asy mesmo deseja de matar.
Mas a Sancta cõ mor feruor dizẽdo
q̃ louua, que ha sẽpre de louuar
por mais, q̃ elle naõ queira, e se desfaça
por ysso, q̃ seu corpo ẽ cinza, o faça.

Da Phenix naõ se cõta, e tẽ por certo
q̃ cõ bater as azas fere lume
remedio, q̃ naõ s'acha ser incerto
Despois de junto ter, o q̃ a cõsume
Da cinza a renascer caminho he perto
Torna o terceiro dia à seu custume
Assy se desta cinza eu renascera
Inda, o q̃ agora faço, entaõ fizera.

Aos q̃ de atromẽtar ia tinhaõ cargo
Naõ lhe falte (lhes diz) estoutra pena
Com silicio ȧ peitaŷ muy groço, elargo
Mas ajnda me parece ser pequena.
A võtade, e poder despreza ẽbargo
quãtos peitos leaes isto cõdena:
do corpo lhe corria, o sãgue ẽ fio
Tãto q̃ parecia, ou fonte, ou rio.

D'acoutes, nẽ tormẽtos, não se farta
Afrõtas, e perigos sò pretẽde
Da causa, de ȧs sofrer, nũca s'aparta
Cõ ella, sẽ trabalho, tudo rẽde.
Naõ hà cousa no mũdo, q̃ amor parta
Cõ não s'amar sò, acho, q̃ s'offẽde
quẽ no tẽ, o q̃ digo, naõ terà
por muito: muito mais delle crerà.

Cõ huã allegre, e humilde paciẽcia
Naõ lhe respõde Ia mais respõdia
A quẽ em tudo mostra sua clemẽcia.
porq̃ esperaua Sò de dia, ẽ dia.
Por obstinado Julga, e Sẽ prudẽcia
A este ẽ quẽ temor disto naõ Via
O Seu largo tormẽto, tẽ por breue
por Suaue, por doçe, brãdo, e leue.

Em quanto elle ordenasse, o q̃ quisesse
Nũ carcere à mãdou meter escuro
Cõ pregões, q̃ ninguẽ nãda lhe desse
Sobpena de hũ castigo, nouo, e duro.
Q̃ ninguẽ compaixaõ della teuesse.
Se delle Se quisesse Ver seguro
Espias, e Malsins naõ lhe faltauaõ
Hũs cõ outros, nos becos, se ẽcõtrauaõ.

Nelle cõ bofetadas foi metida.
de todos ella só Vituperãda,
Como huá molher Vaá douda,eperdida
do mũdo, e dos cuidados ẽganãda.
Naõ cuida o Juiz darlhe eterna Vida
Na morte, q̃ lhe ordenã prolõgãda,
da qual só se sẽtia receosa.
de se lhe dilatar muy temerosa.

Allegre as recebia desejando
Outras, cõ q̃ sẽtisse nouas dores
As magoas, q̃ hia nisto cõtẽplãdo
A rezaõ cada Vez, às faz majores.
Na q̃ sofreo seu dis sẽpre cuidãdo
So deste desacato tẽ temores
Amigos(lhe dizia) algũ me Valha
Q̃ dé a luua Cruel grossa, e de malha!

Ainaõ queirais, q̃ falte a peccadora
O q̃ sofrẽo o Senhor sẽdo Inocẽte
Ja q̃ s'arrou, entaõ, naõ s'erre agora,
posto q̃ seja a causa differẽte.
tiueste força mas merecedora
do q̃ digaõ por mỹ, que mais o sẽte
Despois disto ter feito inda viueste?
Naõ sey ẽ qual dos males mor fizeste!

A espia mas discipulo primeiro
Menos fez, E porẽ logo arrebẽta
Engano foy seguido: e derradeiro
qu'a conhecida culpa, a dõ cõtẽta,
Amor so quer cõstãte, e verdadeiro
q̃ o outro como he vaõ naõ se sustẽta
Dura, ẽquãto dura, o falso gosto
Em qu'estado te tẽ; e ha tãto posto!

Cò as maõs a seu sposo leuātadas
dizlhehyã, o q̃ ella Sã lhe tinha dito
As forças tẽ tyranas desprezādas
de teu Seu doçe nome, na alma escrito.
So diuinas merçes consideradas
Criaõ hũ nouo amor; hũ nouo esprito
Tomemos esta Sancta por exemplo
q̃ de seu coraçaõ, fez de ds tẽplo.

Sojeita a sede, e so, Sojeita a fome
de q̃ ella naõ faria caso algũ
Esta alma q̃ te dey ninguẽ ta tome
Meu ds pois es igual, e tudo, e hũ.
Tu madeste primeiro, e cõ teu nome
Nella o mũdo naõ tẽ quinhaõ nenhũ
Mas teueraõ; se eu a ty, te naõ teuera
q̃ sem ty nada sou: nada podera.

Delã me tẽs Senhor ferida, e preza
Sẽ ferros sẽ temores, sẽ espãtos
Mais eu marca não sou de tal ẽpreza
pois es gloria dos ceos, gloria dos sãtos
Dentão te seruir bẽ tanto me peza
q̃ disso meus prazeres, mudo ẽ prãtos
Tua brãda saudade me sojeita
quãdo me aflige mais, mais me deleita.

Meu IESV, não te escõdas, de quẽ t'ama
Sẽ ty quẽ poderia viuer hũa hora!
Tu fazes, q̃ te chame, quẽ te chama
Cõ tudo fauoreces quẽ te adora
quẽ lagrymas por ty, sẽpre derrama
Sẽpre mais se leuãta, e se melhora
Nẽ a ty pedirey nisto socorro
pois morrẽdo por ty, viuo, e não morro.

Leuame aonde o teu gado apascẽtas
Nus prados sẽpre nouos, sẽpre Verdes
A moi as flores saõ, cõ q̃ o sustẽtas
Cõ dar a todos tudo, nada perdes:
So cõ te deixar Ver, todos cõtẽtas
Nome de boõ pastor mereçes q̃ herdes
Cajado foy a Cruz, cõ q̃ o guardaste
dos lobos dẽ q̃ sẽpre, o reçeaste

Onde descãsas tu aly quieto
Ao meo dia estas sẽ sobresaltos
Na terra, o mal, e o bẽ todo he iquieto
Teus segredos Senhor, como saõ altos
A ty em tudo, sẽpre, me remeto
Se Visse esta cabeça dar tres saltos
Como deu a do teu Vaso escolhido
Nomeãdo cada hũ o teu appellido

Nome só de q̃ treme todo o Inferno
por rezão, por poder, tudo merece,
Nome, a q̃ quẽ do ceo ca tẽ o gouerno
Cos giolhos no chão sẽpr' obedece
He nome despedaça, e ab Æterno
q̃ dos homẽs saluar, nũca s'esquece
Homicidas, ladrões, e publicanos
Em vẽdo, q̃ conheçẽ seus ẽganos

Tuas esposas sẽpre a ty corremos
de lõge teus caminhos só seguido
Ja nada nos detẽ pouco fazemos
pois tays setas Senhor nos vão ferido.
O q̃ mais desejamos não podemos
Teu balsamo suaue, ymos sẽtido
q̃ pera mais cheirar tẽs derramado
Cõ q̃ curas feridas do peccado

Tu me seguia, e guãrda, tu me anima
Contra este mao Tyrãno sẽpre ajũda
q̃ teu poder, e tudo desestima.
Ensina porque, es alma tão rũda
tu lhe mãda Senhor Ja la decima
Conhecimẽto teu, q̃ tudo muda
Mas se cũpre, a quẽ es, darlhe castigo
Cõnfesso, q̃ não sey nisto o q̃ digo

Do senhor marauilhas grãdes disse
q̃ declarar não pode humano stilo
quẽ vẽ chegar, aquy de tudo visse
E não podẽdo quer sẽpr'encubrilo
Oh quẽ Aeterno Ds se asy Ja visse
quẽ Isto sẽte mais, no q̃ faz dilo
Como fez esta grãde Sancta nossa
q̃ cousa há, q̃ o amor não faça, e pôssa.

Despois de transformada toda nisto.
A saũdade da Vida se queixãdo
que merece na terra ser ja justo
Estar cá dos triumphos triũphãdo
Virãdo os olhos Vio ante sy Christo
Cõ amor o reçebe mas chorãdo
Cõ lagrimas, alegras teu esposo
Immortal, Impassiuel, glorioso

que lhe ouuira a rezão: que lha Imitara?
Q desatino (disse) fello, basta
Em tudo que cõ ellas so s'achara
He meo cõ q̃ amor se chega, ou afasta
Se ouuera outro melhor; ella o buscara
Májar he q̃ no ceo se estima, e gasta
Cõ lagrimas David afoga a culpa
Egipciaca. Ellas sós deu por desculpa

Lagrimas á famosa peccãdora
derão sem no pedir, o q̃ pedia
Áquelle Simão, q̃ seu remẽdio fora
E a quẽ muito mais, q̃ assy queria
de quatro dias morto, sẽpre o chora
faz lh'o senhor no choro companhia
q̃ se aleuãte a pedra, as pedras mãda
resuscitado vẽ mas quẽ se abrãda!

Antes ficarão mais Indurecidos
E assy lhe buscão tal modo de morte
de marauilhas tantas esquecidos
Tẽdo por sua luz, & por seu noite.
Q̃ differẽça amor faz nos sẽtidos!
Cõtra medo, e poder q̃ cousa ha forte!
Por lagrimas faz tãto, q̃ lhe custa
A vida polla dar á gẽte Injusta

Ezechias Rey deu mais quinze años
de Vida. pello Ver dellas cuberto
despois de ter sabido os deseganos
q̃ a parede lhe tinha descuberto
Tẽ o officio, & o fy, dos pelicanos
Senão q̃ sẽpre em tudo este he mais certo
São papas. Jubileus: q̃ tudo podẽ
Tudo dão, quãdo quer, porque acodẽ

Aquella May cõ causa discõtẽte
q̃ ao ceo deu duas Vezes Aguostinho
Vẽdoo de Vãos ẽganos sõ cõtẽte
E como tinha o Inferno tão Vezinho
quasi da dor de Vida Impaciẽte
Cõ lagrimas atalha seu caminho
Importunado (lhe disse) hũ Bispo sãto
Não receẽs perder filho de prãto.

A mea noite ao carcere chegou
E, fello nesse Instãte paraÿso
Logo todas as chagas lhe curou.
La do Impirio çeo Sõ veio aÿso
De luz, e Cherubins á rodeou
que se pode espãtar se tẽ fee diso?
Sabes porq̃ naõ digo, o q̃ dirias?
porq̃ nũca senty, o q̃ sẽtias?

E, ste Senhor benigno, te esforçaua
porq̃ os males dos homẽs naõ temeses
de todos, e de ty, te seguraua
q̃ sẽbrãça da fee, nũca perdeses.
E, pois teu coraçaõ sõ a elle amaua
q̃ fizesses do seu, o q̃ quiseses
O liberál amor nada limita
q̃ cousa té q̃ naõ seja exquisita!

Aqui me tẽs cõtigo, quaõ guardãda
Te tenho; nẽ no cuidas, nẽ no ẽtẽdes
Nũca seras de mỹ desẽparãda
Cedo teras amiga, o q̃ pretẽdes.
debaixo destas azas leuãtada
rẽderas, os Imigos q̃ reprẽdes
E antes de acabar de lho ter dito
Cumpriose, o q̃ Isayas tinha escrito

Dũ bẽ taõ consolada se vio logo
gozando nalma hũ tal cõtẽtamẽto
q̃ faz, q̃ naõ se sinta o ferro, e o fogo
E faz, q̃ roube a sombra o intẽdimẽto
q̃ naõ ouuera amor, premio, nẽ rogo,
Bastaua, o q̃ declara o pẽsamẽto
Pera se fazer Ja tudo por tudo
Paulo quãdo mais vio. ficou mais mudo.

Q̃ te posso chamar se Ser culpado?
pois o filho de d's, filha te chama:
E, quanto mais por nos foy desprezado
Amounos. fez effectos de quē ama.
Acha pouco, o q̃ tē por nos passado
Na cruz; quādo espirou deix'esta fama
d'allegria do Ceo te encheo teu peito
Q̃ amor, não he cōtrato, mas he effeito.

Na hora ē q̃ nasceo nessa hora o Viste
deuias pois o fez de desejallo
quātas Vezes cō as palhas te cobriste
quātas Vezes quiseras enfaixalo
quātas Vezes ē teu peito sentiste
Aquelle frio seu. q̃ cō dor callo
dos brutos animaes tinhas enveja
Tinhas tāta rezão, q̃ te sobeja.

Desejauas de dar tudo aos pastores
q̃ cõ vontades puras o buscarão
Nam se deterão mais, q̃ ẽ seus louuores
porq̃ iuntos prostrados o adorarão.
Os Anjos forão seus annũciadores
pera o poder achar tudo deixarão
No caminho nẽ la se arrepẽderão
porq̃ a Ds leuarão, a ds trouxerão.

Lẽbrauãote os solucos do Minino
Seu choro, seu amor, & sua pobreza
pasmauas de fazerse tamanino
quẽ fez de nada toda a redõdeza
Tudo julgauas mais por desatino
Nẽ cuidauas q̃ auia outra riqueza
q̃ dores o teu peito traspassaua
quãdo nas vers a Virgẽ te lẽbraua!

Quãdo a seus pés Vio, quẽ so sustẽta
tudo, & quẽ o fez, nũ põto breue
quẽ mãdá os Seraphĩs. quẽ nós cõtẽta
quẽ do alẽto do Boy épaĩo true
O q̃ á Senhorá aquy se represéta
Ella ó deue dizer. ella só deue
Misterios taõ profũdos declarálos
Q̃ eu nẽ ouso, nẽ posso ponderálos.

A manjedoura, pobre, baixa, e estreita
pardieiro sẽ dono, & sẽ ter porta
Cõ o poder Æterno se sojeita
Enquãto te lẽbrauá tinha absorta
Anjos. & Seraphĩs, & tudo ẽjeita
O Senhor por remir estálma morta
No presepio ãtre brutos reclinãdo
Na Cruz antre ladroẽs crucificado.

Lembrauate a fugida pera Egipto
A causa, os caminhos, e os rodeos
Cõ tudo Ja lhe tudo tinha dito
Q amor quãdo elle quer naõ faltaõ meos
Q dor lá Sẽtiria o meu spirito
Acõpanháda sẽpre de reçeos
Co filho, co sposo, cos cuidâdos
Q as sombras por ladroẽs tẽ afamados

Porq occupaste nisto a debil Vida
gozas desta Visaõ miraculôsa
E tenho por mor bẽ seite deuida
Merçe portantas causas gloriosa
Do amor foste so sancta Vẽçida
Q cousa pode ser mais generosa!
Sẽpre se louuarã no mũdo todo
Seguires taõ estranho, e nouo módo.

q̃ repouso te tráz naõ repousar,
E, u te Imagino aSy como te pinto
Cõ a Vista transportada, e se olhar
quẽ podêra cantar nisto o q̃ Sinto.
Naõ tinhas entaõ mais, q̃ desejar
por tál amor estremos so cõ sinto
q̃ passa dẽtro ẽ Sy a alma, q̃ fere
quẽ naõ no exprimẽtou Sequer, o espére!

Os Reys em paços Viuaõ Sumptuosos
Tenhaõ mil Inuẽçoẽs de ricos leitos
Tenhaõ Iardĩs, e Sitĩos deleitosos
Sujeitos estẽ Sempre, á falsos peitos
Abaixos, a q̃ chamaõ poderosos
q̃ atẽ afeminados tẽ os cõceitos
Imigos da Verdáde, e da Justiça
Amigos Sò das armas dá cubiça

Mas seruas do Senhor buscaõ desertos
buscaõ pobreza, etẽ por paços, couas
da ly vẽ como Esteuaõ Ceos abertos
Aly de sy seu Ds lhe traz as nouas
Os males tẽ da vida descubertos
O fera Ingratidaõ tu nos estrouas!
Veimos Inda na terra baixa, edura
do q̃ nẽ he capaz, alma mais pura

Cõtasse de Allexãdre Magno, e raro
Cellebrado de varios Scriptores
q̃ a muitos grãdes Reys custou taõ caro
Mas digno doutras cousas muito mores
E mais, q̃ o claro sol fica Isto claro
Nũca chegou louuor a seus louuores
Cõ poucos ẽ doze anos fez tal guerra
q̃ vẽçeo sẽ trabalho toda aterra

Q̃ Diogenes na cuba lhe pareçe
q̃ sò cõ se vẽcer, o tẽ vẽcido.
A causa tãto o espãta, e ẽtristeçe
q̃ logo o foy buscar della mouĩdo
Tudo despreza, quãto lh'offereçe
Murmurado dos seus, e reprẽdido
lhes disse. Se Allexãdre eu ja não fora
por este me trocaria, q̃ aquj mora.

Esta resposta deu tamanho espãto
q̃ foy no mũdo todo vniuersal
Nũca podẽ esqueçer, nẽ lẽbrar quãto
Conuẽ a quẽ quiser ser hũ rey tál.
Ao philosopho tẽ seu nada ẽ tãto
porq̃ a rica pobreza tudo val
Thesouros nouos acha sẽpre nella
quẽ na busca, quẽ guarda, e cufa della.

Ficarêa aeste monarcha so louuisto
do qual naõ se esperaua tal Victoria
Como teue de sy taõ grãde nisto
de que sempre auerá noua memoria.
Mas cego he boõ IESV que naõ tẽ visto
q̃ amor te trouxe, e traz da Eterna gloria
Ao carcere Curar esta alma pura
E naõ o q̃ a Allexãdre sa figura

Nos tardamos ẽ sy, Ds nũca tarda
buscanos no lugar onde o buscamos
De q̃, perigos sẽpre nos resguarda
E naõ nos deixa ajnda, q̃ o deixamos.
quãto mais lhe fugimos mais aguarda
Seu amor, cõ q̃ o mũdo desprezamos
Oh desatino grãde. Oh grãde perda
q̃ se Imite o ladraõ da parte esquerda

Se tudo nos reprẽdẽ q̃ fazemos
Suá cruz cadahũ leuai pretẽda
parece, q̃ negamos, o q̃ cremos.
pois se vê cada vez, menos emẽda.
quẽ naõ faz por seu Ds nouos estremos
Naõ sey cousa segurá, q̃ pretẽda
Veremos no terceiro cantõ agora
quãta força Amor tẽ, nalmã, ẽ q̃ mora.

Prossa do Ter=
ceiro Canto=

Seguindo a historia. diz Ripomano
q̃ huã molher q̃ conuersaua a
Sancta no carcere chamada Iu
liana, Vendo como recebera sau
dé de todas suas chaguas dãdo
graças ao Senhor se cheguou pera
a Sancta começãdo de se preparar
pera padecer semelhãtes tormẽtos
pella honra de Ds. E diz Saõ Io
aõ Damasceno, E Arsenio q̃
a causa desta conuersaõ, foy Ver
Iuliana, q̃ na frol da Idade, quis
Antes Sancta Barbara, e teue
por mais excellẽte a amizade
de Ds, pellos tormẽtos q̃ sofria

q̃ as dilicias, q̃ o paj, e o prezidẽte
lhe offereciaõ, E vendo o cuidado
q̃ o Senhor tinha de acódir aós
seus. Imaginãdo nisto muitas ve
zés em seu peito, de sua võtade se
offereceo ao desãfio, q̃ a Sancta
tinha começãdo. Despois disto
Antes da manhaã diz Sãto Anto
ninô, q̃ a mandou tirar o prezidẽte
do carcere, e trazella ante sy. E
o mesmo diz Lipomano. E diz
Sancto Antonino, q̃ lhe disse
o tyrano naõ vés como nossos Deo
ses saõ benignos, q̃ te curaraõ
tuas chagas? E q̃ lhe lembraua
q̃ adorasse seus Deoses. E

Diz Pedro galesinio na Vida, q̃ tirou de São João damasceno, e de Diarcenio q̃ lhe disse o tyranno, não tens agora rezão nenhuã q̃ dar q̃ te escuse? Diz Lipomano; q̃ vendo q̃ não tinha nodá, nem sinal das feridas, em vez de conhecer sua cegueira, e dar graças a Ds, e lhe pedir perdão de seus peccados acabou de se desavergonhar atribuindo aos idolos a saude, q̃ a Martyre cebera: A Sancta respondeolhe; os Deoses, q̃ são tão cegos como vos, Como podẽ fazer milagres? Se quereis saber quẽ me deu saude

he Iesv Christo filho de Ds
viuo. o qual vos naõ podeis ver
porq̃ tendes neuoas muy grossas
nos olhos de vossa alma. Cõ
estas pallauras indinado o pre
zidẽte, aos q̃ estauaõ presẽtes
mãdou, q̃ com pẽtes de ferro
lhe despedaçassẽ as costas, e
lhas queimassẽ cõ fogo. E diz
saõ Ioaõ Damasceno, e Me
fenio, q̃ lhe mãdou roçar cõ
pedaços de telhas muy quẽtes
as chagas, q̃ ella sofico mais
fortemẽte, do q̃ naõ somente
a fraqueza molheril sofria, mas

aInda mais do q̃ a natureza humana
demandaua. E diz Lipomano
q̃ dizia o Tyrano, q̃ lhe dessem
cõ hũ maço na cabeça. E o mes
mo diz Santo Antonino. E diz
Lipomano, q̃ se fizeraõ estas cousas
muy apresadamẽte. E diz Sãto
Antonino, q̃ Leuantando Sancta
BARBARA os olhos ao ceo, dizia.
Vos sabeis meu Senhor, q̃ por vo
ssa causa padeço estes trabalhos
portanto naõ me desempareis
porq̃ naõ se glorie de mỹ o Ini
migo q̃ na cruz vẽcestes, por
saude do mũdo. E q̃ dizia ao
Juiz. Sabe misero, q̃ este fogo
naõ causa dor, senaõ refrigerio

e deleitasaõ. E diz Lipomano q̃ vendo isto Iuliana stillaua de seus olhos fontes e rios de lagrimas naõ temendo de ser vista do tyrano, e compadecendo se entranhauelmẽte de lhe naõ poder valer. E vendo Marciano Iuliana sabendo como era Christaã, a mandou depẽdurar nũ pao, e q̃ lhe despedaçassẽ as carnes cõ pentes de ferro. A glo riosa Sancta vendo assy ator mentada a companheira Iuliana, leuantou os olhos pera o ceo. E disse Senhor, vos conheceis os coraçoẽs, e vos sabeis, q̃ por vosso amor, e por naõ quebran

tarmos vossos mandamentos nos
entregamos a Vos. Senhor naõ nos
desempareis recebeynos por Vossa
misericordia, & confirmainos
a ambas, & corroborainos, pera
q̃ Vamos ao cabo desta carreira
q̃ começamos, posto q̃ o spiritoestá
muy prompto, a carne he fraca.
E desta maneira rogaua a Mar
tyr ao Senhor porquẽ sofria estes
tormẽtos, & per sy, porq̃ com sua
ajuda se fortificasse a Imbeci
llidade da natureza & fraque
za sua. porq̃ sabiaõ, q̃ era Ver
dadeiro, & tinha dito, q̃ o espirito
era prompto, mas a carne fraca.
O tyraño tẽe posto contrá a Sancta

claro ja, e determina de lhe dar
outro tormẽto, e multidaõ delles
pera q̃ com jsso vença a fortaléza
e constançia de seu animo; e
mandoulhe arrancar as tetas cõ
tenazes de ferro. Estando neste
tormẽto á gloriosa Martyr outra
vez pedio socorro ao Senhor di
zẽdo, naõ aparteis de nos vossa fa
ce, e naõ auzenteis de nos vo
sso espirito; dainos allegria de vo
ssa saúde, e o espirito priçipal
nos cõfirmaj, ẽ vosso amor. Vẽ
do o prezidẽte como ambas as Sanc
tas tinhaõ a mesma fee; e cons
tancia, mãdouas apartar, Juli
aná mandou prẽder, e á Sancta

mádou p̃ levar despida por toda a reg
giaõ, & com outra inuẽçaõ da cou
tes, açoutar. E diz São Ioaõ Da
masceno, & S. Arsenio; por Vẽ
tura podesse algũ hora ymaginar
cousa mais fea, q̃ esta maldade?
por Vẽtura se pode achar alguã
maneira outra, de Injuria taõ
insigne? pera infamar o sexo fœ
minil,? mas ellas dauaõ graças
ao Senhor, porq̃ quanto mais in
jurias, e majores tormẽtos o cru
el prezidẽte lhe deu, tãto majores
coroas deu a cada huã dellas. E
assy como, os q̃ em tempo dos Ro
manos hiaõ muito allegres rece
ber as coroãs, q̃ lhe dauaõ os mestres

dos logos, assy ellas olhyaõ. E diz
Santo Antonino, q̃ naõ podiá sofrer
o tyrano, Ver o gosto, q̃ a Sancta
sẽtia nos tormẽtos. Diz Lipo
mano, q̃ a Martyr Vendosse hyr
assy taõ torpemẽte pondo os olhos
no ceo, dizia ao Senhor. Senhor
Vos cubris o ceo cõ nuuẽs, & a te
rra cõ escuridaõ, Vos Rey & Sõr
meu cubry minha nudeza; fazey
q̃ meus mẽbros naõ sejaõ Vistos
dos olhos de Infieis porq̃ naõ
zombẽ, nem façaõ de my escarnio
os q̃ me cercaõ. Ouuio o Senhor
sua oracaõ logo. E diz Sãto An
tonino q̃ lhe mãdou hũ anjo
resplãdecẽte, q̃ a curasse de todas

as feridas, & a cubrio cõ hũa rou
pa muy excellẽte. E diz Lypo
mano q̃ lhe encheo seu coração
de allegria, & consolação. E
q̃ assy cuberta a leuarão ao Juiz.
E diz São João damasceno, e [illegible]i
Arsenio, q̃ disse ao Tyrano vejo
q̃ vos cõ minhas palauras vos
cegais; he porq̃ me não ẽtẽdeis.
Pergũto q̃ cousa auia, q̃ fosse
bastãte a sofrer estes tormẽtos
& mais em femeas, senão o grã
de amor inuestigauel de Chrysto
q̃ ja mais se pode apagar. E
dizẽ estes mesmos Sanctos, q̃ por
não ficar o Juiz mais deshõrrado

naõ quis mais tratar cõ as Sanc
tas. Diz Lipomano, q̃ vẽdo, q̃
nem cõ afagos, nẽ cõ tormẽtos,
as poderá mudar de sua constãcia
as mandou aambas degollar.
E estando o pay de Sancta Var
bara presẽte naõ cõtẽtio, q̃ outrẽ
fosse algoz de sua filha, senaõ
elle; por naõ parecer, q̃ tinha ẽ
seu coraçaõ alguã fraqueza de
hõrra, teue por deshõrra, naõ ma
nifestar aly sua crueldáde, ẽ
tomou a Virgẽ polla maõ acom
panhada tambẽ de Juliana, ẽ
foraõ ambas pera o lugár, donde
auiaõ de ser martyrizadas. E
diz Santo Antonino, q̃ Ja hyaõ

Cõ os baraços nos pescoços

Pricipio. Do Terçeiro. Canto

Quem as cousas de ds hũ pôto espaça
pouco sabe da pressa, quãto importa
So nas falsas do mũdo s'isto faça
q̃ nos fechão do Ceo, a aberta porta
tu m'inspira Senhor de nouo graça
Cõ q̃ ja resuscite esta alma morta
Cõ q̃ torne a seguir, o q̃ cantaua
pois não pude cheguar, onde cuidaua

Cercado de receo, & de temores
Me vejo nesta empresa doutrẽ dina
Como pode cãtar do ceo amores
quẽ a terra não tẽ por peregrina
Tudo facil sera, cõ teus fauores
porẽ a me callar Moyses m'ẽsina
Sẽdo elle, e sẽdo eu a differẽça
pode sẽ sospeição dar a sẽtẽça

Q̃ esses raros poetas, q̃ escreueraõ
Cõ estilo taõ brãdo, e taõ aceito
E as empresas falsas, q̃ emprẽderaõ
Deue sempre engeitar, o Chrystaõ peito
Como vaõs no amor vaõ se detiueraõ
Louuãdo que lhes foy, e està sujeito
Fabricãdo esperãças sobre vento
Sobre sonhos, enleo, e esquecimẽto

Mas ouça, que tiuer Chrystaõs ouuidos
d'huã moça vera ser desprezados
gostos, fortes tyranos, reprẽdidos
Estremos, q̃ naõ podẽ ser cuidados
Misterios do Senhor mal ẽtẽdidos
Mas dos seus porquẽ, he exprimẽtados
Cõ verdades a verdade so se orna
Por isso, ao q̃ dizias, Musa torna.

Vecida do milagre Juliana
Q aly em carcere horrẽdo à cõuersaua
Deixãdo sua ley, falsa, e tyrana
graças a seu senhor æterno daua
O mũdo, Vida, e tudo desẽgana
pera os tormẽtos ja se aparelhaua
por sẽtir ẽ seu peito, outro cuidado
Outro amor differẽte do passado

A niguẽ, o porquẽ fez isto nega
Mas a causa foy Ver na frol da idade
Como Barbara brãda naõ se cega
Cõ dilicias do pay, nẽ crueldade
Como nada de dos a desapega
d'estimar mais, q tudo sua amizade
Muitas Vezes cuidãdo isto ẽ seu peito
por amor o amou, sẽ mais respeito.

De võtade foy logo ò desafio
q̃ Barbara leuantou sẽ nhũ medo
q̃ eu so de mẽu Snor. tudo cõfio
q̃ mais deu a quẽ veio à vinha çedo.
Das penas dos tyranos bẽ me rio
Todas posso tomar no menor dedo
No modo cõ q̃ Ds̃ aos seus acode
Vejo quãto lhes quer, & quãto pode.

Ja tẽ tudo, o q̃ da a Contriçaõ
Ja tẽ a'lma sujeita, e saudosa
Ja s'espãta de auer Ingratidão
peçonha mayis q̃ todas venenosa
Se muros, e esquadrões vẽçaffeiçaõ
Nẽ cousa acha nenhũa perigosa
q̃ fará quando for Justa, & diuina
Se entaõ cõ Ds̃ se apuia, e se refina

Ah companhia Sancta, e verdadeira
que t'acha, e não te poupa não t'étêde
que não foge, da vaã e lisójeira
de graça, ate amigõs fracos rêde
Maria, q̃ amou muito, pregoeira
Do ceo. E q̃ acsperáca nos deffêde
pois tanto disto soube, ella nos diga
o q̃ pera açertar se faça, e siga.

Em chegando a deixallo e q̃ se vio
De traz do seu IESV aos pés prostrada
Logo a facil clemêcia cõsêtio
Ser della deffêdida, e perdoãda.
Sê desculpa suas culpas descubrio
Trazersse tantos anos êganada
Quebra o Vaso derrama seu Vgũẽto
Nisto sê o dizer, diz seu Intêto.

Q̃ mudāça taõ grāde, em breue espaço!
Thẽ nasce do Senhor hyr coucisado
Eu condemno, o q̃ fiz mas naõ, o q̃ faço
Diria a peccadora ẽ sy tornado.
Naõ sey como me toda naõ desfaço
Meus cabellos seus pes lh'estaõ lipdo
Mas elle a alma mĩa lipa em tudo, cuja
pera q̃ do peccado, e de my fuja.

Nũca mais quis do chaõ tirar seu rosto
Nẽ do largo banquete, naõ daã fee
Taõ alto tinha o seu spirito posto
Q̃ seus peccados sos e seu di ve.
Em ser tudo cõtra ella acha so gosto
de conhecer quẽ foy, e naõ quẽ he
Cõ lagrymas, sylencio, e penitẽcia
se vence o mesmo Ds sẽ resistẽcia.

Muitos exemplos mais inda trouxera
Se este não sobejara, q̃ aquj temos
Mas Barbara diuina, que temera!
Culpas porq̃ outras mores merecemos
Q̃ differente cõnta se fezera
De não pesar as cousas q̃ teuemos.
Os castigos são sombras ate oje
E o remedio parece q̃ nos foje

O muito q̃ mereces mereceo
do q̃ o Senhor uzou, querer q̃ uzases
Se na Cruz o ladrão lhe roubao ceo
No carcere ordenou, q̃ lha guardases.
Pois nada pera horrarte lh'esqueceo
que fosse tão fellice, q̃ rogases
por elle pera ter, logo por certo
Aquillo de q̃ viue tão incerto.

Sem poder esperar amanhaã logo
O Tyrano Cruél antes, q̃ a Visse
Chamá os Cryádos Seus, chamãoselogo
As cousas q̃ dizia, ninguẽ disse
Elle mesmo per Sy, quis ferir fogo
q̃ entido differẽca se Sentisse
Ao carçere por ella algozes mãda
por Ver, se cõ os Ver, se muda, ou abráda.

Obedeçido foy da gente fera
do modo q̃ elle quis porq̃ o Imitaua
Mas eu sey qu'em na Vẽdo cada hũ dera
por naõ na Verẽ Saã tudo o qu'amaua
por huá parte oespãto a Ira Vẽçera
por outra a mesma causa os Inçitaua
Mais de nouo cõtra ella mãs porẽ
Se o mal naõ lhe faz mal, q̃ fara o bẽ!

Posto q̃ facas tudo a mais te obriga
Cõ merces desusadas, e fauores
Ja de serua, te chama noũa amiga
Indicio, e esperãças, doutras mores
Naõ creas, ó tyrano, ajnda q̃ diga
q̃ os Deoses saõ benignos, e senhores
q̃ de ty sem quereres se vẽceraõ
porq̃ tua ignorãçia conheçeraõ

Sabe q̃ seu fỳ so tira, a ẽganarte
q̃ primeiro q̃ tudo isto imaginaõ
tambẽ t'haõ de sofrer, e contẽtarte
os males, quãtos males nos ẽsinaõ.
Despois t'haõ d'offẽder, e desprezarte
q̃ as culpas á cruezas os inclinaõ
Mas tu constãte mostra obrado peito
q̃ o amor so cõ amor se faz sujeito.

Trazida ante o Juiz, mas se Justiça
Lembralhe, q̃ lhe lembrẽ os deoses seos
quãto moça te ẽgâna que te atiça!
tormẽtos, quer alheos fazer teos!
Não tenhas de teu mal tanta cobiça!
Acaba de os cõselhos tomar meos!
Não Ves, q̃ tẽ curadas tuas feridas?
Não Ves como em Vão forão sofridas!

Q̃ rezão podes dar Contra Isto agora!
Se Vencida não Ves he caso nouo!
de te não Ver chorar a alma me chora!
Em te não Ver mouer muito me mouo.
quãto nũca nascer milhor te fora!
pois tua Ingratidão, serue d'estrouo.
tu não trazes Sinal nenhũ, nẽ noda
ficando nua chaga feita toda

E, nẽ cõ isto ajnda se conhece
Mas se antes cego estaua mais o fica
Ao Senhor, por Senhor nаõ reconhece
Q̃ muros sobre culpas edifica
Q̃ Idolos a Sararaõ lhe parece
Assy lho diz em tudo, e Verifica
Como que Iá naõ sēte perder honrra
Nem estima senaõ ẽ major deshonrra.

Rindosse delle a sancta lhe respõde
Taes saõ esses teus deoses, qual tu es!
Esses milagres seus, que nos escõde.
Seraõ pera ty sò pois tu sò os Ves.
Naõ sey no mũdo Vaõ cousa por õde
Me facas crer a mỹ no ẽ q̃ tu cres!
Sabes que me curou Cruel Imigo!
Hũ di's q̃ busco, e acho adoro, ẽ sigo.

Neuoas taõ grossas tẽ nessalma tua
q̃ cõ fee o Sól diuino, Sò desfaz
Mas tem na Ja o Inferno portaõ sua
q̃ tẽ feito cõ ella em tudo páz.
porq̃ he Soberba, e Vaã, ingrãta, e crũa
E os males por costume todos faz
deste corpo te Vinga se quiseres
q̃ breues dores daõ largos prazeres.

Sẽ rezaõ indinado o prezidẽte
da represaõ diuina muy corrido
de tudo desgostoso, e descõtẽte
As suas graues culpas referido
Entrega há a mais cruel, e baixa gẽte
Ja deseja acabar de ser perdido
Ja torna sobre sy, Ja se segura
Sẽ saber a q̃ males s'auẽtura.

Com pẽtes diz agudos daço, & ferro
Sẽ dor, nem compaixão ma espedaçaj
porq̃ se isto sofrer, eu sou, o q̃ erro
primeiro q̃ á mateis, muito a mataj.
Não basta cõ tal mal logo desterro
Nadá lhe concedey, tudo negaj
Nas costas tenhá mil modos de fogo
E não seja despois, q̃ he tarde logo.

Cõ pedaços roçaj d'agudas telhas
As chagas pois merece feita ẽ pó
De brancas lhas fazey verdes vermelhas
Do modo, nem da causa tenhais dó
Nos olhos, nos narizes, nas orelhas
de cruezas os effectos sinta só
q̃ aquy o nome perde, e he necessario
E muito mor ~ sera sero cõtrario.

de sofrimẽto, exẽplo, e de pobreza
Santo Job, q̃ o como perdeo tudo
No Jmũido lugar achou a riqueza
das tentações intensas ficar mudo
Não lhe servio a telha de crueza
Antes de Alivio sy, da lepra escudo
A ty pois Virgẽ tudo, te dá dores
tambẽ laste darão premios majores

Mas como ella sofreo tão nouas cousas
Em sy a dor só pode declarallas
Contra tãto poder atãto ousas
Estas forças o ceo foste rouballas
Nas penas sẽ reposo, só reposas
Nẽ pellos mesmos bẽs queres trocállas
A molheril fraqueza, o q̃ sofria
A natureza humana Ind'excedia

Tambẽ lhe day, cõ hũ maço na cabeça
Naõ lhe fique por dar nenhũ tormẽto
dizeilhe, q̃ naõ acaba, q̃ começa
Se naõ quiser mudar seu falso itẽto
Q̃ em cegeira taõ vaã naõ permaneça
Cõ quẽ fallas Cruel, fallas co vẽto!
Fartar Algozẽs, tigres Carniceiros!
Leoẽs pera cordeiras, e cordeiros!

Quem passou taẽs estremos sẽpre viso
quẽ vio nũca fraqueza sertaõ forte
Bẽ parece, q̃ estauas ia sentindo
q̃ tinhas a mais alta e milhor sorte.
porq̃ naõ vas esposa descobrindo
Q̃ a morte, por teu esposo, naõ he morte
Sobiste o fœminil sexo de modo
q̃ contra ty naõ basta o mũdo todo.

D'Anibais, e Scipiois cesse Ja a fama
dos Cæsares q̃ aquy nũca chegarão
se insignes os chamou, iá os não chama
q̃ nẽ cõ tua sombra, se igualarão
O teu esforço foy de quẽ a dis ama
os seus de quẽ os Deoses ẽganarão
por ysso fica logo muito claro
O teu espirito ser mais q̃ os seus raro

Hora fosse por força hora por medo
logo, o q̃ elle mandara se cũprio
disto ficou tão vão, soberbo, e ledo
q̃ enganos, e lijonjas consentio
Mas errey não mãdar Isto mais cedo
dizia. A quẽ tãbẽ nisto o seguio
se ajnda algũ tormẽto mor sabeis
A vida em mo dizeides me dareis

Os olhos dalma a Virgẽ leuãtãdo
Interrompe o silẽcio. Ah Senhor meu
(lhe diz) faz o tormẽto hyr dilatãdo?
Q̃ naõ tẽ ja este nome pois he teu
E, vaime porquẽ es manifestado
Conhecer quẽ es tu, e quẽ sou eu.
E q̃ muito parẽça, o q̃ te peço
Ja mais a ty cõtigo, te mereço.

Cõ ser por tua causa este trabalho
Por tua gloria, e hõrra pretẽder
Bẽ sey que naõ rodeo mas atalho
Seruirte, quẽ no pode merecer?
Mas se tanto Senhor, sabes, q̃ valho
As armas tuas saõ, teu he o poder
Quãto mais por ty faço mais te deuo
Q̃ eu naõ m'atreuo em mỹ, e ty m'atreuo

Naõ me ẽgeites meu Dˢ, Ah naõ me negues
Naõ deixes este Imigo taõ Vfano
Q̃ tu a quem te segue sempre segues
Mostrãdo q̃ sem ty, he tudo ẽgano
Só a ty porquẽ es Senhor m'entregues
Esta alma combatida do Tyrano
Pois tu posto na cruz por mỹ, o Vẽceste
Naõ me faça perder o, q̃ me deste.

Misero, o mao Juiz lhe diz tu sabe
Q̃ este fogo naõ queima mas delleita
O q̃ reçeo só he, q̃ se acabe
Cá naõ pode durar cousa perfeita
Nem sey cõ q̃ pallauras mais to gabe
Cõ obras o farey tudo m'engeita
Tambẽ te deuo muito pois me ajudas
Q̃ eu naõ Vẽdo meu Dˢ como fez Judas.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Mas antes o compràra se podera
Cada breue momẽto, e cada hora
Mil milhares de mũdos todos dera
Por elle, e por amỹ, q̃ ganho fora?
Mais teuera em no ter, q̃ se o teuera
Por ysto sô minh'alma sẽpre chora
Naõ pode suspirar: senaõ suspira.
Niñguẽ de contemplar, nisto me tira.

Ah hũ fogo, outro fogo inflam'ê açẽde
Naõ lhe desfaz vigor ter mais augmẽto
Antes seu contrario, o gasta, e offẽde
E, a furia faz parar a seu intento
Como este naõ foy teu logo s'entẽde
Naõ ter de ty nenhũ impedimẽto
O q̃ tanto abrasaua o tenrro peito
Antes o fez ficar puro, e perfeito.

O amado do Senhor o q̃ na cea,
So da noua treição soub'osegrêdo.
O q̃ deo Ver morrer Vidarrecea.
O q̃ ao pe da cruz fica sẽ medo.
O q̃ por filho a may della o nomea.
O q̃ tamanho Sancto foy tão cedo.
quãdo no fogo ardẽte foy metido,
do fogo Interior foy suspẽdido.

No campo, aquelle Rey, q̃ andou pascẽdo
de Daniel não crẽdo os desenganos
A soberba sẽ ordẽ não temẽdo
A quẽ a estatua pos nestes ẽganos
Como Aguia os cabellos lh'hyão crescẽdo
E as Vnhas como Aues. andou setãnos
Assy, dos seus lançado, e o nouo modo
Castigo a hũ homẽ foy. exẽplo a todo.

Este mãdou meter nuã fornalha
Acesa os tres allegres Inocẽtes
E, sete vezes mais, porẽ naõ atalha
O fogo, q̃ os fazia estar feruẽtes
Em sy quãto mais faz, ẽ vaõ trabalha
Atados, e vestidos mas cõtẽtes
Os q̃ os lançaraõ dentro queima, e mata
E, os seruos do Senhor serue, e desata

No meio delle andauão a Ds louuãdo
Como por paços seus dos maos seguros
prosas hymnos, e psalmos Inuẽtãdo
Q̃ nisto sò s'occupaõ peitos puros
As lauaredas vaãs acresçẽtãdo
E marauilhas taẽs os fez mais duros
Os Ministros crueis q̃ o rey fazia
Cõ raiua cada hũ as maõs comia.

Corēta, e noue couados leuāta.
por cima da fornalha o fogo fora
cō huã furia tamanha. q̃ naõ espāta
Os q̃ ouuistes mimosos nisto agora.
Muitos delles matou cō rezaõ tāta.
q̃ os maos q̃ tenhaõ hũ dia tē sua hora
A fornalha hũ anjo ̃c fȳ deceo
q̃ logo o fogo em orualho conuerteo

por mimosos colchois, e brādo leito
teue o Leuita as grelhas rigurosas
de ter as dores viuas em seu peito
das chagas de seu Mestre taõ custosas
dos pobres ricas minas deixou feito
Antes as braxas quer, q̃ frescas rosas
Tyrano asado estou ja de hũa parte
Come antes q̃ So Inferno de ty farte.

Em quãto doutra bãda outrẽ me vira
Mas de tu acertares desespero
Os tormentos, q̃ dás ó gosto os tira
E outros differẽtes porq̃ espero
Ja vou vendo o porq̃ se cá suspira
Os olhos leuantou espirar quero
Graças vos dou meu dis allegre disse
Pois quisestes q̃ os vossos paços visse.

Despois disto ter dito ẽtregoulh'alma
Sẽ a hora da trombeta lhe dar pena
Nas grelhas deixa o corpo ao frio e calma
Não quis mais do amor, q̃ o q̃ elle ordena
do triumpho gozãdo está, e dá palma
Na sancta Hyerusalẽ cidade amena
Deçio, e Valeriãno estão cõfusos
Mas não aõ de ficar do fogo escusos.

Guardando so Moyses o manso gado
de seu sogro Jetro longe, defronte
Vio, o espinheiro arder sem ser queimado
Em cima de Horeb deserto monte
despois de tudo em sy determinado
Irey Ver a Visaõ por mais que afronte
Indo Vio deus no meo, que lhe brada
Naõ chegues, que esta terra he Venerada

Sanctas cousas, e nouos nomes teme
Destruicaõ, Salutario, ceco, espada
Nelle hum Coruo a Ellias so manteue
E nelle foy a ley a Moyses dada
He monte, a que louuor grande se deue
Nelle foy a das rodas sepultada
por Anjos. porque corpo d'Anjo tinha.
torna. onde me leuaste? ô Musa minha.

E Juliana de Ver tudo cõtra ella
Mares dagoa ẽ Seus olhos estillaua
Cãsa, porq̃ o tyrano possa vella
Cuã dor entranhauel a animaua
Mas Ia q̃ naõ podia deffẽdella
Q̃ tinha a mesma causa declaraua
No corpo teẽs alçada q̃ queremos
porq̃ a conta, q̃ fazes, naõ fazemos.

Ho soberbo Juiz como ouuio isto
Q̃ nũ pao á depẽdurẽ logo mãda
porq̃ segues ingrata a ley de Christo
E engeitas a nossa Justa, e brãda
Cõ ferros te espedaçẽ quero nisto
pois tãto tua maldade se desmãda
Naõ pareces de carne, mas de pedra
Assy (lhe diz) amigo o ceo se medra.

Lembrada, q̃ o Senhor dera este nome
A quẽ pello vender, vẽde fiado
quẽ isto asy nað faz, exẽplo tome
Ou sofrá ser por tredo reputado
tudo o q̃ o mũdo dá primeiro o come
Ate fartarnos disso tẽ vedado
Sendo cousa taõ certa, e taõ sabida
A quantos a rezaõ fica escõdida.

A Barbara humildosa mais doẽdo
q̃ a sua esta intensa, e noua pena
q̃ estaua a companheira padecẽdo
Ah Senhor porq̃ te ama se cõdena.
Bem ves, o q̃ a fraqueza vay sofrẽdo
Mas amor pode dar cousa pequena!
Acode as q̃ asy, por ty acodẽ
q̃ sẽ ty nẽ os Anjos nada podẽ.

Os fracos, q̃ cuidarão no contrairo
quão depressa se virão destroidos!
Sẽ rigor cõ castigo necessario
todos nũ so momẽto em sy perdidos!
Poder tudo o Senhor nelle he ordinario
E, stes ate do fogo aborrecidos
falsos, e desleaes, porquẽ respõdo;
q̃ elles estão assy a culpa põdo.

Os olhos põs no ceo cõ apostura
Como quẽ via lá, o q̃ deseja
tu coraçoẽs conheçes fermosura
porquẽ nada ey de ver, ate q̃ a veja
A troco deste bẽ q̃ se aventura
q̃ menos pode ser; q̃ muito seja
por guardarmos teus justos mãdamẽtos
de ty fiamos sõ os pẽsamẽtos.

Naõ desempares ambas pois te temos
por nosso Mestre, e guia verdadeira
por tua piedade naõ tememos
Chegarmos ò fy já desta carreira
Confirmanos naquillo, q̃ emprēdemos
poys es de tudo só causa primeira
Mas posto q̃ o Spirito esteja promto
O conhecerme a mỹ faz cõ q̃ afrõto

Barbara Confiada Isto pedia
q̃ o amor naõ pode estar muito ẽcuberto
Por Juliana, e por sy isto dizia
A quẽ he tudo sempre descuberto
Porq̃ sem sua ajuda bem sabia
q̃ d'omido as vencer estaua perto
A esta gente mostra leuantada
q̃ sem ty naõ se fez nẽ se faz nada.

Nossa Imbellidade fortefica
Com teu suaue amor fort' e exquisito
Com elle nossas almas purifica
Tu es sò e seras semp' Infinito
porem nossa esperãça triste fica
quando cuida Senhor, q̃ tu tẽs dito
q̃ teu Aeterno espirito prõpto staua
q̃ a carne como fraca o receaua

Posto q̃ confessasse Isto no horto
prostrado o ceo por nos na terra ingrata
Onde sangue suou na dor absorto
Onde sò de saluarnos cuida, e trata
Naõ sinto (diz) morrer sinto ser morto
porquẽ vij desatar, e porquẽ mata
Sera pay, a quẽ he, tudo possiuel
Morrer sẽ esta dor quasy Inacçiuel

Mas a tua võtade só se faça.
porq̃ essa sempre foy e será minha
o modo, a causa naõ, naõ se desfaça
se pode cresce o amor q̃ aos homẽs tinha
o primeiro perdeo no Jardĩ a graça
q̃ noutro restauralla a mỹ cõuinha
Allegre fique ja vossa tristeza
pois foy rezaõ de amor naõ de fraqueza.

Acaba naõ lhe digas o q̃ dizes!
Mas se constãte, izẽta, liure e forte
Teus algozes despreza, e teus Juizes
A parca peita ia, q̃ o fio corte!
q̃ virtudes, q̃ tẽ fracas raizes
q̃ fruito pode dar morte sẽ morte!
O verdadeiro amor só rezaõ olhe
se quer desẽganarsse, no q̃ escolhe.

Nao paga o Rey do ceo como os da terra
Boõ capitaõ naõ deixa, boõ Soldado
No campo offerecido a crua guerra
Mas delle como foste he acõpanhado
Neste Senhor ẽ q̃ fy tudo s'encerra
de todos deue ser seruido, e amado
hũ dis q̃ so tẽ tudo, e so da tudo
E fez se nosso emparo, e nosso escudo.

Se Orias se naõ vede ao brado rogo
de David manso Rey mas muy temido
Naõ cuidado despois antes, nẽ logo
No ẽgano cruel, falso e fingido
primeiro perdera seu ser o fogo
primeiro seray eu de mỹ esquecido
Q̃ descanse pois a arca de ds tenho
No campo onde estou ajnda q̃ venho.

De vos chamado rey a quē obedeço
E em tudo farey sempre cō verdade
Mas nisto não Senhor. porq̃ conheço
q̃ não pode auerse sē lealdade
Se por isto querer penas mereço
Vós tendes o poder, eu a võtade
Não se podia achar mais viuo exẽplo
quantas cousas aquy vejo, e cōtẽplo!

Se chega a horra humana a fazer tãto!
quem pode duuidar do q̃ atraz digo?
quē faz do peccador porq̃ quer sãto
Não deixa a quē no serue ter perigo
E torno em sy seguir, o q̃ ajnda cãto
Vejamos este mao tão de sy Jmigo
o cuidado, e ardis, cō q̃ trabalha
porq̃ ate o remedio lhe não valha.

Ja detodo o tyrano se tẽ posto
Contra a Sancta, ẽ tudo o mostra claro
Ja naõ na pode ver, ja vira o rosto
Como te ha de custar nescia isto caro!
Multidaõ de tormẽtos te daõ gosto
(Lhe diz) eu te darey agora hũ raro
pera vençer teu animo constãte
pois sò diamãte laura o diamãte

Assy poderâ ser, q̃ este tormẽto
doutros muito majores te segure
de mil, de huã dor esquecimẽto
E aches nisto perdaõ, e quẽ tẽ cure
Sẽ ẽgano, e paixaõ, vẽ meu intẽto
por mais, q̃ minha honrra s'auẽture
desejote, o q̃ mostras, q̃ naõ queres
Naõ te queixes despois se te perderes.

O perfido, e cruel não satisfeito
As tetas lhe mandou logo arrãcar
Assi q̃ esta dureza o tenrro peito
Em querẽdo, o podesse dominar
Mas como foy seu zello e seu respeito
fũdado em vão, em vão veio acabar
porq̃ constãte amor, noua pureza
No mor tormẽto tẽ, major firmeza

Cõ tenazes lhas tirão ẽ fogo ardẽtes
de ferro sẽ nenhuã piedade
q̃ ajnda os olhos cegão dos prezẽtes
por mais q̃ lhe faltauã a saã bõdade
sẽ saberẽ de q̃ muy descõtẽtes
Mas não querẽ seguir disto a verdade
temnos por desatinos escusados
porq̃ noutros occupão seus cuidados.

Oh horrenda! Oh acerba, e dura pena
quẽ du cruel tyranno escapara?
Se naõ aproua, o q̃ elle mal cõdena
Mas a quem no fizer, q̃ se fara?
O mal naõ satisfaz, a quẽ no ordena
quem se negar, assy naõ negara
O Senhor Verdadeiro, o q̃ promete
darse por Iguaria no banquete.

Differente daquelle celebrado
q̃ Cleopatra deu raro, e custoso
A Marco Antonio della tão buscado
Cõ amor Indiuido mas forçoso
Huã noua Inuencaõ tẽ Inuẽtado
pera ficar de todo grandioso
piza a pedra q̃ tinha o preço tãto
pera a beber, e darse por espãto.

Mas quando muito a quy sò chegou tudo
O nosso passa alê, naõ tê medida
duuidar Zacharias fez Ia mudo
por crer a Virgẽ foy engraddecida
Se o ẽgano me naõ tiuera mudo
Cantara a differẽça conhecida
Basta a essẽcia diuina se Vẽ õde
Cõ Veo, nem accidẽtes naõ se escõde

Sofrẽdo Isto a Martyr gloriosa
Inuocaua outra Vez, nouo socorro
Cõ hũ temor de humildade reccósa
dete pedir merçes diz naõ me corro
Cõ tua maõ me guarda poderosa
pois sabes, q̃ a ty sò meu Ds adoro
Ambas lhe pedẽ mais, q̃ naõ tirasse
Seu espirito dos seus nẽnas deixasse.

Parece q̃ tua allegria nossa seja
Nisto consiste, sò d'alma a saude
quē meu bē te naõ busca, e te deseja
Onde pode hyr parar mas tu lh'acude!
Louuaste à Cananeã de sobeja.
de seu importunar noua Virtude
Confirma nosso amor ē teus amores
q̃ fruito pode dar, quē naõ der flores!

Estando cego Viu o Prezidēte
Ambas terē huā fee, hu desperāça
da firmeza, q̃ tinhaõ descōtēte
Cuidado de apartallas a mudāça
Juliana prēder mādā Innocente
Mas ella tinha solta a cōfiāça
Barbara sē tormētos naõ na deixa
q̃ Amor, do q̃, naõ sofre sò se queixa

Naõ se louuaua Paulo de ter Visto
Esse terceiro ceo, q̃ o mũdo esqueça
de q̃ naõ quis fallar mais q̃ so ysto
q̃ nẽ ouuilo ha cá quẽ no mereça
Como chegou a Ser prezo por Chrysto
Aquy acaba Sẽpre, aquy começa
So prezo do Senhor Paulo se chama
Cadeas, e grilhões, mais, q̃ asy ama

Babilonia polla cidade fosse nua
de seu ẽgano, so, falso Vestida
q̃ naõ ficasse praça, beco, e rua
Nem gente, de q̃ naõ foss'offẽdida
E, deixãdo tãbẽ a culpa sua
Delle mesmo Seja deffẽdida
A seus Alguozes diz, q̃ lho disessẽ
Naõ no crẽdo assy, crer lho fizessẽ.

Cũa Inuẽcaõ daçoutes peregrina
Q̃ podera quebrar hũ corpo daço
E, cõ neruos de bois, de q̃ era ĩdina
por mais, q̃ o tempo foy, chamaõlh'espaço
Semamor qualquer cousa desatina
A conta, q̃ ella fez porq̃ a naõ faço!
tudesejo me tẽs prezo, e catiuo
quãdo me sinto sò cuido, q̃ Viuo

De purpura Cuberta preciosa
E naõ da q̃ Veneza de lá mãda
So buscada de Vaõs, e perigosa
Cõ q̃ indurece o ceo, e a terra abrãda
Mas de seu mesmo sãgue taõ fermosa
Q̃ apos ella sẽ sij, sò tudo anda
he trajo cõ q̃ Vio, o mestre seu
A quẽ hũ coraçaõ por outro deu.

Se pode por Vẽtura Imaginarse.
Nalguã hora cruel pena como esta?
Mais fea o fœminil sexo buscarse
Cõ aluoroço ornada, & noua festa
Mais assy, a seu dõ, quer entregarse.
porq̃ amor ocioso de q̃ presta?
Se para, se naõ, cresce, se arrecea
diga, q̃ nũca amou naõ q̃ sẽ lea

quanto as Injurias mais quãto os tormẽtos
O perfido Juiz tẽ Inuẽtado.
Nascidos de odiosos pẽsamẽtos
tanto mores coroas lhe tẽ achado
Em tẽpo dos Romaõs sãguinolẽtos
por premio triumphal as tinhaõ dado
Se allegres as recebiaõ os tyranos
Como hyriaõ, as q̃ Ja vẽ seus ẽganos?

A prinçesa nos brãdos braços vẽdo
O Minino fermoso, q̃ saluara
Na canastra breada não sabẽdo
A causa nẽ porq̃ assy escapara
Na cabeça a real coroa tẽdo
Tira, poemlha na sua, q̃ guardara
Logo sem lha sofrer no chão, à deita
Cos pezinhos apiza, quebra, e regeita

Ja antes de fallar Moyses exhorta
As coroas, q̃ sejão desprezadas
E quanto so seguirmos isto importa
Nos fins se podẽ ver desestimadas
Aquelle rey não quis na sancta porta
Q̃ douro lha posessẽ não quis nadas.
Onde a meu Dẽs por mỹ leuou despinhas
O q̃ me ade lẽbrar são culpas minhas

Naõ podendo sofrer, Ver q̃ sentia
Noua diliçia a Sancta, ẽ nouas dores
A crueldade muito mais creçia
E nella mais, o amor de seus amores
De seu esposo sò conta fazia
Todos tinha por seus Inferiores
Pasmados Inda os maos da sè Justiça
Huñs dizem, q̃ odio foy, outros cobiça

Vendosse a moça assy, por mor torpeza
Aconselha a rara honestidade
Q̃ pera mais guardar sua pureza
Cõ suspiros aos çeos mostre a Verdade
Fazendo, do q̃ quis teu a certeza
Naõ chega a Importunarse a diuidade
Nos leys humanos he certo custume
Ouçamos de q̃ a Sancta faz queixume

Cõ nuuez sempre estaõ os ceos cubertos
A terra veste flores delleitosas
Sinais muy claros saõ e manifestos
dizia de tuas maos taõ poderosas
Cubreme Bõ IESV pois descubertos
Estaõ contra essas chagas gloriosas
A ty chamo, a ty busco, a ty suspiro
de ty minha esperança nũca tiro.

Naõ me vejaõ Senhor pois te naõ vẽ
Mas fazeos ver ẽ ty, o quem ẽ ty vejo
E veraõ, q̃ quẽ te amá tudo tẽ
tendo amor, q̃ naõ pode ser sobejo!
Q̃ por premio te das, q̃ es sumo bẽ
E satisfazes soo nosso desejo
Ja q̃ naõ chega a mais, o q̃ ẽtẽdemos
Ainda q̃ passa alẽ, muito o q̃ cremos.

Nunqua zombê, de mŷ, os q̃ me cercaõ
Com taõ nouos ardis, & tantas manhas
por tua piedade, naõ se percaõ
Almas, q̃ tuas saõ, naõ sã estranhas
Com culpas as Eternas penas mercaõ
porquem fizestes sò cousas tamanhas
quê nas das a sentir se allegra, & espàta
quantos Versos dauid sobre Isto cãta

Ouuio sua oraçaõ o Senhor logo
seu amor naõ dillata, o q̃ lhe pede
A quem satea no seu diuino fogo
Antes delho pedir tudo cõcede
O q̃ sente he cuidar, q̃ ha mister rogo
quem bradãdo na cruz, diz, q̃ tẽ sede
Naõ dagoa de saluarnos mas recea
q̃ naõ queiramos nos. O cousa fea

David da Cysterna agoa desejádo
de betlé, q̃ da sede he sómezinha
No Valle dos Gigãtes, naõ cuidádo
E Imigos philisteos, q̃ ante sy tinha
Tres cavalleiros seus nada esperádo
cada hũ cõ mor pressa mais caminha
trazẽna por perigos, trazẽ fama
Naõ bebo eu. O porq̃ Sãgue derrama.

Cuido q̃ sentiria dous tormentos
Alem dos mais, q̃ a ty alma t'esquece
Novos, e desiguaes nos sofrimẽtos
Cõ q̃ seu peito entaõ disso étternece
Hũ nascido daquelles pẽsamẽtos
dos quays se culpa foy, elle a merece
O outro porq̃ Ja em espirito Via
Faltar a quẽ na cruz a pidiria.

Onde tudo faltou, a quẽ naõ falta
As eruinhas do campo, e aues peixes
Bondade taõ Suprema, noua, e alta
dessa sede ser sede sò me deixes
teu poder desse modo mais se exalta
tu Auarento rico naõ te queixes
Mirra, e Fel te naõ dà, quẽ t'agoa nega
Folha, aquem se deu. olhe eu o q̃ cega

Eis do Impirio Ceo chega hũ legado
Com poderes q̃ mostra quẽ o mãda
As cousas, de q̃ vẽ acompanhado
Ate, quem naõ o ve, douuillo abrãda
Entra sem se sentir vẽ rodeado
dà sombra e resplandor cõ q̃ lâ ãda
Mas foy como merece recebido
Da Sancta q̃ em dĩs sò tinha o sẽtido

Dos dous, qual ficaria mais cõtẽte?
he cousa, pera ser sô contẽplada
Cobrio ha com huã roupa tão excelẽte
Como da mão diuina fabricada
Em tudo ficou logo differẽte
por elle das feridas foj curada
E chea de huã noua suauidade
q̃ faz de todo o mais não ter saudade

Tambẽ deu huã casula a Virgẽ pura
A Elephõso honrra, e tudo de Toledo
cõ a Vizão lhe deixou a alma segura
porq̃ de a deffender não teue medo
Nesta Vida lhe disse, e na futura
de tua hõrra terej cuidado cedo
Dirás cõ ella misa ẽ minhas festas
Ja q̃ minhas Verdades manifestas

Ao q̃ o socedeo querẽdo hũ dia
Vistilla, foylhe dito, o q̃ tolhera
A senhora, q̃ tudo em sy podia
Q̃ pera May do filho, o pay a fizera
Cõ o desejo naõ soube, o q̃ queria
huũs dizem q̃ Vestindoa, q̃ morrera
Outros, q̃ no degredo donde fora
quem humildade tẽ lá nos ceos mora

Cuberta ao mao Juiz logo atrazẽdo
O qual mais contra todos se indinaua
Como tal feiticeira estou eu Vẽdo
Cõ dor as caãs, & barbas arrãcaua
Os tormẽtos, de q̃ eu estou tremẽdo
Sofreo como quẽ nelles descãçaua
Naõ sey q̃ mãde Ja, naõ sey, q̃ faça
Se o tenha por castigo, se por graça

Naõ satisfeita a Mayrdo q̃ tinha
passado, e dito ajnda lhe diz mais
de sentir isto quãto lhe couinha.
Naõ sey Senhor, naõ sey, ja desperais
se me naõ entendeis por culpa minha
se com minhas pallauras vos cegais
perguto cousa auia taõ bastante
q̃ sem força do ceo fora constãte?

os tormentos sofremos, q̃ nos destes
E a gente q̃ a fraqueza so deffẽde
E q̃ naõ sey porq̃ mal entẽdestes.
Mas de vos nossa causa naõ depẽde
quaõ baixo nome tẽ, o q̃ fizestes
q̃ a fee a seu effeito so se rende
O inuestigauel amor, q̃ naõ s'apaga
Elle força nos deu, elle nos paga

Com ameaças sós o Vil respõde.
por naõ ficar de todo deshõrrado
Dellas logo fogio triste rescõde
Do odio; e da paixaõ alienado
Na mais só, e escura parte dõde
Naõ fosse de ninguem Visto, e notado
Ainda antre sy diz q̃ as aclarara.
Cõ molheres taõ falsas naõ fallara

Vendo; q̃ nem cõ penas o tyrano
Nem cõ merces e hõrras se mudauaõ
Descõfiado Ja do falso ẽgano
porq̃ ante sy tambẽ delle zombauaõ
Das armas se Valleo de deshumano
Das quaẽs, nem pẽsamẽtos escapauaõ
Cuidado, q̃ com Isto se Vingaua
Como, q̃ elle podera as condemnaua.

Rodeado de Algozes monstruosos
tendo hũa grande mesa de letrados
Nenhũs de suas culpas receosos
Mas antes todos dellas descuidados
Em quẽ os erros saõ mais perigosos
chea a audiencia de homẽs ẽganados
Começa alto a dizer desta maneira
posto em tribunal nũa cadeira

Mandamos pois naõ querẽ obedecernos
Nem adorar aos deoses q̃ adoramos
E querense perder, e a nos perdernos
Nũ Monte se degollẽ acordamos.
E ia q̃ naõ quiseraõ nũca crernos
A sentença contra ellas pronũciamos
Acresçẽta inda doudo, o q̃, aquy falta!
q̃ a tem por merce mais, q̃ os ceos alta.

Que aluicaras daria õ portal noua
dellas tão desejada, e pretêdida
pera cousas de amor não serue proua
he causa so ao silencio cõcedida.
tem tanto q̃ dizer, q̃ isso m'estroua
Antes se Musa disso repêdida
q̃ de tratar daquillo, q̃ imagino
q̃ não posso cantar sem tõ diuino.

Q̃ outrem fosse o Algoz não cõsêtio
o pay por nem se ver nisso tristeza
Este ardil, o temor lhe descobrio
Negar seu propio ser e natureza.
hũ tão horrêdo caso que no ouuio?
Oh estremo, Oh excesso de crueza.
Por não querer mostrar fraqueza d'hõrra
pallea a crueldade cõ deshõrra.

De teu grãde castigo hyr apressãdo
de muito lõge està de ty ia perto
olha q̃ ajnda o Senhor fica aguardãdo
pera te recolher cõ lado aberto.
Naõ Vas mais tua culpa acrecẽtãdo
q̃ o mal naõ pode estar muito ẽcuberto
Elle reprẽde, e acuza, elle cõdena
Elle nos da por paga Æterna pena.

Naõ na tens Dioscoro tẽna o amor
porq̃ estas prizões soltaõ quãdo ataõ
A natureza naõ te obriga a dor
Os pajs, as filhas geraõ, mas naõ mataõ
Declaràs ser imigo de hũ Senhor
q̃ quanto seu seruiço mais barataõ
Dà là na Æternidade seu aposẽto
O bẽ segundo cà ouuiotormẽto.

Como podes dizer, q̃ não Sabias
hũ exemplo de amor tão Sinallado
do manso, & bõo Dauid nos sete dias
q̃ esteue em Jejũ tão celebrado
E não porq̃ roubara o filho a Orias
Com força sem rezão mal ẽganado
Mas pello ver doente tal andaua
q̃ tudo quãto tinha desprezaua.

O patriarcha Jacob vendo o vestido
do filho ensanguẽtado, e Seu mimoso
de entender, q̃ a Inueja o tẽ despido
de saco vestio os outros reguroso
Nunca de mỹ Sera Isto esquecido
Vejasse o rosto meu sẽpre choroso
Cajado da velhice, quem te vira
Saudades de Joseph sò elle as tira.

Aquella May, q̃ entrega filhos sete
por naõ quebrar a ley, por Moyses dada
E quãto Anthioco ley, mais lhes promete
Exhortaos q̃ sem Ds̃ he tudo nada
O derradeyro as penas arremete
Vẽdosse saudosa, e descãsada
E tẽdoos cõ coroas no ceo todos
Martyrio se fez dar cõ nouos modos.

Hely graõ Sacerdote como soube
Da morte dos Varõs filhos ẽcubrido
A dor, mas ẽ seu peito naõ lhe coube
Q̃ amor com mortal golpe, o foy ferido
A horra do porq̃ ninguẽ lhe roube
Seus erros descuidados sos sẽtindo
E tu porq̃ os naõ faz por ysso a matas
Como de teu remedio ja naõ tratas.

Saindo da audiẽcia com pregaõ
Q̃ ho Cristallino çeo, hya ĩpẽdo
quaõ mal se paga amor cõ ingratidaõ
hũa á outra, & atudo vaõ dizẽdo.
Tendo estes de pedra, o coraçaõ
Ainda o nosso Mestre os vaj sofrẽdo
perdõa; aguârda: allegra: e dissimũla
Ameaçã: quebranta: & estimũlá

Ambas ornadas ja cõ seus baraços
Q̃ quem nos levã só, seu preço ẽtẽde
E, com a sombra só de futuros paços
Toda a culpa desejaõ q̃ se emẽde
E disso desfazendo vaõ mil laços
Com q̃ o mũdo mũdanos solta, e prẽde;
Naõ sey aqual de nos naõ tẽ ou teve
Divino amor só paga, o q̃ naõ deve.

Levaa o pay pella mão, e asy caminha
Com olhos sempre humildes, e serenos
A companheira em nada se detinha
Dos bees da Vida achar todos pequenos
Ja sinto descansar esta alma minha
(diz Barbara) Ah senhor nẽ cudei menos
quẽ por ty mais tormentos padeçera
Contigo nisso so se pareçera.

Esse baraço bẽ me aperta, e ata
Mais tua obstinação, q̃ elle sentia
q̃ a Vida acho so, q̃ so me mata
(Ao falso pay cõ lagrimas dizia)
q̃ descuidado, cuida q̃ a desata
Tanto do Imaginar se arrepedia
Torna de nouo atar mais se segura
Apressa porq̃ acabe o q̃ procura.

hũ tropel, a seguia d'anciosos
Confusos do porq̃ mas não mouidos
Juizos lanção nisto temerosos
da rezão como humanos esquecidos
Os crueis sempre forão sospeitosos
tambẽ lhe fazẽ males cos sẽtidos
Não vieis n'allegria de seus rostos
perto estarẽ de ter eternos gostos?

Os valles delleitosos, e as estradas
Vendo as ver assỹ, seu ser perdião
As flores, e as fontes desejadas
parece sem sentir, q̃ isto sentião
Os outeiros e serras leuãtadas
Cõ dor iá s'aballauão, e se mouião
Mas não basta só dis nossa alma muda.
Ha mister seu fauor, e nossa ajuda.

Muito mais biuere assy, firma, e sujeita
Cuida a Sancta q̃ Vay q̃ se onaõ fora
O amor na mor afróta se dellecita
A esse chama seu dia, essa he sua hora
Sẽ elle, nũca foy cousa perfeita
Nelle tudo prezide, e tudo mora
prezo matou Saõ Saõ a seus Imigos
Morreo por naõ Vijuerẽ seus perigos

Nũ lago de Liões foy encerrado
O Justo Daniel porq̃ o comessem
Mas delles foy seruido e Venerado
por mais, q̃ esses tyranos naõ quisessẽ
Os de q̃ foy elrrey aconselhado
porq̃ outros ẽganos naõ fizessẽ
As molheres, as Mays, filhos, e elles
Nẽ ossos os Liões deixaraõ delles.

A tencaõ, os enganos, e os cõselhos:
A Louuada Susana naõ sabẽdo
Dos Juizes em culpas e cãas velhos
Andando em seu Jardim so dõ temẽdo
Nũ ponto os vio sẽ cor, noutro vermelhos
dũ canto os vio sahyr tudo esquecẽdo
Como as suas dõzellas viraõ idas
todallas cousas mais foraõ esquecidas

As portas tens fechadas. nos entregues
Ninguem nos ve nem ouue, o tẽpo ẽsina
Naõ pode ser: com isto, q̃ te negues
Antes q̃ amor se solte, determina:
Naõ nos queiras trocar pello q̃ segues
Olha quanto nos vence, e desatina.
E, se por vaõs respeitos nos naõ queres
Testemunho ouuiras de quẽ naõ eres.

Cõ hũ sospiro respõde asy primeiro
q̃ serue à cousas grãdes por reposta
As vossas mãos são mãos por derradeiro
q̃ eu sò nas de meu deos me tenho posta
grita, acodẽ, deffẽdea o verdadeiro
Senhor. despois de à morte estar disposta
A Inuenção d'amor cõ q̃ lhe acode
por saberse a Inocẽcia quãto pode.

O vendido Joseph mãso, e prudẽte
prezo, por hũ delicto falso estaua.
Acuzado porem como Inocente,
Tanto q̃ a mesma culpa o desculpaua
Aly viuia Justo, aly contente.
Aly como em seu cẽtro repousaua.
porq̃ tinha seu peito entregue todo
No amor, q̃ ha sò de ser modo sẽ modo.

Ordenou o Snior, q̃ tudo ordena.
q̃ hũ rey pharao, q̃ naõ foy duro
Nũ sonho recebesse grãde pena
porq̃ delle ninguẽ viue seguro
Os sabios, q̃ chamou todos cõdena
de lho naõ declararẽ por escuro
Mas como o seu copeiro moro soube.
Co a dor, e co erro ẽ sy naõ coube

Tu saberas lhe diz rey poderoso
q̃ quando prezo estiue õde mãdaste
Dũ sonho q̃ sonhey arreceoso
Antes de saber eu quãto me hõrraste
Nelle me reuelou hũ virtuoso
homẽ; a q̃ faltey. tu mo lẽbraste
Comigo prezo estaua, e tãbẽ disse
q̃ me lembrasse delle se isto visse

Esquecido ategora como Ingrato
ha dous años Senhor. ha culpa grãde
Não sey como eu amy mesmo não mato
Não sey nenhuã cousa, q̃ m'abrãde
Do teu do meu remedio Ja não trato
por mais, q̃ a Ingratidão grãomal memãde
Muy pequeno sera porq̃ eu conheço
q̃ todos Juntos so sofrer mereço

Todos estes estremos q̃ fazia
Não nascião d'amor mas d'arreceo
Cuidado se quisesse ao q̃ Veria
A dizer o q̃ disse despois Veo
Sonhaua como mais se Vingaria
fora ficou de sy cheo deles.
Ja emtão se temia o q̃ tememos
O remedio se quer no sy busquemos

Chamado delRey foy e vindo logo
diselhe, o q̃ queria seu desejo
Naõ ficou esperança e brãdo rogo
q̃ diante naõ fosse como vejo
Mas disso menos arde o grãde fogo
do q̃ sempre o appetite arde sobejo
No peito do mao Rey. onde naõ para
A rezaõ q̃ alma faz diuina, e rara

Sem mỹ atý Meu D.s respõdeia
Cõ prosperos succesos desejados
Clhe diz I o q̃ quiser sẽpre fara
Os Reys daterra sõ saõ limitados
E muito mores cousas podera
Leuãta pois es grãde teus cuidados
Naõ pares no q̃ acaba começãdo
poys q̃ tudo te vay desẽganãdo

Sofreo, & deulhe cõta do seu sonho
Logo lhe respõdeo ley naõ t'espãte
Claro muito mais he, do q̃ he medonho
O q̃ quer Ds fazer mostrao diãte
Nas suas sanctas maõs todo me ponho
Ante quẽ o saber fica ignorãte.
Sete anos has de ter de sterilidade
E outros tantos de graõ fertilidade

Hũ sò remedio tes esse te quero
Lembrar mas naõ t'esqueça o q̃ te digo
Cõ elle no Senhor de tudo espero
Q̃ todo tempo passẽ sẽ perigo
De ty se o naõ fizeres desespero
E seras digno doutro mor castigo
Busca quẽ bẽ comũ naõ seu bẽ zelle
Se inda o tempo der entregat'a elle.

Neste só renũcia teu poder
Manda, q̃ todo o pouo lh'obedeça
Os mantimẽtos poupe, q̃ poder
D'agora pera entaõ Senhor começa
E, se ysto como digo se fizer
farás cõ q̃ teu nome nũca esqueça
Vendo ElRey, q̃ o cõselho, lhe cõuinha
Deulhe quãto poder na terra tinha

Sẽ Vontade; mandar só tudo aceita
dãdo disso primeiro a Seu dĩ cõta
O pouo cõ alegria se sujeita
Sẽ Saber, a prudẽcia quãto mõta
Ella faz cõ q̃ o mal Ind'aproueita
Ella faz, afrontar & desafrõta
Ella fez q̃ a Joseph sobeje tudo
Ella de quẽ na tẽ foy sẽpre escudo.

Aquelle pescador dalmas temido
No mũdo, & q̃ dos ceos so tẽ as chaues
E mũdo do Senhor fauoreçido
de quẽ sẽpre fijou as cousas graues
foy cõ cadeas prezo, & naõ vẽçido
q̃ elle tinha por leues, & suaues
Dendite logo hũ Anjo o tirou dellas
q̃ se naõ fora asȳ comprara tellas

Prezo, quẽ desatou nosso peccado
De casa de Juiz ẽ casa ȧ daua
Cõ ferros mas de nosso amor atado
q̃ ja por vencedor delle triũphaua
E m todas foy ẽ tudo desprezado
q̃ elle por nos saluar muito estimaua
A võtade, q̃ leuas nẽ he tua
Também como tu es, sabe q̃ he sua.

Q̃ te parece Sancta Vas segura?
Os homẽs quẽnos fez? quẽnos sustẽta?
Ao mũdo, quẽ deu ser, e fermosura?
quẽ deffẽdeo a Jonas na tormẽta?
quẽ fez, q̃ lá na pedra seca, e dura?
Desẽ Moyses a fõte à gẽte izẽta?
Senaõ esse Senhor mais q̃ o amor forte
porquẽ tu Vas passar taõ branda morte.

Mas eu erreilhe o nome, q̃ outro tinha
he transito, pasajẽ, Æterna Vida
Ah Meu D.s saudade dalma minha
busca aouelha, q̃ Ves andar perdida
E pois es boõ pastor, q̃ te detinha?
gẽte Vaã taõ lembrada, e esquecida
Ouuy no derradeiro, e quarto cãto
Naõ cousas d'Imitar, cousas d'espãto

COMEÇA A PROSSA DO QVARTO CANTO =||=||

Seguindo a historia diz Dipoma
no, q̃ hyndo assy a Sancta pera
o lugar onde auia de padecer, e
apos ella Juliana, Chegando a
elle começou Barbara de rezar
dizẽdo em joelhos. Ah Senhor sẽ
principio, e principio de todas
as criaturas, q̃ fizestes, o Ceo
a terra, & o mar, q̃ mandais as
nuues, q̃ chouaõ; q̃ fizestes ho
Sol, pera dar claridade a todas
as criaturas, e commumẽte
communicais todos estes beẽs a
boos, e maos, Justos e peccado
res. Vos Senhor ouuyme a mỹ

q̃ brado por Vos, e fazey Senhor
q̃ todos aquelles que bradarẽ por
Vos, e se lembrarẽ deste meu
Martyrio naõ sintaõ em sua ca
sa peste, nẽ algũ mal, dos q̃ po
dẽ cá atromẽtar os corpos. Vos
sabeis Senhor, q̃ nos somos car
ne, e sangue feitos por Vosas
Sanctissimas maõs, a Vossa Ima
gẽ, e semelhãça, dizẽdo isto a
Sancta foy ouuida miraculosamte
huã Voz do Ceo, q̃ a chamaũaõ
a ella, e a Julliana pera nelle
serẽ aposẽtadas, e juntamẽte
lhe dizia, q̃ se compriria sua ora
çaõ. Ouuido esta Voz Sancta

Barbara Inclinou a cabeça, e seu
propio pay a degollou, com sua
mesma espada; boõ fruito de mã
Auore, de hũ pay Cruel, hũa Sãcta
tão charitatiua. E Juliana tã
bẽ ally foy degollada per hũ Sol
dado dos q̃ estauão presẽtes. E
naquelle lugar, onde Marty
zarão estas Sanctas, a Justiça
diuina não s'esqueceo de castigar
o pay, porq̃ logo sẽ demora Vindose
pera casa o ferio hũ rajo do çeo, e
ficou priuado da Vida tẽporal, e
Eterna. E Sancto Antonino diz
na Vida, q̃ della escreueo, q̃ a
cabando o pay de adegollar, descẽ

do do mõte Veio fogo do Ceo, q̃ o queimou, e o fez ẽ poo, de manei ra, q̃ nẽ a cinza delle appareceo mais. E diz Lipomano, q̃ tãbẽ Marciano foy ferido co mesmo rayo de fogo, em sinal, q̃ pera sẽ pre serião abrasados co fogo do Inferno; E Valẽciano homẽ re lligioso, e deuoto leuãdo da lj os Corpos gloriosos das Sanctas cõ grãdes musicas, pollos cõ mui ta Veneração e honrra, nu lu= gar, q̃ se chama Vellaso, q̃ esta doze milhas de Euchatis. E diz Pedro de natalibus Bispo Equilino natural de Veneza

Na vida, q̃ della escreue, q̃ por suc
cesso de tempo despois do Mar
tyrio da Sancta F. sepultura, q̃
lhe deu Vallēcia ro foy tresllada o
seu corpo a Cõstantinopla; dõde
despois huñs nobres Venezeanos, diz
elle o trouxerão a Veneza, na qual
esta na ygreja chamada ~~de~~ Sancta
Maria dos Cruciferos, ẽ hũ se
pulcho d'alabrasto, e he mezinha
pera todas as Infirmidades, delei
tação pera seus deuotos, gloria e
honrra de Xpõ Verdadeiro Ds e
homẽ " = " = " = " = "

" QVARTO. CATO. "

Quem chegou a esquecer quãtoa D's deue
Lẽbrãça do q̃ perde se lhe tolha
deixa suaue jugo, brãdo, e leue
por carrega pesada (errada escolha)
Milhor cõselho a nossa Sancta tiue
q̃ só pera a molher do bõ Loth olha
q̃ por tornar atraz foy cõuertida
No q̃ perdẽdo o Ser, seu Ser dà Vida.

Em quanto se de tẽ tudo lh'entrega
Naõ pode ja sofrer tãta detẽça
Sempre se culpa asy, ou quẽ lha nega
A noua excecucaõ desta sẽtẽça
Este diuino amor faz Ver quẽ cega
O Vaõ cega quẽ Ve (que differẽça)
pẽsamẽtos, suspiros, e [illegible]dos
por ty sempre meu D's foraõ [illegible]dados.

E, a os ouues por mais, q̃ estês tão alto
q̃ sem ty não te chega cousa algũa
Onde tudo são vẽs sem sobresalto
E, por vasalos tẽs, o Sol, e a lũa.
quando te falto a ty, a mỹ me falto
desculpa, q̃ te dê tenho nenhũa
prometi de prouar quãto amor pode
he tempo de fauor, tu Virgẽ acode

E, se tu a cantar Musa ajudaste
tormentos, ategora, e desatinos
pois q̃ tido rezão me não deixaste
q̃ faras pera Versos ia diuinos?
Se tyrãnos Crueis não desprezaste
louuores, de quẽ canto faze dinos
Inspirame de la nouos cõceitos
q̃ acabẽ de rẽder ferinos peitos.

Q̃ cousas naõ vẽçe Sẽpr'a esperãça
Q̃ estremos lhe esquecerão? q̃ perigos!
Lhe fizeraõ fazer nũca mudãça?
quẽ homẽs de trabalhos fez amigos.
E, ate por vaã, e falsa cõfiança
Buscar a desleaẽs duros Imigos!
o taõ remoto, e lõge ter por perto!
quẽ fez deixar o certo pollo incerto!

quẽ fez Neptuno Ja naõ ser temido!
A Eolo naõ sentirẽ seus reçeos?
de q̃ o peito está nũca esquecido
por fĩs, q̃ tãtos fĩs deraõ seus meos!
quẽ cometer nos faz Inda o Invẽcido!
E, termos os atalhos por rodeos?
Se naõ esta esperãça q̃ nos mãda?
A qual nos ẽdureçe, e nos abrãda!

q̃ busca o Lavrador na seca terra?
q̃ todo o anno serve, e todo aguarda?
o Soldado q̃ espera ter na guerra?
Se naõ a pobre morte, q̃ lhe tarda?
o boõ pastor se corre, o cãpo, e serra
se seu gado vigia, se o resguarda
Se canta, se trabalha, se sospira
remedio, do q̃ esperá, e tudo tira.

q̃ basta a quẽ chegou a ser cativo?
q̃ só pollo naõ ser mil mũdos dera.
Em cousas tantas morto, e tãtas vivo
Se naõ so a esperãca porq̃ espera?
Onde tudo he Cruel, Ingrato esquivo.
Inferno, se na terra Inferno ouvera.
Onde tardes dábril, manhaãs de Majo
Saõ trócos, q̃ ferio ó sotil rajo.

Como Allexãdre foj Isto ẽtẽdendo
Tudo teue por Seu quãto não tinha
Logo por Capitãis foj despẽdendo
Riquezas, de q̃ tanto espãto vinha
Q̃ deixas pera tj o caso vendo
Lhe disse hũ, Se a reposta fora minha!
A esperãça So na qual me fica!
O q̃ na minha Ideã Se edefica.

Com Isto a sua pergũta lhe respõde
de Seus reae's desenhos certo dina
Amor, espirito grãde não Se escõde
Nẽ lá na regiaõ mais peregrina
Essa mesma Senhor queremos õde
Teu fado a nossa fama determina
Bõ rey diz o vasalo o mais ẽgeita
Sẽ ella, q̃ aja tudo q̃ aproueita.

Deixemos cousas vaãs a Virgē pura
Em quē tudo se achou sēpre sobejo,
Q̃ titollo ganhou na cruz segura
Onde mil vezes morta, e viua vejo?
A quē a cruel lança, ingrata, e dura
O corpo morto abrio, e seu desejo
No seu ambos os peitos lhe trespassa
Mais dores na do filho; inda assy passa.

Nunca nada amudou constãte esteue
Em pe defrōte a cruz, e junto della
Nalma Martyrio foy, q̃ se lhe deue
Martyrio, q̃ somēte se vio nella
Se no diuino parto dor naõ teue
Agora todas juntas quē sofrē ella.
Naõ de May, de molher ouue seu nome
Troca, q̃ por mor dor se sita e tome.

Porém se o Ceu lhe dera então receo
Acabar logo aly no mesmo ponto
E do filho saber isto q̃ creo
foy amor, não Crueza ysto q̃ conto
por pureza, & humildade atanto veo
quãdo chamo por ella desafronto.
Aquelle seu saber alto & profũdo
pera remedio ter deixaa no mũdo.

Senhora da esperãça se lhe chama
despois q̃ isto sentyo sẽpr'ate goia
se se faz estimar o q̃ não s'ama
so porq̃ cõ a causa o bẽ melhora.
quanto mais a esperãça tera fama!
Cõ a Raynha dos ceos ter por Senhora
Nesta Anchora diuina; e forte lemo
Ainda se segurá quẽ se teme.

Esta lembrança Sancta, alegrias nouas
poderaõ leuantar mais teu espirito
Mas tu ia naõ as mister, cõ q̃ te mouas
Senaõ q̃ amor te dê, o q̃ tẽ dito
Assi teras cuidado, cõ q̃ prouas
Auer supremo bẽ Sendo Infinito
Mais te quero dizer, por mais q̃ te ẽdas
posto q̃ de atreuido me reprẽdas.

Aquelle mestre Eterno, e piedoso
por esperãça dar do ceo presẽte
Mostrouse atrez dos doze glorioso
porq̃ nada despois os descõtẽte
he premio taõ fellice, e poderoso
q̃ faz no mor tormẽto mais cõtẽte
Tudo aplana, e dá quãto pedimos
he escada por onde ao ceo Subimos.

Figura da q̃ vio Iacob dormindo
Cuã ponta na terra, e o ceo primeiro
E indo da visaõ mais descobrindo
d's vio so no degrão la derradeiro
Anjos por ella descẽ, e vaõ sobindo
despois q̃ fiz da pedra travisseiro
Senhor de Abrahã seu pay lhe lisequera
q̃ lhe daria a terra, e q̃ o puserá.

As chorosas Marias acõpanha:
Contẽpla a causa alj de suas dores
Nos ombros sẽtias a cruz tamanha
Naqual inda sofreo penas majores
Todo o caminho he hũ niguẽ o estranha
Senaõ vaõs e obstinados peccadores
Seu sãgue ẽ mil partes fica, e saje
Esmorece, ajoelha, ẽbica, e caie.

A cada effeito destes mais se indina
A segunda, q̃ o Vivo resuscitado
hora se contra tudo determina
hora contra sy só, e seu peccado
Mil cousas te insinou, q̃ amorésina
Sẽ pallauras, cõ obras de cuidado
Olha logo veras mais a diante
O q̃ naõ sey chorar; nẽ como cãte.

Em fỹ na rua triste, se entristeçe
A may emtudo só porẽ segura
Tanto, q̃ a quẽ a via lhe pareçe
Se espaço mais viuer, q̃ muito dura
Vẽdo a seu fylho assỹ, de sỹ se esqueçe
ficou sombra, ẽ q̃ a morte s'afigura
prostrada cõ sospiros de giolhos
q̃ olhos descõsollaõ os mesmos olhos!

Q̃ consolarão tudo, quãto os Via.
Q̃ fizerão Ver Pedro, o q̃ negara.
E, no deserto, à gẽte q̃ o seguia.
Cõ elles tudo so lhe sobejara.
Mandão Matheus deixar o q̃ fazia.
Na'ruore Ver Zacheu, o q̃ buscaua
de crer he, q̃ o q̃ quis lhe asy pergũta
pera poder passar tal pena, ejũta.

Aos coraçoẽs descobrẽ seus segredos
As lingoas seruẽ, quãdo amor nao falla
As pedras Vẽ quebrar esses penedos
Mas nhũ nao se mũda nẽ s'aballa
O Mar, a terra, o Sol, lhe fazẽ medos
O Cẽturio porẽ fere nao calla
gritão cada Vez mais e sẽtẽ menos
A morte de quẽ fez mũdos piquenos.

A quē lhe parecer descõfiança
o q̃ cantey atraz, tu lho deffēde
pois sao erros de fraca cõfiança
ou de quē Julga aquillo, q nao ētēde
Amor, e fé, segurao a esperança
Virgē o q̃ pretēdes so pretēde
q̃ cousa mais certa hã de quē muyto ama
q̃ fallar, e ouuyr no q̃ s'inflama

Os discipolos dous, q̃ o medo leua
pera Emaũs nē sey como ysso ousa
Cada hũ ao Amor, porq̃ mais deua
Atē, q̃ os acompanha nao repousa
No q̃ lho faz contar tanto se leua
q̃ nao sofrē fallarē noutra cousa
despois por coraçoẽs tardios Julga
E no partir do pao quē he diuulga.

Olha se digo bẽ se fica claro
Os effeitos d'amor como os conheço
por mais q̃ custẽ, nũca custão caro
São cousas, q̃ se dão por não ter preço
por mais q̃ seia nouo estranho e raro
São bẽes q̃ ao de ter fỹ pois tẽ começo
Os ouuidos me dá se quero muito
despois de se criar se colhe o fruito.

Ja o caminho tẽs plano e seguro
quẽ o quiser seguir não pode errar
despois, q̃ o boõ Jesu, por amor puro
Elle se quis só delle intitullar.
Ja aspero, não he temido, e duro
Não se pode perder, quẽ o acẽrtar
he facil, brãdo, alegre e só direito
he mais largo, a quẽ segue o mais estreito.

Espinhas nũca deu, Sẽpre deu flores
A cada passo tẽ, fontes, & rios.
Caminho, q̃ naõ esta sẽ boõs pastores
Tẽ sombras no Veraõ, bosques sõbrios
Naõ ha receo aquy de Vaõs amores
Nẽ cousas, q̃ aos diuinos dẽ desuios
Alma, q̃ o naõ seguyo, delle naõ saya
porq̃ no Acheronteo nũca caya.

Sua Jornada as Sanctas Vaõ seguido
Tudo fazẽ por se hyr mais apressado
das penas dos Algozes se Vaõ rido
A morte, mais q̃ a Vida desejando
dirlhes hyaõ Sabeis q̃ hymos sẽtido
q̃ hydes nossos tryumphos dillatando
Ao menos daynos nouas se hymos perto
Tal bẽ naõ nos tenhays mays ẽcuberto.

Assy se vos descubra, o q̃ naõ vedes
E, naõ por culpa, alhea mas por vossa
Acabay Ja de crer, o q̃ naõ credes!
Ou naõ diga ninguẽ ser falta nossa
q̃ fujais naõ podeis fugir das redes
Nẽ ha poder nenhũ, q̃ tanto possa.
Naõ façais de lembrãças poucocaso
porq̃ a Ingratidaõ tẽ curto prazo

Olhay, q̃ acaba tudo nũ momẽto!
E, a pena durará Aternamente.
faca discurso vosso entẽdimẽto
deixe o engano atraz q̃ tẽ presẽte
Tereis do q̃ vos lembra esqueçimẽto
da morte esperareis vida cõtẽte
Elle como Cruel, pera ellas olha.
quẽ ha. A molheres (diz) q̃ aligoatolha!

Ao mais nada respõde, nẽ acaba.
Se nam o q̃ emprẽdido dãtes tinha
quãto lhe a Virgẽ mais deoses desgaba
A mores desatinos dis[s]er vinha
Calyope a Jornada as Sanctas gaba
quẽ na visse seguir esta alma minha?
Ja velo o desejado, & allegre posto
Nam lhes quero negar da noua o gosto.

Quãdo o piloto chega ao doce porto
Entam descãsa só. dorme, & repousa
Maria de o Senhor nam ver no horto
grita, chora, suspira, busca, & ousa
quẽ da lãça escapou, q̃ o teue morto
despois se alegra vẽdo a mesma cousa
Capitam, q̃ venceo grãde batalha;
A fama deixa igual, do q̃ trabalha.

Assÿ vos almas Justas gloriosas
q̃ do mũdo alcançastes a cõquista
quãto estas forças saõ mais poderosas
Tãto cõ força mor se aos mais resista
Trocays por esperdeças ẽganosas
O terdes da Visaõ diuina; Vista
Sabey q̃ o Eterno esposo Vos agoarda
pera mores merçes crede, q̃ ~~tarda~~!

E, pera o mõte ter facil sobida
Ainda q̃ depressa lembrãrey
A quẽ naõ foy do mũdo mereçida
dous reposos diuinos, q̃ lh' achey!
delles hũ no Senhor da morte, e Vida
No sofrido Isaac outro ponderey
pera cõ ambos hyr mais animada
E, cõ a mesma causa cõsolada.

Por trez Vezes à Abrahã foy prometido
da antiga Sarra a Isaac dar nascimẽto
huã, quãdo lhe dis alto; e escondido
Mandar estrellas contar do firmamẽto
A outra quãdo o nome conhecido
Mudou por causa do descẽdimẽto
destes nos Intirior Abrahã se vio
As Idades, e humanos o cõsentio:

Naõ callemos tambem ser a terceyra
Jacq̃ he de memoria noua dina
de hospedes Charidade Verdadeira
Sendo tres, e por hũ dẽ assy diuina
Pario Sarra e ficou nisto a primeira
prouar a fee de Abrahã dis detremina
por seu nome huã Vez, e outra o chama
O q̃ lhe disse, e fez ouçaõ que ama?

Mas peito, q̃ naõ sente o bidado fogo
Como pode aceitar co q̃ deseja?
Toma (diz Dẽs) teu filho ouue meu rogo!
Vnigenito Isaac, seja o q̃ seja.
A terra de Visaõ. o leua logo
porq̃ este sacrificio de ty veja
sobre hũ mõte, q̃ eu mostrarte quero
Naõ te detenhas mais, q̃ la te espero!

Perguntas, e rezoẽs Abrahã escusa
Leuãtado, e cõ dor anoite acerta
de obediẽcia, e fé somẽte usa
O Jumẽto, q̃ leua elle o cõcerta
quẽ roubara a parnaso a doçe Musa!
huã cousa m'alarga, outra m'aperta
despois de ter cortada a seca lenha
parte asy porq̃ menos se detenha.

Co filho so caminha, e dous criados
E ajnda polla causa, q̃ leuaua
Jntos: Mas elle so leua os cuidados
q̃ faria nao sey mas sey q̃ amaua!
pẽsamẽtos nos ceos tinha occupados
Os olhos nũca delles abaixaua:
se a caso os hya por no allegre moço
O cutello se punha no pescoço

passados Ja tres dias saudosos
Vendo o pay o lugar, a q̃ caminha
ficay nao sao caminhos perigosos
disse aos seus, de saber quãto cõuinha
tira a lenha cõ effeitos amorosos
poem na aos hõbros do filho, q̃ aly tinha
Nũa mao leua o fogo, noutra a espada
Cõ ambos mata a sy mas nao diz nada.

Q̃ he cousa muy certa ẽ quẽ faz tudo
quẽ ama muito: pouco lhe parece
Amor, q̃ se naõ faz nisto asȳ mudo
de suas leys digamos q̃ se esquece,
doudices saõ damor, porẽ sesudo
A postura, & a dor quẽ naõ enternece
Cos olhos, pes, & maos, & lingoa serue
porq̃ sua tẽçaõ siga, & conserue

E, caminhando sos Isaac lhe disse
pay meu: a q̃ respõde o Sancto Velho
q̃ queres filho? quẽ te tudo visse.
E basta pera o Ver este cõselho
Torna o Minino como, q̃ sẽtisse
o q̃ nũca sentyo todo Vermelho
do fogo, & lenha Vejo o beneficio
Onde tẽdes dizey o Sacrificio?

O Senhor prouera deste cordeiro
pera o Sacrificio lhe disse hydo
Chegou onde o amor, quis Verdadeiro
Nelle logo hũ altar as maõs pedido
No qual alenha pos, e asy primeiro
A noua hordẽ, e conceito descobrido
Ata o filho despois disto ter feito
Q̃ ate os mouimẽtos tẽ sojeito.

Tomao asy naquelles fracos braços
poem no sobre o altar q̃ aly fizera
Co amor desfazẽdo os sotys laços
Emcima desse feixe q̃ trouxera
Mas estẽdẽdo a maõ cõ leues paços
Tyra a espada, q̃ o nome ja perdera
pondo os olhos no ceo na causa enelle
Naõ teue dõ de sy, ceito, nẽ delle.

Mas tudo deixa atraz, deixa descãso
passa, pello q̃ Ds lhe certeficão
do Messias nascer do filho mãso
sẽ saber, o q̃ faz, q̃ significão
pera q̃ dou rezoẽs? porq̃ me cãso.
Tudo nesse seu tudo sacrificão.
Teue tamanha força este rigor
q̃ o quelle hia fazer, fez o Senhor.

E, naõ cõtẽtyo mais; q̃ só a võtade
Teueo o Anjo hýdoa execcutãdo.
Naõ faça mal ao moço a lealdade
Entendý cõ q̃ foste a isto chegado
Leuanta Abrahã os olhos cõ verdade
E, pera traz a caso hũ pouco olhãdo
Vio cordeyro entre espinhas ẽrredado
Tomao por elle foy sacrificado.

O Senhor Vè posa este sitio nome
A seu respeito Inda oje assy se chama
Q̃ cousa obediēcia ha, q̃ naõ dome?
Sempre ella das majores deixou fama
Cõ gosto ao Senhor fez, q̃ a morte tome
As promesas ouuyo de quē tãto ama
Juntos a Bersabe tornaraõ todos
Cõ silēcio d'amor louuãdo os modos.

he bastãte repouso este, q̃ digo?
pera a alma descãsar q̃ seja impura
he aliuio amoroso e sē perigo?
Em q̃ naõ tē alçada a vaã Vētura?
Tornemos a seguir; Musa o q̃ sigo?
q̃ Barbara o caminho nos segura
Naõ na aflija a ter aspera ladeyra
quē na sobir naõ foy ella a prymeira.

Pera q̃ me detenho, e te dillato
O q̃ he capaz de mil naõ dù Martyrio
Naõ seja a meu IESV niguẽ Ingrato
Frol, bonina, Iasmỹ, Viola, elyrio.
Bẽ sey q̃ naõ no foste de quẽ trato
he do mũdo Senhor, e ceo Impyrio
por dar aos homẽs Vida so morreo
O q̃ nos sofre agora, E a q̃ sofreo.

A sua cruz foy nossa Monarchya
quẽ de sy, pera ty cruz ia fogisse
O q̃ deste caminho nos desuia
fora está de o seguir se seu mal visse
poys outro ladraõ sou, ouca outro dia
E pois faço, o q̃ foz diga o q̃ disse.
Teus olhos piadosos a mỹ volta.
A lingoa, e o amor, prezo me solta.

Se Isso sempre, q̃ imittas Imitares
Nũca te offẽdera tyrano espãto
quando com penas ja aquy voares
q̃ te pode negar, quẽ te deu tanto?
Amalho pera te logo desamares
E sẽ limites so quãdo for santo
Enche de bẽs, e gostos novos alma.
despois do q̃ vẽçeo lh'entrega a palma.

Cada vez mais se estimaõ cousas graues
Foy antiga merçe. mas sẽpre he noua.
Saõ dores de teu dõ, saõ taõ suaues.
q̃ naõ quer outro bẽ, quẽ nas bẽ proua.
Na terra saõ amor, no çeo saõ chaues
Isto mores castigos nos estroua.
Abrẽ o q̃ a maçaã fechado deixa.
Foy culpa q̃ deixou fellice queixa.

Em dous montes veras teu Ds, e tudo.
Nu Sò desemparado, & abatido
E, por homẽs, de quẽ se fez escudo
Cõ morte taõ infame perseguido
Se o filho delrey Cresso sẽdo mudo
da cõpaixaõ do pay fallou mouido
Ah naõ sejas soldado deshumano
lhe diz olha q̃ he Rey, e q̃ he humano.

Vẽcẽdo a dor prezẽte a natureza
Naõ pode mais sofrer tudo rõpeo
possa mais a cobiça, q̃ a crueza.
pois a ventura agora te temeo
Nouo amor mostrador dalta grãdeza
q̃ os antigos louuorẽs mereceo
Em sy neste Caluario podes ver
hũ q̃ se deixa amar, mas naõ dizer

E, em outro occupado de oljueiras
F. da saudosa May, que sta dõtrãga
Ante os q̃ aõ de ter doze cadeiras
quãdo o mũdo tiuer, de quẽ foy paga.
despois Ja das pallauras derradeiras,
hũ fogo lhe ascẽdeo outro lh'apãga
Onde aõ de hyr, & aq̃ lhes mãda, ẽsina
q̃ fiquẽ consolados determina.

Como se desfariaõ tal ouuỹdo
Os amorosos filhos, q̃ alj estauaõ
Cõ lagrymas sospiros despedĩdo
E naõ de cujo amor arrebẽtauaõ
Joaõ tornasse ao peito descobrỹdo
Como todos sẽtudo alj ficauaõ
Maria, aos pes se Vay õde la achara
ho Amor, q̃ perdera, & q̃ buscara.

Da raynha dos ceos naõ direy nada
de quẽ se disser tudo, he o menos della
deseja de hyr cõ o filho esta Iornada
Mas ellẽ ẽ seu lugar, quer q̃ fiqu'ella
Foy dor sò sẽ poder ser comparada
Como naõ pode o Sol ser cũa estrella
Em sò lhe obedecer sò se cõforma
porq̃ amor ẽ sy mesmo se trãsforma

Despois disto, & das cousas mais secretas
tudo guardar silẽcio, & os passarinhos
Na hora q̃ deixou nos peitos setas
Na hora, q̃ os deteue ẽ seus raminhos
quãdo feras chegarão a estar quietas
quãdo cheos de flores os caminhos
quãdo sò se callarão leues Vẽtos
quãdo aterra acabou de dar tormẽtos.

Apartado o Senhor ex se leuáta
E, ex entaõ de nouo o prado soa
A nuuẽ Juntamẽte os rouba e espáta
A dor a cada hũ dá sua coroa
Nella sobĩdo vaj tudo lhe cáta
E o ceo seus louuores apregoa
Cos olhos o seguiraõ e cõ as võtades
Ate se verẽ só cõ saudades

A bençaõ lhes lançou do ar sereno
Naõ se pode apartar quãdo naõ fica
Naõ aja espirito Ja pobre, e terreno
poys a Corte Celeste está taõ rica
Neste espaço q̃ tẽ breue, e pequeno
Nelle nouos amores significa
pasmados, e confusos ficaõ todos
Q̃ estremos cada hũ faz de mil modos.

O patriarcha foy disto figura
Q̃ a bençaõ roubou cõ justo ẽgano.
Ao hyrmaõ. porq̃ tãto se auẽtura
Q̃ esqueçe tido ser por deshumano.
Batendo à portã ja da sepultura
A hũs descobre bẽs, aoutros dano.
E iaõ doze tambẽ mas differẽtes
A bençaõ lhes lançou, tendoos presẽtes.

Dous Anjos lhes perguntaõ. q̃ sentystes
Q̃ estaas Varoẽs assy de Galilea!
Isto deue fazer so almas tristes?
Tudo faz vossa perda, q̃ se crea.
Este IESV q̃ ao çeo subir ia vistes
Assy vira despois, o quãdo enlea
Ao Cenaculo, do mar a estrella torna
Q̃ ha apostolica turba insigna, e orna.

Ouuiste o q̃ cantey! porq̃ nao afrontes!
Em ver as differẽças tão estranhas
Nao do Caucaso, & olympo doutros montes
Em que amor obrou nouas façanhas
que cuida nellas, tẽ nos olhos fontes.
So afee nos faz crer cousas tamanhas.
Q̃ podes tu fazer lembrada disto
Q̃ não tenha por ti feito mais Christo?

Ja chegas Sancta ao mõte onde sobias
Co amor, co desejo, & co cuidado
Onde mores perigos, q̃ estes vias
Mas teu intento nũca ser mudado.
he porq̃ auia mujto q̃ entendias
O bẽ, q̃ pera ti esta goardado
diante de hũ Senhor, q̃ o por vir sabe
E o lugar a cada hũ dá q̃ lhe cabe.

Vendo a desejada, & ditosa hora
Naõ esperou por mais por ysso atrue
hũ nouo coraçaõ cria em mỹ agora!
puro divia em sỹ qual se te deue
Se eu a q̃ mereçes meu di fora
Achara tudo facil, brãdo, & leue
Teu peso quanto mor, menos carrega
Naõ he o mũdano asỹ, & ha quẽ o nega!

Cos giolhos na terra, olhos no çeo
Nesta postura está; & nella agoarda
Cõffesando, q̃ nũca o mereçeo
Q̃ sempre desejou, o q̃ lhe tarda
O Amor a entreguou, & deffẽdeo.
Q̃ asỹ dos mais perigos a resguarda
Como sabio pilloto q̃ a nao tyra
dos baixos, q̃ de muito lõge vira

Assy o nosso piloto soberano
O fez agora nisto a sua esposa
Mostrandolhe no mar do mũdo oćeano
Da vida, q̃ viuer quer oçiosa
Trõco de q̃ nos brota todo o dano
Tormentos, trajos são dalma fermosa
Cõ q̃ de perfeiçoẽs nouas pareçe
Ante quẽ terra, e ćeos tudo obedeçe

De algozes nossa Sancta rodeada
Cõ tristezas humanas se allegraua
quãdo se via delles desprezada
Cõ elles o seguro porto achaua
O cousa pera ser sempre cuidada
quẽ lhe vinha amostrar o q̃ buscaua
Cõ potençia nenhuã lhes resiste
Q̃ so Martyrio, e amor nisto cõsiste.

E, que te Vyra então! que t'ajudara!
tua pena sem culpa assy o moueria
tanto porte ajudar se auẽturara
q̃ no mayor ẽcontro se posera
O Amor meos muy Justos lhe buscara
porq̃ infinitos tem como tiuera
Mas se ella te achou Jesu benino
Não fica meu desejo desatino

Tu constancia lhe dás tu cõfiança
tu fazes q̃ a fraqueza seja forte
de modo lhe seguras a esperãça
q̃ desestima a Vida, & estima a morte
No bẽ não lhe consẽtes ter mudãça
porq̃ as raizes dos males nisso corte
tu lhe fazes em ssy q̃ nada a uẽça
E, não lhe ás de pagar despois cõ tẽça

Mas cõ fellice bẽ supremo, E eterno
Nouo, suaue, certo, e incomprẽhensiuel
Liure do mundo Ia, liure do Inferno
Onde desordẽ, e mal, hà Inuẽciuel
Lugar q̃ se gouerna sem gouerno
A sajda do qual fica Impociuel
A naõ auer mor mal, q̃ os moradores
poderaõ se deixar cousas majores.

Lembrança para ter cada momẽto
quem quiser q̃ a Verdade naõ lh'esqueça.
Naõ pode duuidar o entendimento
q̃ à morte tanto leuante, e tanto deça
torna outra Vez a Sancta a seu intẽto
À deuota oraçaõ, em q̃ começa
Imitando seu Mestre, a quẽ no horto
Esse tredor achou em Vida morto.

Hyndo por capitaõ diante logo
Lanças, Soldados traz, armas, segredo
huũs cõ lanternas vẽ, outros cõ fogo
pontifices tambem todos cõ medo
Naõ lhe sofre a cobiça esperar rogo
tendo a presa certa ou tarde, ou cedo
Chega, beija, entrega, Caie, e ẽgana
Nẽ d'ũs esperar tudo o desẽgana.

O peçonhẽto bicho. O cuja boca
Isso aquella face allegre queres
por Malcy, do q̃ eras fazes troca.
Como de tanto fogo neve feres
da graça tinha o Imigo essalma oca
do temor, nẽ do amor naõ te vẽceres
Naõ foy por te faltarẽ beneficios
Mas em Ar, quẽ soster vio edifficios!

Animosa, e enleuada é seu desejo
Chegou a não poder com tanto gosto
Não sej Meu d's, q̃ faço, sej, q̃ vejo
O q̃ em contino espanto me té posto
Eu não por mý lhe diz, por tý me lejo
quando merecerej de Ver teu rosto
Alj cousas tão altas pede, e trata
q̃ de todo me foje, o ẽgenho, e ata.

Ah Senhor sem priņcipio quē t'offẽde
Idæa Vniuersal das Creaturas
he pedra, pao, ou sombra ou não sẽtẽde
Artifice, de Æternas fermosuras.
desejo pergũtarlhe, q̃ pretẽde
quajs destas cousas tẽ por mais seguras
de quajs s'arrepẽdeo despois de feitas
quajs destas são mais justas e perfeitas.

A terra pera boõs, & maos fizeste
O mar, o Sol, o ceo, o ar sereno
Nuuẽs & chuua, a tẽpo tambẽ deste
Ate aos q̃ te seruẽ de veneno
pera tudo nos dar por nos morreste
q̃ faz todo outro bẽ, baixo e pequeno
todos viuos retratos somos teu
q̃ fizerão tuas mãos Criador meu.

Ouueme allegre bẽ pois por ty brado
por David prometeste ser assy
quẽ de ty, e meu triũpho for lẽbrado
tenha nouas merces, pois são por mỹ
Seja do ar corrupto libertado
A quanto por quão pouco Senhor vỹ
Não chegue sentyr mal, q̃ o atormẽte
So co q̃ quis o ymigo se cõtẽte

Carne, e sangue bẽ ves q̃ nada pode
sem tentações as vezes, se lh'entrega.
q̃ faz, porq̃ o mal se lh'acomode?
quantas cousas cõffesa? e quãtas nega?
por mais, q̃ tu lhe bradas não sacode
co q̃ te deue verte, deixa, e cega
Estampa somos tua, ysso nos baste
q̃ amor não sofre, o tempo q̃ se gaste.

No dia derradeyro temeroso
do horrido Juizo Vniuersal
o espirito, q̃ for do meu zeloso
q̃ tenha em tão, te peço, o q̃ então val.
hũ grão lumor sẽtyo logo espãtoso
do prometido muyto desigual.
q̃ fara tudo (diz) por seu respeito
tanto o tinha obrigado, e satisfeito.

do Ceo se ouuio huã voz, Isto dizẽdo
q̃ em tudo declaraua dõde vinha
fica aquell'alma tal, q̃ não no ẽtẽdo
digão quẽ se della entregue tinha.
Os crueis, q̃ a estauão ouuĩdo e vido
parece, q̃ a dureza roubão minha
Não fazẽ conta mais, q̃ de seus males
O Amor, a quẽ t'ama quãto valles

Q̃ descansar viessem nas moradas
de seu paj, q̃ no ceo cõ gloria tãta
estã ante essas almas delle amadas
Na alta Hyerusalẽ cidade santa
Q̃ por arte não forão fabricadas
Como a Romana Igreja ẽsina, e cãta
E, a fé nollo diz, e nollo alcãça
despois, q̃ perde o uso da esperãça.

Lembrame, q̃ escreuendo o Euãgelista
O parto glorioso, e sem segundo
pasmado da merçe em Betlem vista
Columna, q̃ soste o fraco mũdo
Naõ achou Lucas santo Coronista
traça pera misterio taõ profũdo
Cõ q̃ mais realçasse o q̃ queria
Senaõ dizer, quem pare, e o q̃ paria.

Trata só do q̃ cuida, q̃ nos roube
deixa estillo oratorio, e seus louuores
quanto mais, q̃ Thymátes nisto soube
quãdo cõ o veo suprio faltarẽ cores
hũ risco, q̃ antre dous, hà Appelles coube
Muito mor nome deu, qu'obras majores
E, por ysso Imitar o quero agora
Se tal como o pinçel a Musa fora.

Esforçada cõ as nouas, q̃ tiuera
Enchegando ao lugar determinado
posto, q̃ sem as ter tudo fezera
Seu coraçaõ assy foj descãsado
foj lembrãça d'amor, era, o q̃ era
O q̃ cuido naõ pode ser cantado
Naõ me deixes tu Virgẽ neste passo
se o naõ chego a sentyr, grãd'erro faço.

Mas porẽ he forçado hyr adiãte
Inda quẽ no cuidar tudo m'atalha
se for, quẽ pode quer q̃ chegue audte
Esta sô rezaõ basta, ella me valha
Q̃ aja Neros, naõ hâ de q̃ me espãte
por excedello quãto este trabalha
Barbara a cabeça logo inclina
A espada faz crueza peregrina.

Ô Noua crueldade, ô caso horrẽdo
della o lugar primeiro se te deue
Como naõ foste o effeito desfazẽdo?
poys sempre pesada es, quẽ te fez leue?
Q̃ estremos nesta espada fico vẽdo
Mas quẽ a fez cortar a culpa teue
do qual tratar naõ quero pouco ou muito
Maa planta quẽ vio nũca dar bõ fruito

E viose agora ẽ quẽ vendo taõ peito
Magoas, q̃ a ninguẽ deixaõ sẽ ellas
despois do golpe, e sangue o ter cuberto
parece, q̃ ficou so liure dellas
Esmalte, q̃ realça esmaltes certo
As outras cousas mais naõ sey dizellas
O ser verdugo o pay a justa filha
Sô Martyrio lhe dar; q̃ marauilha?

Daquelle, q̃ vẽceo Pompeio lemós
Origẽ da Cæsarea Monarchia
da cidade Senhor onde oje temos
A cadeira em q̃ Pedro socedia.
q̃ a cabeça choiou de quẽ sabemos
E do Trojano Eneas descẽdia
Nas perigosas cousas o primeiro
liberal, piadoso; e verdadeyro.

E com ser tal treiçaõ noua lh'ordena
O mũdo, q̃ naõ sofre, a quẽ obedece
A morte por enueja se condena
Mal q̃ asy, nẽ aos outros naõ conhece
Sô de bruto adagada lhe deu pena
Tambẽ filho (lhe diz) tisto parece
Naõ teue as vinte duas por feridas
por Bruto huã naõ dar, dera mil vidas.

Naõ choras David Vendo perseguido
de Saul pella enueja das cãtigas
Choras Ver Absalon co pouo erguido
fazendo contra amor, & rezaõ ligas
da Magestade, & real trono esquecido
Ter compaixão de ty; a tudo obrigas
Cõ a arca do Senhor vas camynhãdo
descalço, descuberto, & sospirãdo.

O sabio Salamaõ, q̃ fez o templo
sẽ martello se ouuir, raro e custoso
q̃ dõ do pay naõ quis, e q̃ cõtẽplo
Misterio, a q̃ o Juizo he perigoso
q̃ pode a leys seruyr daviso, e exẽplo
Julgar a duas Mays hũ caso duuidoso
de qual dellas, aquelle filho era
Engano q̃ so elle conhecera.

Despois de rezões de huã, e doutra bãda
E, cores differentes ver nos rostos
huã espada vir nua antellas mdda
pera partyr cõ ella seus desgostos
A piadosa May tão s'abrãda
q̃ por alljuio té ficar sé gostos
Tã Senhor antes só mo leue todo
q̃ pera se lhe dar foj Justo modo.

O q̃ aos Assyrios mais causou tristeza
Em tudo deixaõ, dor, porq̃ s'entẽda
foj cõ mostras de amor usar crueza
Judith quãdo a cabeça traz datẽda
Ardil, e obra Insigne de fineza
faz, q̃ a çidade vẽça, e se deffẽda
Saul por Jonathas quebrar preçeito
quis matar. val lhe o pouco ter respeito.

Logo como Aulo Fuluio Soube certo
q̃ hũ Seu filho é pessoa, e tudo amauel
se tinha contra a patria descuberto
Fero só Sobre todos Intractauel
Manda q̃ ante Sy lho matẽ, e perto
preçede, o Amor á dor caso notauel
pede o filho, q̃ Seja antes na praça
Naõ Synto a morte, diz, mas quẽ na traça.

Agis Ley deste nome o derrãdeyro
dos costumes tornar ao Leyno ãtigos
E leys q̃ deu Licurgo Justiçeyro
A morte os Seus condemnaõ como Imigos
Chorando a Semrezaõ o Algoz; primeyro
Chora Ser dada a morte por amigos
lhe diz) de quem as Vidas esperaua
Isto me faz Sentyr, o q̃ tardaua.

O Romano manhoso Oracio Vindo
Cos despojos dos tres, q̃ morto tinha
Cõ lagrymas a hyrmã o foj seguindo
Vendo o uestido, e Vẽdo que naõ Vinha
A morte, por lha dares Vou sẽtindo
Mais (lhe diz) q̃ se a morte fora minha
Se esta dor cõ gentios pode tãto
q̃ fara quando der nũ peito santo

Teu fỹ deu Ja priçipio a tua alegria
O tallento Ja sabes quãto monta
dejxaste a noute escura pollo dia
Fim q̃ s'acaba a dor, pena, e afronta
gozas daquelle amor, q̃ merecia
fazermos delle só ẽ tudo cõta
q̃ quanto mais nos gasta, e nos cõsume
tanto de lõge mais mostra seu lume.

A hũ soldado vil destes presẽtes
Mãdão q̃ te degolle Juliana
Estes hyrcanos tigres, e serpẽtes
Nenhuã cousa ē q̃ os desẽgana
Mas se vão, não virão despois cõtẽtes.
Amor propio, o quãto nos ẽgana
Cegã, e muda, as cousas, de seu ser
So pera nellas ver, o q̃ quer ver.

Logo o braço levãta, e se aparelha
E faz do estoque, sol, cõ riso, e gritas
As cousas, q̃ lhe foy dizer a orelha
da sua boca so podẽ ser ditas
Ora a quer reprẽder, ora a acõselha
Cõ maldades, q̃ nũca forão escritas
Por lhe mor pena dar mais tẽpo agoarda
Cõ feros, a ameaça, e diz q̃ tarda

Mas a Innocente Moça saudosa
Ja do q̃ à companheyra fazer vira
responde. Se sabia q̃ era esposa
de quẽ os bẽs do ceo sò dà, ou tyra?
Cõ a yra a fez logo gloriosa.
A reposta lhe dà, porq̃ sospira
Se degollada foy cõ grão deshorra
quãto mor ella foy, tãto he mor hõrra.

Aly do sangue d'ambas sinal fica
Nas Fruas, e nos seixos por memoria
pedraria do Ceo custosa, e rica
despojos tryumphais desta victoria
quẽ sobre este edifficio s'edifica
paços nouos tera na Æterna gloria
Como de quẽ cantey, por ysso teue
duas Aureollas, paga quẽ lhas deue.

pois q̃ contigo está onde hyr espero.
pouco devo dizer, muyto Imitar
q̃ rodeo! q̃ busco! q̃ mais quero
q̃ posso vir sem ysto a desejar
tomara a Musa agora aquy d'Homero
E erros de tal gente exagerar
Se louuardes Crucys, o q̃ este faz
louuay tambẽ a pena, q̃ lhe traz

Naõ lhe quis dillatar mais a Iustiça
diuina, seu castigo a culpa graue
As Inuençoẽs de ẽganos cõ q̃ atiça
quebraõ â misericordia abráda chaue
porq̃ o mal deste foy medo e cobiça
Mereçeo nenhũ bẽ, lhe ser suaue
Contra elle cõ rezaõ tudo indinouse
E se podera ser, quis, e vingouse

Em fim descẽdo do monte o Monstro feo
q̃ outro nome naõ tẽ taõ vil sojeito
Lá da alta Aternidade hũ rajo veo
Naõ quis, q̃ nẽ em poo o vissẽ feito
Comũmẽte assy he conforme o meo
Se queremos o bẽ sumo, e perfeito
do mũdo naõ deixemos ẽganarnos
pojs q̃ podẽ, e naõ pode cõtẽtarnos.

Logo co mesmo rajo foy ferido
Marçiano, a quẽ a parcha ja buscaua
Começa a gozar cá do merecido
premio, q̃ seu mal la lhe seguraua
Ainda se naõ tinha por perdido
Ainda cõ ẽganos se enganaua
Ate q̃ o entreguou onde queria
prodigio, q̃ em Aterno elle arderia.

Daquy nasceo aquelle bõ costume
quando corre, e da nuuẽ rasgadura
Mostra espanto e synais de sy ter lume
despois q̃ lhe desfaz neue a quẽtura
Foje só de temer, o q̃ presume
Mil objectos no ar nos afigura
Os rajos, os coriscos, os cometas
Seruem de agudas, e ligeiras setas

destes synais quẽ vẽ algũ ou ouue
posto, q̃ seu effeito estê entẽdendo
ho espanto geral contudo moue
de quem parece estarmos depẽdẽdo
pronosticos naõ há quẽ logo estroue
por onde, o q̃ hade ser ymos sabẽdo
Naõ digo, q̃ se deua ter por certo
he como quẽ do aluo vaj mais perto

As Matronas Viuuas, & dõzellas
de boninas, de lyrios, & de flores,
lhe tecẽ differenças de Capellas
por lhe ensinar amar castos amores
deixaõ cõ seu exemplo, exẽplo ellas
Nem lhe dera o Delaura seus louuores
Seus sumptuosos templos tẽ ornados
Maõs braços, olhos, pes, aly curados

Cruzes fazem acçendẽ Cyrios bẽtos
Tudo dessasosega, & descõtenta
Creçẽ receos, vaõ crescendo os vẽtos
pareçe, q̃ o sojeito, q̃ se izenta
No mar os alterados mouimẽtos
Naufragios, faltar leme na tormẽta
por Barbara chamãdo tẽ bonãça
desconheçẽsse as cousas cõ a mudãça

Naõ fica romaria alguã, ou voto
q̃ logo se naõ ouça promitido
trabalhaõ qual seia mais seu deuoto
E vejaõ como deue ser comprido
q̃ lugar há taõ ermo & taõ remoto
q̃ tenha seus louuores escõdido
Nũca tornou atraz voa, e caminha
te chegar onde seu esposo tinha

De Joseph Valenciano as Sanctas serue
[illegible] proprio monge penitẽte
Trasborda a charidade nalma e ferue
Obra effeitos da mor brãdo eminẽte
E pera q̃ os Thesouros mais cõserue
Leuaõ s da ly cõ pompa conueniẽte
Deuchates doze milhas a Oclaso
Naõ faz onde seia aqui a caso.

Porem por quietar a curyosos
Reuolui os mais átigos Scriptores
Achej q̃ Reys, e Reynos poderosos
Nem tinhaõ nome Ia, nẽ Succesores
Basta, q̃ aquelles corpos gloriosos
Escolheraõ dos nomes os majores
E q̃ Seja lugar pobre, e pequeno
Onde nasce o Senhor ẽ palha, e feno!

Falta o humano, e porẽ supre o diuino
Q̃ começa despois, q̃ tudo acaba...
Quãdo Se Iulga, e acha desatino
O q̃ nossa Soberba ate entaõ gaba
Pera a louuar o mũdo naõ foy dino
Q̃ naõ pode louuar quẽ no desgaba
He primor, q̃ Se usou mas ia naõ Suza
Despois q̃ a enueja e o mal lhe pos escusa.

As honrras funerais mãdã o Senhor
q̃ se lhe facaõ ia como merece
Tudo deixa e fỹ senaõ o Amor
q̃ naõ pode esquecer sẽpr'aparece
Cidade posta sobre o sitio mor
Vistas de quantas partes amanhece
sẽ poder a nỹguẽ ser escõdida
Mays q̃ o Sol, e q̃ a luã conhecida

da corte celestial acompanhada
tudo lh'o padre Æterno cõcedeo
d'Anjos e Cherubins foy rodeada
Cos hymnos, q̃ seu choro mereceo
Como dos Seraphyns foy festejada
porq̃ do coro seu tanto sergueo
Cantara mas fiquey dos mõtes rouco
quẽ no quiser ouuyr agoarde hũ pouco

Mas cõ meditação pia sitamos
O q̃ nos pede o amor, e nos obriga
Cos olhos de Argos naõ, da fe vejamos
q̃ co amor, o Senhor se ajusta e liga
Co amor a seu amor so festejamos
do amor só mãda tudo, q̃ se diga
he bẽ, a q̃ naõ sofre faltar nada
Como sabe a lealdade exprimẽtada

Naõ he poder, q̃ teme ou descõfia
porq̃ quanto mais da, mais lhe sobeja
he lyberal senhor sẽ tyrania
dá dor, a cada hũ do q̃ deseja
disso torno a cantar, o q̃ dizia
q̃ no ceo ja naõ há, mas ouve enveja
porq̃ atraz o castigo tenho dito
Basta a lẽbrãça ter cõ dor escrito

Chegando assy esta alma peregrina
A fruyr dessa Immẽsa fermosura
No Ceo Impyrio parte della dina
Onde estara ẽquãto o Æterno dura
Vendo aquella essencia alta e divina
Em q̃ cõsiste a gloria dalma pura
Naquelle Instante Vio logo acabados
Pensamẽtos, desejos, e cuidados.

As Virgẽs a recebẽ alegremente
das Virgẽs a rainha cõ mais festa
Os Martyres apregoaõ de Iminente
Em tudo de exemplar, humilde, e honesta
Os doutores a louuaõ de prudẽte
Os Inocentes todos de modesta
E q̃ desenganou o pouo rudo
Cõfessaõ ~~[illegible]~~ falso en tudo.

Como otempo descobre as cousas Elle
Em nada nos segura suas mudãças
quẽ leuantou derruba mesmo nelle
Com tudo desẽgana cõfianças
Conuẽ q̃ alma prudẽte se desuelle
E ponha sò nos ceos as esperãças
Nestas tresladacoĩs, q̃ entre maõs temos
O q̃ Ja quis prouar claro Veremos

Por discurso despois do tempo breue
o Sepulchro, q̃ o mõge dado tinha
A cidade q̃ o nome Abises deue
desejada de Reys, doutra Raynha
daqual tudo o q̃ quis Seuero teue
Cobrada porquẽ outro lhe detinha
de dous Mares tambẽ porta se chama
q̃ de males, e bẽs deixou graõ fama.

Por occulto misterio em tudo grãde
Segredo, q̃ lá só dõde vê cabe
Q̃ de Barbara o corpo alj se mãde
Mas o como nẽ modo não se sabe
Seria porq̃ a culpa, e pena abrãde
da gente q̃ seu fỹ só a desgabe
Mimosa, descuidada, liure, e solta
Q̃ nẽ cõ mil castigos não deu volta

Como o Senhor esta o por vỹr vẽdo
E quanto mais justiça acrescẽtaua
Os erros, q̃ agoardarlhe hyão tolhẽdo
E nẽ depressa, a Emenda se cuidaua
Como quẽ vaj edifficio desfazẽdo
tira a columna só, q̃ o sostentaua
Porq̃ sem mais trabalho caja logo
Pera tempo escusar ẽgenho, e fogo.

O artifice diuino quis por Isto
q̃ daly sua esposa se tyrasse
castigo foy primeiro todos nisto
porq̃ despois as maõs lhe naõ atasse
O q̃ Mahometo fez nũca foy visto
Imagẽ, nẽ relliquia, q̃ escapasse
Ate hũ Crucifixo venerado
foy por ruas cõ gritas arastado

gẽte q̃ de rezaõ uso perdera
torna a Crucificar em sy de nouo
A effigie do Senhor, q̃ aly estiuera
A quẽ cõ deuaçaõ buscaua o pouo
renouaõ do os escarneos, q̃ Sofrera
O ydolo Inda aquy naõ teue estrouo
q̃ agoardas alma mais, q̃ naõ lh'acode
passea, come, vỹ, descãsa, e pode.

O erro, q̃ naõ sey, quê naõ deseja
Acabar logo alỹ, quê nos comete
Mas o passado Ja, o por vir veja
Q̃ a causa a mesma culpa nos promete
O q̃ o pastor quiser Romano seja
Rezaõ, aquê nos mãda sò compete
porq̃ perderse asỹ esta çidade
foy por obediēçia ter vontade

de q̃ pera vencer todos fujamos
Armas, q̃ rendē sò vontade, e gosto
A vista quãto mais aleuantamos
Tanto o Sol nos çega mais o rosto
Asỹ, q̃ noutros Reynos nos vejamos
Jouuemos, quê nos tẽ cà neste posto
Liures do atcado, e solto fogo
por naõ se castigar hũ falso Logo.

Tãto estima o Senhor, quẽ se lh'ẽtrega
q̃ quando asy deshõrras naõ perdoa
E, se deixa nas maõs de quẽ se cega
Entaõ mais seus louuores apregoa
N'afrõta, e no perigo naõ se nega
Amor, o q̃ naõ digo me perdoa
No horto naõ asy. Aos seus deffẽde
Isso daquella offẽsa só pretẽde

Ja Illustres, a entaõ tinhaõ trazida
A Veneza õde esta fazẽdo tudo
da ly aos mortos dá se querẽ Vidas
da ly ao cego Vista, e falla o mudo
Venerada de todos, e seruida
do baixo, do alto, do prudẽte, e rudo
tanto pode, q̃ goarda este Senado
d'abusos, e inconstãçia rodeado

Os triumphos cõ q̃ se receberia
por mais q̃ forão muitos, mais merece
tudo o q̃ pode ser se lhe faria
q̃ o gastar co Senhor sẽpr'enrriquece
Na casa esta de quẽ o Anjo dizia
Chea de graça estar do mais s'esquece
Nũ Insigne Sepulchro novo e raro
d'ũ Alabastro mais q̃ cristal claro.

goardada daquella hordem tão antiga
Cruciferos chamada florescẽte
q̃ não falta hũ author, grave q̃ diga
Començar sendo pedro então presẽte
Ou logo ou despois delle a crer obriga
Cũ milagre, q̃ conta brevemẽte
Q̃ ao papa apareceo Cleto hũ cordeiro
fermoso cũa cruz caso primeiro.

Dizē, q̃ lhe mandou, q̃ edificasse
hũ hospital so pera peregrinos.
Onde todo, o q̃ fosse a Roma achasse
O q̃ lhe roubaõ nossos desatinos
q̃ o ministro, q̃ aly seruisse, e ãdasse
Trouxesse cruz na maõ olhos idinos
q̃ naõ chegaraõ a crer merçe tamanha
O qual logo se fez por hordē estranha

Cyriaco outros tē, q̃ a começara
patriarcha da nossa casa Santa
q̃ a Helena do Senhor a cruz mostrara
por peccados entregue, a offēsa tãta
Conhecēdosse em fy se bautizara
Bispo de q̃ louuores a fe canta
de ver como crescia a Chrystãdade
E vinha a visitar esta cidade.

Fizera hũ hospital muy grãde nella
Onde todo o estrangeiro se recolha
A gente, q̃ seruir de tudo aquella
Nas maos traga, o q̃ sẽ barrete se olha
Memoria, q̃ ninguẽ deue perdella
deixemos ao lector agora a escolha
O Apostata neste tempo Juliano
Cõ Martyrio lhe dar, lhe cresce o ẽgano

Por entaõ se acabou cousa taõ Justa
Na terra, quẽ asy so muitas visse
A Inocencio terceyro papa custa
restituir despois o q̃ antes disse
Co a gerra, q̃ ordenou, â gente injusta
Concedeo a Cruzada à quẽ a seguisse
E vendo da Empresa o boõ successo
Ao q̃ tiuera fỹ quis dar começo.

Foy esta relligiaõ delle aprouada
por hordẽ regular, pia, e deuota
A cor do ceo lhe foy no abito dada
fermosura das outras taõ remota
debaixo da bandeira cellebrada
d'Aguostinho Melita núca rota
Cõ Martyrios, e letras deffẽdida
doutras coreta mais anda seguida.

E, como a principal cousa, e primeira
foy a cruz q̃ na torre ẽ pedra abriste
quis o Senhor tãbẽ, q̃ a derradeyra
tiuesse a Cruz na maõ, quẽ tudo viste
pois nas dores lhe foste companheyra
E, em leualla aos hombros o seguiste
q̃ a tenhaõ por insignia, e por diuisa
os teus frades, por seu Vigairo auisa.

Merce, q̃ por tua parte tanto estimo
quando ma descobrio o pẽsamẽto
Chameilhe amor de may, e tẽrro mimo
Não pode amor de sy ser auarento
quando muyto ao amado, e Justo primo
Em seu peito deixou ver seu intẽto
Atẽ a Cruz te dá, por dar mor hõrra
Em q̃ elle quis sofrer tãta deshõrra

Onde milagres faz sempre Infinitos
q̃ cousa grãde quis, q̃ não tiuesse
q̃ peitos obstinados, em contritos
Ouue q̃ d'is por ella não mouesse
E faz, q̃ nossas culpas, e dilitos
Nos perdoe sẽ ter disso Interesse
Ajnda, q̃ he tamanho o perdoar
q̃ he officio seu particular.

Ia Vemos claro; e facil, q̃ podemos.
o mesmo cõseguir co mesmo effeito
o mesmo de mesmo Senhor temos
o mesmo q̃ Inda amor se faz sogeito
Naõ pertende de nos nouos estremos
Naõ da nouo rigor, nouo preçeito
Naõ da pessada ley, mas Jugo leue
Q̃ co amor se sofre como deue

Naõ nos enganẽ longes pois taõ perto
temos Ja quẽ pagou por nos primeiro
Naõ he fabula vaã, he texto çerto
dito porquẽ em tudo he Verdadeiro
Q̃ pode o mundo dar senaõ o Inçerto
Enganador, Ingrato lisonjeiro
promete o q̃ naõ tẽ, e quero alheo
por mal, q̃ naõ tẽ ff nũca nẽ meo

Se Noe poem cem annos tão cõpridos
Em fabricar hũa arca tão pequena
Se a Jacob sete annos tão seruidos
Não bastão, q̃ Labam outros lhordena
Como serão de ty, la Virgẽ ouuidos
Meus Versos ondẽ tudo me cõdena
Tu me desculpa a ty, tu me perdoa
E sempre a te Imitar mais m'affeiçoa

Soncto A mesma Sãcta. As parabolas; q̃ se cãtão nas suas festa

Compradora celeste, q̃ vẽdẽdo
Tudo so pello mais logo o ẽpregaste
No campo, q̃ buscãdo nelle achaste
O thesouro, q̃ agora estas la vẽdo
Cobristeo peramor, ho hyr fazẽdo
Apercebida Virgẽ, q̃ agoardaste
O Esposo, e o azeite cõseruaste
Na lampada do peito teu ardẽdo
Nas espinhas nasceste fresca rosa
E no meo das treuas luz tão clara
Logo excedẽdo o ser da natureza
Estas pura sem magoa gloriosa

Amiga do Senhor é tudo rara.
Que naõ sey, qual é ty, he mor grádeza;

Ao pio Lector.

Na prosa do canto primeiro, e ne
lla digo, q̃ Sancta BARBARA es
creueo a Origenes, e teue delle
reposta seguindo nisto a Mestre
Claudio de Rota doctor da ordẽ
dos pregadores no liuro dos Sanc
tos q̃ recopillou, onde largamẽte
Conta esta hystoria, q̃ eu delle re
feri. E tambẽ Dionisio Cartu
xano a trata assy nũ Sermaõ, q̃
della faz. E porq̃ communmẽte
Os q̃ de sua vida escreuẽ, dizem
q̃ padeceo Martyrio na decima

perseguiçaõ, q̃ foy pello menos cin
coenta annos despois da morte
de Origenes. Pareçeo neçessario
aduirtir ao lector, a rezaõ, q̃ tiue
pera seguir aos Autores, q̃ digo.
Saõ ~~to~~ Hyeronimo no Catalogo dos
Scriptores ecclesiasticos, diz, q̃ mo
rreo Origenes no tempo de Gallo
e Voluciano. E segũdo Eusebio
no Chronycon dos tempos foraõ
mortos no anno de duzẽtos, e
sincoenta, e seis. e diz Saõ Hy
eronimo q̃ viueo Origenes sessẽta
e noue. E segundo o mesmo
Eusebio a perseguicaõ de dio
cleciano, e Maximiano foy

no de trezẽtos & cinco; Conforme a Isto naõ podia escreuer a Origenes Sancta BARBARA; mas nẽ por ysto deixey o q̃ o doctor Claudio, & dionisio escreuẽ, entẽdẽdo q̃ naõ foy o Martyrio da Sancta em tempo de Maximiano, senaõ no de Maximino, em q̃ Origenes viuia no anno de duzẽtos, & trinta, & sete. E porq̃ naõ pareça q̃ seguy Isto sẽ fundamẽto, diz, o Auctor q̃ escreueo o liuro intitulado fasciculus temporũ, docto, & pio, muy dilligẽte na computaçaõ dos tempos, q̃ padeçeo a Sancta no Imperio de Maximi

no

na era de duzentos, e trinta e sete em cujo tempo viuia Origenes, q̃ Imperou tres annos, pello qual foy feita a sexta perseguicaõ contra os Chrystaõs segũdo todos, os q̃ as escreuẽ. Isto mesmo segue Eusebio, e Nicephoro Calixto Auctores antiguos, e sẽdo Diocleciano, o principal auctor desta perseguicaõ, nomeaõ todos, os q̃ escreuẽ a vida desta Sancta cõ q̃ allego, q̃ foy no tempo de Maximiano naõ nomeãdo Diocleciano nenhũ delles, E o q̃ mais conuẽce he dizer Paulo Orosio q̃ Diocleciano no tempo da per

seguição estaua nas partes Orietais
do Imperio nas quais esta Elyo
poles onde viuia a Sancta com
seu pay, como conformaõ todos
E com ser isto assy, os q cõtaõ
esta gloriosa vida dizẽ, q a per
seguicaõ era de Maximiano, E
estando Diocleciano naquellas
partes, parece q naõ traz propo
sito nomearẽ por perseguidor Ma
ximiano, & naõ fazer mẽcaõ
de Diocleciano tomando elle
Maximiano por companheiro
no Imperio. Vendo todas es
tas cousas conjecturey, & cry ser
erro dos q primeiro escreueraõ-

a Vida desta Sancta, enganados
cõ a Semelhãça q̃ há, de Maxi
miano a Maximino. E, despois
tresladando assý hũs, dos outros
ficou este erro introduzido, como
acõtece em outras cousas de grã
de Importãcia, por esta causa
naõ quis deixar a deuota hysto
ria, q̃ os autores q̃ dixe escreuẽ
e por me conformar cõ ambas
as opinioẽs, trato tambẽ da perse
guiçaõ de Maximiano, como fiz
no quarto canto tratádo da origẽ
dos Cruciferos, em q̃ auia varias
oppinioẽs, nẽ he muito, pojs a ãtigui
dade do tempo as desculpa. Teme

tendome em tudo a correicão da
Sancta Madre Igreja.

Posto q̃ nas prosas dos cantos e Epis
tola em q̃ os dirijo, diga q̃ São João
Damasceno, e Arsenio escreuerão
a Vida desta Sancta. Aduirto q̃ Pe
ro galesino protonotario apostolico
foy o q̃ a recopillou de são João da-
masceno, e Arsenio autores gregos
Varões insignes e de grande au-
thoridade ==

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA